

UFRRJ

INSTITUTO DE AGRONOMIA

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
AGRICULTURA ORGÂNICA**

DISSERTAÇÃO

**Contribuições da Agroecologia para a Transição
Paradigmática: o Caso da Caravana Agroecológica e
Cultural do Rio de Janeiro**

Mariana Telles Rocha

2017



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA - DEPARTAMENTO DE FITOTECNIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRICULTURA ORGÂNICA**

DISSERTAÇÃO

**CONTRIBUIÇÕES DA AGROECOLOGIA PARA A TRANSIÇÃO
PARADIGMÁTICA: O CASO DA CARAVANA AGROECOLÓGICA E
CULTURAL DO RIO DE JANEIRO**

MARIANA TELLES ROCHA

Sob a Orientação da Professora
Mariella Camardelli Uzêda

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Curso de Pós-Graduação Profissional em Agricultura Orgânica - PPGAO

Seropédica, RJ
Maio de 2017

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

RR672c Rocha, Mariana Telles, 1991-
Contribuições da Agroecologia para a Transição
Paradigmática: o Caso da Caravana Agroecológica e
Cultural do Rio de Janeiro / Mariana Telles Rocha. -
2017.
144 f.

Orientadora: Mariella Camardelli Uzêda.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
AGRICULTURA ORGÂNICA, 2017.

1. Caravana Agroecológica e Cultural. 2.
Agroecologia. 3. Redes. 4. Transição Paradigmática.
5. Metodologias. I. Camardelli Uzêda, Mariella,
1968-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRICULTURA
ORGÂNICA III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRICULTURA ORGÂNICA**

MARIANA TELLES ROCHA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências, no Curso de Pós-Graduação em Agricultura Orgânica.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 29/05/2017

Mariella Camardelli Uzêda. Dra. UNICAMP
(Orientadora)

Claudia Job Schmitt. Dra. UFRGS

Irene Maria Cardoso. Dra. WUR/Holanda

Caravana

Corra! Não pare, não pense demais
Repare essas velas no cais
Que a vida é cigana
É caravana
É pedra de gelo ao sol
Degelou teus olhos tão só
Num mar de água clara
Geraldo Azevedo

Comboio

Passos que envolvem ações
Que desempenham realidades
Envolve-me por que está no sangue, e me
abalo com as barbaridades
Sendo o mais fácil ser o pior
Analiso e me considero a falar
De tal realidade que podemos mudar
Pequenos detalhes, que desafiam
Saberes em comum valorizados e
desenvolvidos em geral
Passos que se tornam longas caminhadas
Que movem barreiras
Que arrastam pessoas
Pessoas prestes a mudar
Transformando o hoje
Mostrando a força de um movimento verde
Verde, pois move a esperança
Que o mundo possa acordar
Ver que o lindo está na simplicidade
Onde me indago com a síntese da real
facilidade
Que aos poucos vai tudo acabar
Que as nossas boas ações possam transformar
Pois a caminhada é longa
Mas juntos somos fortes e não vamos parar.
Jose Wilson Ferreira Bispo NEA - Minas
D'Água IFNMG Januária-MG

AGRADECIMENTOS

As palavras são escassas para falar sobre o sentir. São muito poucas para falar ao sentir de alguém. Que essas palavras consigam transmitir, ao menos um pouco, o que meu coração sente e emana. Como corro um risco tremendo de não recordar nomes por causa do meu horário de nascimento (quatro e vinte), mas mesmo assim, vou me arriscar. Inicialmente, eu gostaria de fazer um agradecimento amplo autogestionado. Onde você se sentir representado, sinta-se envolvido pela minha gratidão, carinho e amor.

Gostaria de agradecer primeiramente à Grande Mãe e ao Grande Pai, duas faces da mesma força criadora. Todas as arquitetas anciãs e arquitetos anciãos do Universo. Aos Orixás e Entidades. Obrigada pela profunda paciência, sabedoria e incondicional amor para conosco. Gostaria de agradecer aos meus amores de longas datas. Obrigada pela companhia, pelo caminhar juntos desde tempos imemoriáveis. Destes, os que encontrei por agora, obrigada. Dos que encontrei há meio tempo, obrigada. E os que eu encontrei há anos, obrigada. Dos amores que conheci nesta encarnação: obrigada, obrigada, obrigada.

Dando nome aos amores, começo agradecendo às minhas avós e meus avôs, por seus ensinamentos, por representar minha ancestralidade que conheci e sentei no colo. Minha bisavó Maria, pelos ensinamentos sobre costura (mesmo que eu nunca tenha usado), avó Nilze Maria Telles, com quem aprendi a amar e respeitar a Natureza, me ensinando sobre resistência com sua enorme força feminina. Minha avó Maria Thereza da Silva, por seus ensinamentos sobre doçura, tabuada e paciência de quem dedicou a vida a lecionar, agradeço por sua força feminina. Meu avô Maurício Cossich, pela sua chegada (ainda que tardia) em minha vida, mas que ensinou o significado de humildade, perdão e que nunca é tarde para recomeçar. Meu avô João Firmino da Rocha, por ensinar sobre a luta do trabalhador do campo, direito à terra, fraternidade, descontração, alegria, ainda que eu viesse a entender melhor sua lição só mais tarde.

Agradeço demais minha mãe Regina Cossich, a quem amo tanto, incondicionalmente! Nossa história é linda, mãe, não tenho palavras para descrever! Obrigada, mãe, pelo apoio, pelos puxões de orelha necessários, seguidos de colo e comida, por acreditar em mim, por emanar tanta energia boa das suas orações. Recebo todas elas! Deus dê em triplo, sempre! Agradeço a meu pai João Bosco da Silva Rocha, companheiro, amigo, que atravessa todas as barreiras internas e externas para conhecer e desvendar meu mundo louco. Obrigada, pai! Todos sentimos a distância, mas ela nos ensinou muita coisa e ainda vai ensinar! Obrigada

pelo apoio emocional, moral, ético, afetivo e financeiro durante toda minha vida, que permitiu que eu pudesse estudar até aqui.

Às primas e primos, por toda uma vida compartilhada de arte, castigos, “dedurações”, futebol, comida, filmes, brincadeiras, brigas e etc. Vocês são meus primos-irmãos. Tios e tias, madrinha (Oy) e padrinho (Yéyé), obrigada pelo ensinamento e criação partilhada, pois somos todos assim, junto e misturado, cada um ajudando o outro a criar os barrigudos e todo mundo educando e aprendendo.

Agradeço minha mulher Paula Pimentel de Souza, por trezentos motivos. Por me aguentar nesse processo da escrita, na “TPM” misturada com parto de dissertação, estimular o autoconhecimento, a paciência, a coerência, a tolerância e acima de tudo, por me ensinar sobre sabedoria, perdão e amor como construção e eternas problematizações. “Tinzin”, você é um presente maravilhoso que a Deusa me deu para alumiar meu viver. Cada uma na sua jornada singular rumo ao amor divino, mas ao mesmo tempo compartilhada pelo companheirismo e lealdade de uma com a outra. Nossa família é linda, existe, resiste, lacra, problematiza e, quando dá, desconstrói! Obrigada por ter trazido para minha vida os bichinhos de apertar tipo Felícia.

Aos meus amigos de Maringá, que estão comigo nessa jornada maravilhosa de muita bênção do lacre! Às amigas do Marista de Maringá: Pei, Zói, Meyer, Rê, Ra, Junqueira, Fer, Lulu, Patrícia, mesmo com a distância espacial e temporal, vocês estão sempre nas minhas melhores lembranças e orações. Mariangélica e Nathália, obrigada pelas melhores noites adocicadas da minha vida: do bar (2009) ao tricô (2012 pra cá), verdadeiras noites de terapia, alegria e voltas no balão. Às amigas da vida: Paola, Maris, Maritza obrigada pelo companheirismo, cumplicidade, aprendizados, choros, risadas, baladas e tardes de “gordices”. Fico extremamente honrada em ter mulheres como vocês ao meu lado, em ver as mulheres “dapoha” em que vocês se tornaram, como se já não fossem antes. À vizinha Raisa, “lindeusa” da minha vida, das tardes de “Rei Leão”. Aos amores da agronomia, Tali, Dani, Filipe, Maikon, Sander, Forks, Kuki, Livia, Leite, Bolão, Nanni e companheiros do GALES, Viana, Raimundo, Scapim, Balan, Osvaldinho, Ecker, Anderson, Davi, e demais que não conseguirei mencionar. Obrigada pelas trocas constantes, comidas, trabalhos, risadas, bares, e muito cálculo II. Às deusas da Aiesec Naomi, Letícia, Fernanda, Gabriel, e demais amores/lembranças que nunca vão morrer. Naomi, é uma honra para eu acompanhar de perto sua trajetória, me encorajou e me ensinou muita coisa sobre assumir a mim mesma, independente do que sou.

Às amoras/es do Comboio do Amor, pelas melhores culturais, por me ensinar várias coisas sobre a vida terráquea e não só lunar, Pati, Nati, Clara, Mel, Bianca, Renato, Leandro, Yolanda, Maysa, Ramon, Douglas, Rodrigo, Luísa, Andre, Gabi, Paquê, Raquel, Renan, Rafa, Lari, obrigada por todo ensinamento e vivências das mais diversas! Aos participantes do projeto Comboio Agroecológico Sudeste e Ambientes de Interação Agroecológica e todos que participaram de alguma forma deles, Lari, Uschi, Alcimaro, Vinícius, Gollo, Nati, Pati, Clara, Renato, Melina, Leo, Vital, Sueny, Stéffany, Raquel, Luciana, Valéria, Ilzo, Ernani, Ana, Bruna, Nátia, Tim, Claudemar, Paulo, Renata, Guilherme, Irene, Robson, Cristhiane e todos que não vou conseguir mencionar aqui, obrigada pela oportunidade de encontrar essa rede de amor e solidariedade em construção.

À minha orientadora Mariella, que muito loucamente aceitou me orientar, mesmo sabendo da haresnavice e metamorfose ambulante, me apoiou com sua força feminina, fogo e terra, me ensinando como me virar num mundo que é cretino e fofinho ao mesmo tempo. Obrigada por acreditar em mim e me incentivar a fazer o mesmo. Obrigada aos companheirxs do Laboratório de Ecologia da Paisagem Agrícola, Pati, Renatinha, Julian, Fernando, Guilherme Costa, Guilherme, Tay, Juliana, Lili, Inauê, Dione, Naldo por todos os encontros, grupos de estudo, festas, etc.

Aos moradores do alojamento, em especial Livia, por ter mediado minha ida à Seropédica para o estágio e por ter se tornado minha irmã ao longo desse período que convivemos. Obrigada pelas constantes trocas e aprendizados sobre os processos coletivos de convivência, foram verdadeiras lições morar com vocês. Agradeço ao Pedro, Aline, Wilk, Kandice, Jander, Frechinha, Carlinha, Frango, Murilão, Hipólito, “las chicas gringas”, às meninas do maranhão Luana, Fran, e demais pessoas que não vou conseguir mencionar aqui, mas que seguirão sempre no meu coração e memória.

Obrigada ao PPGAOUFRRJ pela oportunidade de mestrado profissional, que me proporcionou profundos aprendizados e vivências, tanto com os colegas professores, quanto com os colegas alunos! Turma 5 – estou esperando a vila “Tamaguchi” ser fundada!

Obrigada às entrevistadas e aos entrevistados, que me ajudaram a entender essa rede que estamos inseridos, dando suas valiosas e fundamentais contribuições. Obrigada, Claudia e Irene pelas colaborações e problematizações sobre o trabalho! São muito ricas e me estão me ajudando demais a crescer enquanto pessoa e pesquisadora. Obrigada aos Ministérios MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq pela bolsa concedida pelo projeto Comboio e pelo recurso dos projetos aqui estudados.

BIOGRAFIA

Nascida em 4 de setembro de 1991, às 16:20 horas, na maternidade do Hospital Paraná, em Maringá (PR), Mariana Telles Rocha é regida pelos seguintes signos zodiacais: Sol em Virgem na casa 8, Lua em Câncer na casa 6, Mercúrio em Leão na casa 7, Vênus em Leão na casa 7, Marte em Libra na casa 8, Júpiter em Leão 7, Saturno em Aquário, casa 12, Urano em Capricórnio na casa 11, Netuno em Capricórnio na casa 12, Plutão em Escorpião na casa 10, seu Ascendente em Aquário casa 1, Meio do Céu em Escorpião na casa 10, descendente em Leão na casa 7, e, finalmente, seu Fundo do Céu em Touro na casa 4. Filha única, branca, família tradicional de classe média. Tinha tudo para reproduzir padrões de opressão e poder, e reproduziu internamente e externamente por muito tempo (e ainda vai reproduzir), até que resolveu questioná-los graças à homossexualidade.

Seu corpo anímico é regido majoritariamente por Saturno, acompanhado por Júpiter, Mercúrio e Marte, e seu corpo etéreo é temperado pela cólera e melancolia do ponto de vista antroposófico. Na Igreja Católica foi batizada a primeira vez, comungou e crismou. Na Umbanda, onde se batizou a primeira vez (e foi batizada a segunda), tem em sua coroa Oxum (Mãe) e Omulu (Pai). No Livro dos Anjos, seu guia é o Melahel. Ainda não tem conhecimento sobre essas questões nas demais religiões e cosmovisões. Primeira pergunta quando chegava nos eventos sociais: “mãe, pode ficar descalça?” Esportes praticados: futebol/futsal, karatê. Lazer aos finais de semana: ir pra roça ver a vovó, a natureza e os primos. Apelido dado pela “vó”: caninana – pequena e brava. Cor preferida: vermelho. Instrumento praticado: violino. Palavras que não acredita: impossível/inviável. Psicanalista: Carl Gustav Jung. Desafios: ressignificar e aprender com sua paralisia e auto sabotagem egocêntrica, com sua vitimização, sentir o amor, respeitar e assumir mais a si mesma, entre outros infinitos que ainda não conhece bem.

Ah! Sim, pois não. Antes que falte as informações “mais relevantes”, cursou o ensino médio no Colégio Marista de Maringá (2008), se graduou em Agronomia pela UEM (2014). Participou como bolsista do projeto de Rede de Núcleos de Estudo em Agroecologia “Comboio Agroecológico Sudeste” (2015). Trabalhou como bolsista no monitoramento do Programa Bolsa Verde (2016). Este documento é um dos “finalmente” do Mestrado Profissional em Agricultura Orgânica que cursa pelo Programa de Pós Graduação em Agricultura Orgânica da UFRRJ e Embrapa Agrobiologia (2017). Currículo Lattes ou biografia? Profissão: Engenheira Agrônoma dos Jardins Secretos da Alma.¹

¹ Na perspectiva antroposófica, conhecer a biografia dos indivíduos que compõe os processos coletivos é indispensável para construção de empatia, paciência, compaixão, afeto e tolerância, ou seja, para construção de processos sociais que buscam ser mais saudáveis.

RESUMO

ROCHA, Mariana Telles. **Contribuições da agroecologia para a transição paradigmática: o caso da Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro**. 2017. 129p. Dissertação (Mestrado Profissional em Agricultura Orgânica). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017.

O paradigma da ciência moderna vem sendo questionado desde seus primórdios, e mais ampla e profundamente neste século. Existem algumas propostas para repensá-lo como um todo, contando com vários ensaios teórico-práticos de como emergir um paradigma diferente. Para tanto, contaremos com diferentes ontologias, epistemologias e metodologias, as enunciaremos de múltiplos lugares. Isso permite à existência de olhares pluriversais, ressignificando as noções de neutralidade, racionalismo, dualismo, reducionismo, unilateralidade como único caminho de construir um conhecimento verdadeiramente científico. Um desses lugares de enunciação é a agroecologia, reconhecida atualmente como ciência, movimento social, prática, modo de vida, utopia, política governamental, profissão, modalidade de educação formal, ideologia. Para dialogar essas diferentes definições e práticas na agroecologia, na tentativa de interagir e multiplicar esforços, uma perspectiva que vem sendo utilizada e fortalecida pelos coletivos e indivíduos é a atuação em rede e construção das redes de dádivas. Para sair do paradigma moderno de ciência e chegar a outro em construção, é necessário considerarmos um processo de transição. Entendendo o caráter político existente na atividade científica, levando em consideração a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a agroecologia lança mão de uma série de metodologias para construir o conhecimento agroecológico, buscando fomentar o diálogo entre os diferentes saberes que são igualmente incompletos. Uma das metodologias utilizadas são as caravanas agroecológicas e culturais, que conta com uma série de ferramentas de comunicação horizontal como as instalações artísticas pedagógicas, facilitação gráfica, comunicação colaborativa. As fontes utilizadas para sua concepção foram, entre outras, as experiências das metodologias camponês-a-camponês, caravanas da cidadania, e romarias da terra. Notamos a necessidade de considerar as estruturas psicológicas no entendimento da interação e da relação desta com a estrutura da sociedade e com a estrutura histórica. Através dos momentos e espaços construídos pela rede do projeto Comboio Agroecológico Sudeste, foi possível enxergarmos as relações entre o indivíduo, a metodologia, a epistemologia na construção do paradigma da agroecologia, e como a caravana agroecológica e cultural contribui para a emergência de uma nova forma de construir o conhecimento. Para aprofundar e evidenciar as pistas dessa transição de paradigmas, é necessário entender i) se e como estamos transitando da ciência cartesiana para uma ciência sistêmica, complexa, agroecológica, pós-normal, pós-moderna, e/ou descolonial; ii) se e como estamos transitando de um estado de inconsciência automática, que reproduz padrões, que não assume compromissos, para um estado de individuação, um “Ser Maior” compromissado com si mesmo e com os coletivos; iii) como e se a rede, através da Caravana do Rio de Janeiro, promoveu o diálogo de saberes na construção do conhecimento agroecológico; é, portanto, verificar se e como estamos polindo as lentes de ver, sentir, pensar, intuir, ser e estar no mundo. Algumas categorias emergiram da análise de conteúdo e entrevistas coletadas, realizadas para responder essas questões. A partir da construção, realização e avaliação da caravana agroecológica e cultural do Rio de Janeiro, foi possível verificarmos a natureza paradoxal e complexa da realidade, e os diversos entendimentos acerca do que é supostamente um mesmo acontecimento, processo e uma mesma metodologia.

ABSTRACT

The paradigm of modern science has been questioned since its inception, and more broadly and profoundly in this century. There are some proposals to rethink it as a whole, relying on several theoretical-practical essays on how to emerge a different paradigm. For that, we will have different ontologies, epistemologies and methodologies, we will enunciate them from multiple places. This allows the existence of multi-faceted looks, reframing the notions of neutrality, rationalism, dualism, reductionism, one-sidedness as the only way to build a truly scientific knowledge. One of these places of enunciation is agroecology, currently recognized as science, social movement, practice, way of life, utopia, government policy, profession, formal education modality, ideology. In order to discuss these different definitions and practices in agroecology, in an attempt to interact and multiply efforts, a perspective that is being used and strengthened by collectives and individuals is the networking and construction of gift networks. To leave the modern paradigm of science and arrive at another under construction, it is necessary to consider the process of transition. Understanding the political character of scientific activity, taking into account the indissociability between teaching, research and extension, agroecology uses a series of methodologies to build agroecological knowledge, seeking to foster dialogue between different knowledge that are equally incomplete. One of the methodologies used is the agroecological and cultural caravans, which has a series of horizontal communication tools such as artistic pedagogical installations, graphic facilitation, and collaborative communication. The sources used for its conception were, among others, the experiences of peasant-to-peasant methodologies, caravans of citizenship, and pilgrimages of the land. We notice the need to consider the psychological structures in the understanding of the interaction and the relationship of this with the structure of society and with the structure of history. Through the moments and spaces built by the "Comboio Agroecológico Sudeste" network, it was possible to see the relationships between the individual, the methodology, the epistemology in the construction of the paradigm of agroecology, and how the agroecological and cultural caravan contributes to the emergence of a new form of building knowledge. In order to deepen and to highlight the clues of this paradigm transition, it is necessary to understand i) whether and how we are moving from cartesian science to a systemic, complex, agroecological, post-normal, postmodern, and / or decolonial science; ii) whether and how we are moving from a state of automatic unconsciousness, which reproduces patterns, which does not assume commitments, to a state of individuation, a "Greater Being" committed to itself and to the collectives iii) how and if the network, through the Caravan of Rio de Janeiro, promoted the dialogue of knowledge in the construction of agroecological knowledge; is therefore to verify if and how we are polishing the lenses of seeing, feeling, thinking, intuiting and being in the world. Some categories emerged from the content analysis and collected interviews conducted to answer these questions. From the construction, realization and evaluation of the agroecological and cultural caravan of Rio de Janeiro, it was possible to verify the paradoxical and complex nature of reality, and the different understandings about what is supposedly a same event, process and a same methodology.

LISTA DE ABREVIACÕES

AARJ – Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro
AAT – Associação Agroecológica de Teresópolis
ABA – Associação Brasileira de Agroecologia
ABIO – Associação de Produtores Biológicos do Rio de Janeiro
ABRASCO – Associação Brasileira de Saúde Coletiva
AFASPS – Associação dos Agricultores Familiares de São Pedro da Serra
AGB – Associação dos Geógrafos do Brasil
ANA – Articulação Nacional de Agroecologia
APA – Área de Proteção Ambiental
AS-PTA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa
ATER – Assistência técnica e Extensão Rural
CEDRO – Cooperativa de Consultoria, Projetos e Serviços em Desenvolvimento Sustentável
CIAPO – Câmara Interministerial de Agroecologia e Produção Orgânica
CNAPO – Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura
COOPAGÉ – Cooperativa dos Agricultores Familiares de Magé
CPOrgs – Rede de Comissões da Produção Orgânica das Unidades da Federação
CPT – Comissão Pastoral da Terra
CTAO – Câmara Temática de Agricultura Orgânica
CTA-ZM – Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata
CUT – Central Única dos Trabalhadores
CVT – Centros Vocacionais Tecnológicos
DRP – Diagnóstico Rural Participativo
EBAA – Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa
EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
ENA – Encontro Nacional de Agroecologia
FETRAF – Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar
FUNBOAS – Fundo Socioambiental de Boas Práticas em Microbacias
GAE – Grupo de Agricultura Ecológica/UFRRJ
GETERRA – Grupo de Estudos e Trabalho em Ensino e Reforma Agrária/UFRRJ
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INEA – Instituto Estadual do Ambiente do Rio de Janeiro
MÃE – Mutirão de Agricultura Ecológica/UFF
MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NEA – Núcleo de Estudo em Agroecologia
NIA-RURAL – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão Científica e Tecnológica em Agroecologia da UFRRJ
OTSS – Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina
PAC – Programa de Aceleração do Crescimento
PESAGRO-RIO – Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro
PLANAPO – Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica
PNAPO – Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica
PNATER – Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural
PT – Partido dos Trabalhadores

PTA/FASE – Projeto de Tecnologias Alternativas/Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional

REGA – Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil

RNEA – Rede de Núcleos de Estudo em Agroecologia

TURIS – Plano de Aproveitamento Turístico

UC – Unidade de Conservação

UENF – Universidade Estadual Norte Fluminense

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFV – Universidade Federal de Viçosa

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	1
1.1.	Olhar da autora sobre o tema: metodologia, objetivos e motivações.....	1
1.2.	Porque primeira pessoa do plural?.....	4
1.3.	Estrutura da dissertação.....	4
2.	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	6
2.1.	Da ciência moderna à ciência emergente: plantios, manejos e colheitas.....	6
2.1.1.	Ciência moderna - o que é, para quê e para quem ela serve?	6
2.1.2.	Revolução verde: tudo que é verde é bom?.....	8
2.1.3.	Agroecologia no Brasil: dôncovim e proncovô?.....	10
2.1.4.	Transição agroecológica: entendendo o processo.....	15
2.1.5.	Ecologia e diálogo de saberes: só sei que nada sei.....	17
2.1.6.	Metodologias na Agroecologia.....	18
2.1.7.	Caravanas Agroecológicas e Culturais e Excursões Científicas.....	21
2.2.	Lentes para olhar o mundo: teorias, metodologias e ferramentas utilizadas na pesquisa.....	26
2.2.1.	Redes de solidariedade e confiança.....	27
2.2.2.	Sociologia na escala do indivíduo.....	29
2.2.3.	Noções Junguianas.....	31
2.2.4.	Pesquisa qualitativa e participante.....	34
2.2.5.	Descrição densa: etnografia.....	35
2.2.6.	Círculo de cultura e entrevistas.....	36
2.2.7.	Análise do discurso.....	37
3.	CAPÍTULO I – PROJETO COMBOIO AGROECOLÓGICO SUDESTE.....	38
3.1.	Introdução.....	38
3.2.	Métodos.....	38
3.3.	Contextualização.....	38
3.4.	Excursões e Caravanas no Comboio Agroecológico Sudeste.....	40
3.5.	Definições e avaliações coletivas sobre as caravanas agroecológicas e culturais...47	
3.6.	Vícios e virtudes: Seminário de avaliação do projeto Comboio Agroecológico Sudeste.....	56
4.	CAPÍTULO II - ESTUDO DE CASO: CONTRIBUIÇÕES DA CARAVANA AGROECOLÓGICA E CULTURAL E EXCURSÃO CIENTÍFICA PARA A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.....	64
4.1.	Introdução.....	64
4.2.	Métodos.....	64
4.3.	Contexto do Projeto Ambientes de Interação Agroecológica.....	65
4.4.	Contexto da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro – AARJ.....	66
4.5.	Contexto do espaço agrário fluminense.....	70
4.6.	Análise do conteúdo e discussão.....	79
4.6.1.	Organização e participação.....	79
4.6.2.	Diversidade de prioridades e diversidade de agendas.....	91
4.6.3.	Poder, conhecimento e organicidade.....	99
4.6.4.	Diálogo de saberes e (re)aproximações.....	104
4.7.	Excursão Científica no Rio de Janeiro.....	110
4.8.	Se e como colaborou para a transição agroecológica.....	112
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
6.	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	117
7.	ANEXOS.....	124

1. INTRODUÇÃO

A agroecologia tem se desafiado a contribuir na construção de uma nova sociedade baseada em diferentes pressupostos, entre eles o diálogo de saberes, através da transição para um novo pensar e fazer ciência, movimentos social, pratica, consumo, etc. Para tanto, conta com diferentes metodologias nos seus diferentes espaços e territórios de construção. Uma dessas metodologias são as caravanas agroecológicas e culturais, objetos de estudo dessa pesquisa e que procuram oxigenar os processos sociais, estimular a atuação em rede de dádivas, promover o diálogo de saberes, fomentando a transição agroecológica nas diferentes escalas. Para construir processos de comunicação e construção de conhecimento agroecológico de maneira horizontal e descentralizada, as caravanas contam com vários instrumentos pedagógicos como instalações artísticas pedagógicas, facilitações gráficas e outros.

Nesta parte do trabalho iniciamos com a delimitação deste estudo, trazendo elementos da nossa trajetória que me levaram a ele, a importância e a contribuição deste documento para a ciência e para a agroecologia em geral. Explico porque pensamos que este tema era importante e diferente, porque ele precisa ser estudado, entendido, e, se for o caso, praticado. Depois, traçamos o problema de pesquisa, elucidamos os objetivos e, ao final, trazemos o panorama geral da dissertação, sua estrutura com as principais ideias desenvolvidas em seus capítulos.

1.1. Olhar da autora sobre o tema: metodologia, objetivos e motivações

Ao longo da vida, os assuntos e experiências que nos movem são os mais variados, interligados visivelmente ou nem tanto. Saí pela primeira vez de Maringá no final da graduação em Agronomia, em agosto de 2013, somente com a intuição de que a Agroecologia era um caminho razoável a buscar, sem nem saber direito do que se tratava. Com ajuda de uma veterana fui parar em Seropédica para estagiar na área de Extensão, Sociologia Rural e Agroecologia da Embrapa Agrobiologia, no setor Transferência de Tecnologia. Sem saber, voltei para a bacia do rio Guandu, as mesmas águas que meu avô materno e suas irmãs tanto brincaram em sua infância décadas atrás.

Ao iniciar os trabalhos, com o auxílio da pesquisadora responsável e colegas, aos poucos fui apresentada às pessoas que trabalhavam na agroecologia e em suas interfaces, presencialmente ou por suas obras. Fui fazendo minhas primeiras observações e análises, sem

saber muito bem por onde seguir. Voltei para Maringá, formei e retornei para o estado do Rio de Janeiro, mas dessa vez para fazer uma vivência no produtor agroflorestal em Paraty, em fevereiro de 2014. Lá, refletindo junto com ele, percebemos que eu deveria ficar mais um pouco na academia, para apreender outras coisas.

Foi assim que aceitei o convite de participar do projeto *Comboio Agroecológico Sudeste* (vulgo “trem doido”, como carinhosamente chamamos o Comboio) em abril de 2014, como articuladora do Rio de Janeiro residente em Seropédica, junto ao Núcleo Interdisciplinar em Agroecologia (projeto *Ambientes de Interação Agroecológica*), a convite das pessoas que conheci no estágio 2013. Nesse momento conheci a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro, da qual faz parte o Núcleo Interdisciplinar em Agroecologia, parte da rede de agroecologia do Sudeste. A partir do Comboio, as Caravanas Agroecológicas e Culturais passaram a fazer parte do meu cotidiano.

Em abril de 2015 acessei o mestrado profissional em Agricultura Orgânica e Agroecologia (UFRRJ) para dar prosseguimento à minha formação, a fim de contribuir da melhor forma possível com a realidade dentro do meu perfil de atuação. Em junho desse mesmo ano encerrei meu ciclo como bolsista no projeto Comboio Agroecológico Sudeste e também no projeto *Ambientes de Interação Agroecológica* e iniciei outro ciclo como observadora.

O mundo novo, como sempre aos olhos de quem enxerga com lentes pouco polidas, é novidade romântica, contagiante, perfeita e maravilhosa. Aos poucos, conforme fui polindo e ajustando os óculos, percebi as contradições. Mais tarde, depois de vivenciar experiências e diversos sentimentos vinculados à essas contradições, entendi que é o que há mais de comum em todos os lugares, com diferentes formatos e graus, e também dentro mim. E essa ficha caída me cativou de tal maneira que passou ser a lente principal que carrego comigo por onde eu vou.

Não poderia ser diferente a lente que uso, na maior parte do tempo, para olhar para os processos que aconteceram a partir das Caravanas Agroecológicas e Culturais e as Excursões Científicas, objetos deste estudo, construídas por pessoas inseridas na rede de agroecologia, que por sua vez está em permanente construção no Sudeste brasileiro. As caravanas, grosso modo, são viagens que a rede sudeste de núcleos de estudo em agroecologia e parceiros construiu para se (re) conhecer enquanto coletivo. As excursões científicas, de maneira geral, são viagens que aprofundaram o olhar de pessoas vinculadas a academia em experiências agroecológicas nos estados do Sudeste. No âmbito do Comboio foram realizadas quatro

caravanas agroecológicas e culturais e excursões científicas, uma em cada estado do Sudeste. Nesta pesquisa iremos estudar ambas excursão e caravana, mas apenas as realizadas no estado do Rio de Janeiro, em parceria com o projeto Ambientes de Interação Agroecológica.

Esses métodos/processos/ferramentas/instrumentos se propõem a favorecer a transição agroecológica nos territórios por onde o Comboio passa. Somente passa? Ou deixa colheitas? Plantios? Sementes? Mobiliza? Envolve? Comunica? Algumas perguntas começaram a borbulhar a partir de conversas e reflexões com minha orientadora, meus colegas e amigos, todos que participam de alguma forma desse “trem doido”, chamado Comboio Agroecológico Sudeste.

Quaisquer estudos objetivos da realidade social, mesmo que ingênuos ou simples nas suas pretensões, deverão ser norteado por um arcabouço teórico, informar a escolha do objeto pelo pesquisador, e também todos os passos e resultados teóricos e práticos obtidos com a pesquisa (BECKER, 1994). Os sujeitos que estudo neste trabalho foram os que tive proximidade nos primeiros anos de vida profissional, ou seja, que fizeram parte do projeto Comboio Agroecológico Sudeste. Foi o coletivo o qual vivenciei experiências e que me despertou curiosidades. Estas curiosidades, algumas delas, são as perguntas da pesquisa, que buscamos entender e responder.

Verificar se e como as caravanas e excursões contribuíram para a transição agroecológica é, no caso deste documento, em outras palavras, i) verificar se e como estamos transitando da ciência cartesiana para uma ciência sistêmica, complexa, agroecológica, pós-normal, pós-moderna, e/ou descolonial; ii) é verificar se e como estamos transitando de um estado de inconsciência automática, que reproduz padrões, que não assume compromissos, para um estado de individuação, um “Ser Maior” compromissado com si mesmo e com os coletivos iii) como e se a rede, através da Caravana do Rio de Janeiro, promoveu o diálogo de saberes na construção do conhecimento agroecológico; é, portanto, verificar se e como estamos polindo as lentes de ver, sentir, pensar, intuir, ser e estar no mundo.

As três questões são olhadas em três temporalidades, antes, durante e depois da construção das Caravanas Agroecológicas e Culturais e Excursões Científicas do Rio de Janeiro. O objetivo é compreender melhor os processos e as configurações atuais desta rede em construção, ressaltando as virtudes e apontando pistas para entender e ressignificar os vícios.

1.2. Porque primeira pessoa do plural?

Entendendo que a ciência não é neutra, ao contrário do que o paradigma moderno propõe, e que o indivíduo está imbricado no social e vice-versa, por isto, não poderíamos utilizar uma linguagem impessoal, nem no singular. Como insiste Freire (1999) há caráter político na atividade científica e devemos buscar a coerência através da prática do pesquisador. A construção desse documento é plural, cheia de inspirações e intuições coletivas, em um processo solidário que pressupõe o diálogo. Não há solidariedade sem uma boa prosa. Portanto, decidimos utilizar essa conjugação, por ser mais condizente com sua própria elaboração.

1.3. Estrutura da dissertação

Para entender as palavras chaves que contribuem para responder as perguntas da pesquisa, no tópico intitulado “Da ciência moderna à ciência emergente: plantios, manejos e colheitas”, fizemos revisões bibliográficas sobre ciência moderna, epistemologia da ciência, revolução verde, agroecologia no Brasil, transição agroecológica, ecologia e diálogo de saberes, metodologias na agroecologia, e, finalmente, caravanas agroecológicas e culturais.

Para apreender as estruturas sociais do recorte que estudamos neste documento, no tópico “Lentes para olhar o mundo: teorias, metodologias e ferramentas utilizadas na pesquisa”, trabalhamos com a noção de redes de dádivas, do princípio do paradoxo, a abordagem da sociologia na escala do indivíduo, através do diálogo das correntes de Norbert Elias e Carl Gustav Jung. De maneira sintética, Elias (1994, p.38) indica aspectos interessantes para avaliar os fatos sociais, onde “as estruturas da psique humana, as estruturas da sociedade humana e as estruturas da história humana são indissociavelmente complementares, só podendo ser estudadas em conjunto”. Para entender algumas estruturas da psique, trazemos noções Junguianas de sombra e os quatro tipos psicológicos, para posteriormente dialogar com questões epistemológicas emergentes.

Para coletar dados de campo utilizamos dicas de Becker (2007) e Geertz (2008), através da descrição densa, da etnografia, anotando tudo o que acontece e for possível de captar. Dessa forma, o material empírico fica rico de detalhes e questões não “dadas” ou “evidentes” podem aparecer, questões estas geralmente não evidenciadas por coletas previamente classificadas em grupos ou prioridades de observação. Além disso, o nosso ponto de partida foi o da pesquisa qualitativa e participante. Utilizamos entrevistas semiestruturadas, círculos de cultura para aprofundar algumas questões. Para analisar o material de campo,

utilizamos a análise de conteúdo através de categorias, discutindo conforme a abordagem sociológica na escala do indivíduo.

O primeiro capítulo, intitulado “Projeto Comboio Agroecológico Sudeste” é composto pelos seguintes tópicos: “contextualização”, onde contextualizamos o projeto; “Excursões e Caravanas no Comboio Agroecológico Sudeste”, no qual apresentamos estas metodologias no bojo do projeto; “Definições e avaliações coletivas sobre as caravanas agroecológicas e culturais”, o qual aborda as noções existentes de Caravanas a partir dos círculos de cultura realizados com os participantes do Comboio; “Vícios e virtudes: Seminário de avaliação do projeto Comboio Agroecológico Sudeste”, para evidenciarmos e conectarmos as pistas da construção desta rede, as dialogando com as reformulações epistemológicas em curso, bem como com as barreiras ainda não transpostas nessa construção emergente.

No segundo capítulo intitulado “estudo de caso: contribuições da caravana agroecológica e cultural e excursão científica para a transição agroecológica no estado do Rio de Janeiro” trazemos o contexto do projeto “Ambientes de Interação Agroecológica”, contexto da Articulação da Agroecologia do Rio de Janeiro, do espaço agrário fluminense. Neste capítulo relembramos a metodologia, realizamos a análise do conteúdo e discussão das categorias emergidas, e fizemos as considerações finais do capítulo com o tópico “Se e como colaborou para a transição agroecológica: aprendizados e desafios”.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Da ciência moderna à ciência emergente: plantios, manejos e colheitas.

2.1.1. Ciência moderna - o que é, para quê e para quem ela serve?

“O místico crê num Deus desconhecido. O pensador e o cientista creem numa ordem desconhecida. É difícil dizer qual deles sobrepuja o outro em sua devoção não racional.” L. L. Whyte

O conhecimento científico moderno vem provando ao longo de trezentos anos suas virtudes de verificação e de descoberta, principalmente neste século, concedendo progresso ao saber (MORIN, 2005). Contudo, o mesmo autor afirma que este conhecimento traz conjuntamente conflitos que se referem ao conhecimento produzido, à ação desdobrada deste, e à constante transformação da sociedade. Ao contrário de enquadrá-lo de maneira sectária como ‘ciência ruim’ e propor uma ‘ciência boa’, justamente pelos avanços destacados acima, é necessário que haja um pensamento capaz de conceber e de compreender suas ambivalências.

Há três principais ambivalências da ciência moderna. Uma delas é a evolução de conhecimentos científicos inéditos juntamente com a sucessão múltipla da ignorância. Outra é a evolução das dimensões benéficas da ciência, juntamente às das dimensões nocivas e ou mortíferas. Por fim, a evolução ampliada dos poderes da ciência, juntamente ao monopólio desses poderes por parte de minorias ricas (MORIN, 2005).

Além disso, Morin (2005) aponta os princípios deste paradigma que são amplamente questionados: a) determinismo universal que pressupõe que o ser humano tem capacidade de conhecer, graças a sua inteligência e sentidos, todos os eventos passados e prever os futuros; b) reducionismo, que por meio da análise de seus componentes básicos procura universalizar os resultados para uma totalidade; c) isolamento e separação das dificuldades cognitivas, induzindo à separação entre disciplinas como entidades herméticas ou fechadas.

Para Minayo (2007) há duas razões para que a ciência enquanto forma de conhecimento seja hegemônica: uma externa e outra interna. A primeira acelerou desde a modernidade e tem a ver com seu poder de dar respostas tecnológicas e técnicas para problemas do desenvolvimento social e humano. Conforme visto acima, esse ponto é discutível, já que questões como pobreza, miséria, fome e violência ainda desafiam as civilizações a ciência não tem nenhuma resposta ou proposta concreta. A razão interna diz sobre a linguagem universal estabelecida pelos cientistas, a qual é fundamentada em

conceitos, métodos, técnicas para apreender o mundo, as coisas, representações, fenômenos, processos, relações. A ciência é a crença mais respeitável na modernidade porque suas regras e padrões rígidos permitem uma linguagem comum, possibilitando que o conhecimento possa ser atualizado e criticado permanentemente (MINAYO, 2007).

Para Funtowicz e Ravetz (1993), a evolução da ciência se dá para responder aos diferentes desafios que se alternam na história. Após evidenciar os séculos de sucesso e otimismo, o maior desafio é curar as doenças do sistema industrial global que estão na sua base filosófica, pois agora enfrenta muitas incertezas políticas e ambientais.

Outro fator que é importante ressaltar é que a ciência moderna, eurocentrada, foi construída a partir de relações de dominação imperialista/colonialista, como os autores descoloniais como Mignolo (2010) nos ajudam a entender. Os cientistas modernos pensaram fórmulas e teorias desde a Europa, ou seja, a metrópole, desde o patriarcado, desde o racionalismo, desde a objetividade, desde a ideia de subalternidade dos países ao sul global e seus povos nativos.

A base filosófica que endossa a Ciência Moderna gera a razão dualista, cartesiana, uma lógica que, provinda do iluminismo, promove e coloca na categoria de superior, mais próximo à “Verdade”, a produção de um conhecimento constituído de oposições binárias excludentes “ou um ou outro”: sujeito/objeto, mente/corpo, ativo/passivo, razão/emoção, transcendente/imanente, objetividade/subjetividade, luz/sombra, cultura/natureza, etc. Este conhecimento é fechado, ordenado a partir de duas hierarquias: uma que vincula todas as categorias à esquerda ao masculino, e à direita ao feminino, e outra que coloca no topo da pirâmide da notoriedade as Ciências “duras”, perto da base as “macias”, se configurando como duas categorias de poder sobre o modo de construir conhecimento (SARDENBERG, 2002; DE LIMA E SOUZA, 2002). Como aponta Lloyd (1996) apud Sardenberg (2002): “O conhecimento racional foi construído como uma transformação ou controle transcendente sobre as forças naturais; e o feminino tem sido associado com aquilo que o conhecimento racional transcende, domina, ou simplesmente deixa para trás.”

Os descoloniais apontam que há uma questão central na crítica aos autores pós-modernos, como Morin o é, que é a não sugestão de caminhos mais concretos de superar as ambiguidades da ciência moderna para além de somente criticá-la e desconstruí-la, e ele atribui essa questão pelo fato de eles falarem desde a metrópole, não enxergando muitas questões que os pensadores dos países ao sul facilmente veriam com seus óculos, sua pele, e seu pensamento formado a partir de onde se está e se é (MIGNOLO, 2010).

Mesmo que a ciência seja produzida no sul global, há um ponto a ser destacado, como alerta Connell (2012), o metrocentrismo no Norte global é espelhado no Sul a partir de instituições localizadas em grandes centros. As instituições de ensino são estruturadas para receber a teoria e instruções do Norte Global, que é o único local legítimo de produção de teoria na visão da Ciência Moderna. Cabe ao Sul, para esta ciência, aplicar e citar abordagens da metrópole (no sentido colonial), suas ideias, utilizando seus paradigmas na tentativa de compreender nossas questões e urgências.

Como propõem os autores descoloniais, o local de enunciação de novas teorias, métodos, técnicas, aprendizados não serão centrados no Sul, a ideia não é que o Sul seja um novo centro, mas sim que a produção de teoria seja feita de forma descentralizada, democratizada, desde a base, em processos participativos, em vários pontos do globo e que este conhecimento produzido circule amplamente, para que não se caia na vala comum das teorias universais superiores e aplicáveis para todas as situações, conhecidas apenas por uma elite privilegiada (CONNELL, 2012).

Complementando esta ideia, Mignolo (2010, p. 126) aponta que é uma construção comunitária e não por uma elite que “sabe o que é bom para todos”, essa construção que permite haja pluriversos e não universos. Para ele, é necessário haver uma descolonização epistêmica para que haja uma verdadeira circulação intercultural de significações e experiências, fundamentando outra racionalidade (ou fundamentando uma emocionalidade/ sentimentalidade/ intuicionalidade, conforme veremos no capítulo 2), como aponta Sardenberg (2002) não separando fatos de valores, conhecimento de prática (práxis), nem desvinculando o entendimento das questões por quem, para quê e para quem são construídos esses anúncios, superando a ideia da suposta neutralidade estar vinculada diretamente e exclusivamente como meio de se conseguir produzir um suposto anúncio verdadeiramente científico.

2.1.2. Revolução verde: tudo que é verde é bom?

A instrumentalização da ciência moderna é verificada como um esforço social, institucionalizado, altamente especializado e universal (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015). Os produtos gerados através deste paradigma atual da ciência moderna são as inovações tecnológicas. Marques (2009) aponta que, de forma geral, a visão da ciência moderna sobre a tecnologia seria de que ela é produzida pelos cientistas, divulgadas por um sistema de difusão técnico para os usuários. Posteriormente, o usuário passa compor uma das

fases da pesquisa, contudo, permanecendo a uma etapa posterior à investigação científica no processo de geração de inovações tecnológicas.

O sucesso do método científico levou à dominância deste sobre todas outras formas de conhecimento. O senso comum adquirido pela experiência e as capacidades aprendidas ao longo dos tempos através do viver e do fazer perderam a sua autoridade, sendo substituídos por objetos teoricamente construídos pelo discurso científico. (FUNTOWICZ e RAVETZ, 1996).

Esta não consideração dos diferentes saberes, no nosso caso dos agricultores e agricultoras, no processo inovativo vem de longas datas. Sabemos, como atenta Susanna Hetch (1993), que existem três principais fatores que contribuíram para obscurecer e diminuir a importância do conhecimento desenvolvido basicamente por sociedades não-ocidentais:

i) “A destruição dos meios de codificação, regulação e transmissão das práticas agrícolas; ii) A dramática transformação de muitas sociedades indígenas não ocidentais e dos sistemas de produção em que baseavam como resultado de um colapso demográfico, da escravidão e do colonialismo e de processos de mercado; iii) O surgimento da ciência positivista” (p. 6)

Os saberes sobre agricultura que não são provenientes da investigação científica moderna são considerados primitivos ou tradicionais. O conceito de primitivo está vinculado à temporalidade, onde tudo que é anterior ao moderno é primitivo, bem como tudo que não está na Europa (espaço). Depois, essas mesmas temporalidades e espaços são definidos como povos e zonas subdesenvolvidos, e mais tarde como economias emergentes, pois não correspondia aos estilos e exigências europeias, negando a contemporaneidade dos diferentes saberes (MIGNOLO, 2010). Estes conceitos, entre outros como oriental, inventados pela visão da ciência moderna eurocêntrica, endossa práticas de difusão do conhecimento, tecnologia, métodos, ferramentas, economias, e dos modos de vida individual e sociais ditos mais modernos e desenvolvidos.

A agricultura vinculada à modernidade surge a partir dos séculos XVIII e XIX, desde o oeste europeu, quando é desenvolvida a aproximação entre agricultura e pecuária, e os sistemas de rotação de culturas com plantas leguminosas são adotadas. Esse processo foi conhecido como a Primeira Revolução Agrícola. Acompanhando as descobertas técnico-científicas do final do século XIX, início do XX, houve a Segunda Revolução Agrícola, com o padrão produtivo genético, químico e moto-mecânico, que foi intensificado no cenário pós-

guerra, com seu apogeu na década de 1970, momento conhecido como Revolução Verde (EHLERS, 1999).

Esse processo foi disseminado no mundo todo, com diferentes desdobramentos inerentes às características culturais, sociais, governamentais, socioeconômicas, edafoclimáticas, entre outras dimensões do país e de suas regiões, que permitiu certa pluralidade no modo que foi desenvolvida a Revolução Verde nos diferentes contextos. Ou seja, a forma como se deu na China é diferente da África, da Europa, dos Estados Unidos, do Brasil. O mesmo se dá nos diferentes territórios brasileiros.

Na década de 60, houve no Brasil o início desta difusão de tecnologias de forma hierárquica, ou seja, centro-periferia, do “civilizado” para o “não-civilizado”. Seus agentes principais foram as universidades, órgãos de pesquisa e órgãos de extensão, onde se criava e difundia pacotes tecnológicos de agrotóxicos, maquinário, sementes melhoradas, insumos, sistemas de irrigação, aliados à um sistema de crédito rural estatal que proporcionava o acesso a esses pacotes.

Este sistema levou os agricultores a uma maior dependência da indústria e menor dependência da força de trabalho e da terra (CAPORAL e COSTABEBER, 2004; LIMA et al 2007). A expansão desse modelo que se encontra monopolizado pelas empresas oligopolistas, tem promovido “a erosão exponencial de nossa biosfera”, ou seja, a erosão da equidade, a erosão ambiental e a erosão cultural (MOONY, 2002).

A partir do exposto acima, nota-se que se faz necessário um pensamento capaz de verificar a complexidade intrínseca que se encontra no cerne da ciência positivista, para que possamos conhecer o conhecimento (MORIN, 2005). Para avaliar essa complexidade, a base filosófica da ciência moderna precisa ser complementada pela abordagem sistêmica, sintética e humanista (FUNTOWICZ e RAVETZ, 1996).

2.1.3. Agroecologia no Brasil: dôncovim e proncovô?

Em resposta ao processo de modernização da agricultura, conhecida como Revolução Verde, nas décadas de 20 e 30 surgiram alguns movimentos que propunham outro modo de produzir alimentos. Ehlers (1999) os denominou “movimentos rebeldes”, sendo as vertentes biodinâmica (Rudolf Steiner), orgânica (Howard) e biológica (Muller) desenvolvidas na Europa e natural (Okada) desenvolvida no Japão. Guardadas suas especificidades, o que elas traziam em comum foi a resposta hostil que o setor agrícola dito convencional e científico deram a estes movimentos, que permaneceram marginalizados até a década de 70. A partir de

evidências mais concretas das adversidades causadas diretamente pelo pacote tecnológico da revolução verde, conforme já haviam alertado os rebeldes, as propostas são fortalecidas e seu conjunto é denominado “agricultura alternativa” (EHLERS, 1999).

Luzzi (2007), em sua tese de doutorado, tece a trajetória do debate agroecológico no Brasil, e aponta que foi uma construção de múltiplos atores em diferentes institucionalidades. A princípio, o debate não tinha o nome de agroecologia, era conhecido como movimento de agricultura alternativa, protagonizado basicamente pela classe agrônômica. A definição de agricultura alternativa que foi elaborada no I EBAA em 1981 (Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa), por exemplo, foi dada de maneira muito ampla, como “um conjunto de técnicas que deveriam ser utilizadas de forma integrada e em equilíbrio com o meio ambiente” (LUZZI, 2007, p.19).

A presença de alguns agricultores (300) só se deu a partir do III EBAA, realizado em Cuiabá em 1987, totalizando aproximadamente 10% dos presentes. Os agricultores eram ligados à movimentos sociais rurais, e foram convidados basicamente pela EMATER MT e PTA/FASE. Nesse mesmo EBAA, Luzzi (2007) destacou que havia outra novidade, que era a presença de lideranças de movimentos sociais como MST, CUT, CONTAG, além da questão da interdisciplinaridade ser evidenciada pelo comparecimento de profissionais de ciências sociais e econômicas.

Como pode se verificar no esforço de Luzzi (2009) de entender as origens e percursos do debate agroecológico no Brasil houve uma pluralidade de correntes e entendimentos acerca da agricultura alternativa da época. Como existem pluralidade e polissemias, ou seja, existem diversas agroecologias, é necessário utilizar uma lente que possa captar essas divergências e diversidades dentro de um lugar que a priori seria uma categoria analítica única. Grosso modo, esse debate foi construído por três vias: a experiência da Rede PTA/FASE, os movimentos sociais e a academia. Hoje, o debate agroecológico conta com o desdobramento dessas três frentes, uma série de híbridos, mas que necessitam ser vinculados à esses pontos de partida enquanto seu contexto histórico.

A agroecologia é compreendida como ciência, prática, movimento social (WEZEL et al., 2009). Outros ainda a entendem como política governamental, modalidade de educação formal, profissão, modo de vida, ideologia e utopia (NORDER et al., 2015). Dessa forma, pluralismo, alteridade e afinidades eletivas são conceitos relevantes para agroecologia. Abreu et al. (2012), aponta que a agroecologia aborda ainda as dimensões agrônômica e ecológica

(ALTIERI, 1989; GLIESSMAN, 1990) e, sociológica e política (GUZMAN CASADO et al, 2000).

O termo agroecologia surge à primeira vez na década de 20, onde ecologistas, que estudavam as plantas cultivadas, sugerem a aproximação de ecologia com agricultura, disciplinas que apresentaram tensões e afastamentos na mesma época, por conta da dicotomia inerente do desenvolvimento da ciência moderna (GLIESSMAN, 2001; WEZEL, 2009).

A dissociação entre produção de alimentos e conservação da biodiversidade acontece ainda na atualidade. A corrente do “Poupa-Terra” (do inglês *Landsparing*), de maneira sintética, defende que através da intensificação agrícola, que inclui o uso de agrotóxicos, fertilizantes sintéticos, semente melhoradas geneticamente, entre outros, o sistema agroalimentar irá suprir a demanda mundial de alimentos e garantir que não seja necessário expandir a agricultura para áreas de conservação da biodiversidade, a maximizando. Além disso, alega a ineficiência da agroecologia do ponto de vista produtivo, concluindo que, uma vez adotado esse modelo produtivo, seria necessária a expansão da área agrícola para suprir a alimentação da população mundial, ocasionando perda de biodiversidade. Para esta corrente, portanto, a questão da fome mundial se deve apenas à produtividade agrícola em peso colhido por área cultivada (TSCHARNTKE, 2012; GOULART, 2016).

Para a corrente do “Partilha-Terra” (do inglês *Landsharing*) a questão da fome mundial se deve principalmente ao acesso aos alimentos e à terra, já que, segundo a FAO (2014), atualmente há produção de alimentos suficiente para toda população mundial. Esta corrente sustenta que é possível aliar produtividade igual a convencional e conservação através de sistemas de agricultura como os agroecológicos. Estes alertam que a intensificação da agricultura é uma das principais causas da poluição de ar e água (GOULART, 2016), ocasionando a perda da biodiversidade. Um exemplo desta perda foi visto por Uzêda (2017), em um estudo o qual foi provado que os remanescentes de floresta nativa são vulneráveis à perda de biodiversidade pela intensificação da agricultura das propriedades adjacentes aos fragmentos analisados.

A partir da consolidação do conceito de ecossistema (1950) o enfoque da agroecologia, que englobava a escala das parcelas ou unidades produtivas, passou a abarcar a dimensão do agroecossistema, ou seja, o enfoque na década de 70 e 80 era pensar o desenho e o manejo a partir dos princípios e relações ecossistêmicas (GLIESSMAN, 2001). Além disso, nesta mesma época o enfoque dado pela agroecologia foi ampliado para a escala da paisagem do agroecossistema. Nos anos 2000, Francis et al (2003) conceituou agroecologia da maneira

mais ampla tida até então, como “o estudo integrativo da ecologia de todo o sistema alimentar, abrangendo dimensões ecológicas, econômicas e sociais”, e em seguida Gliessman (2007) definiu agroecologia como “a ciência da aplicação de conceitos e princípios ecológicos ao projeto e gerenciamento de sistemas alimentares sustentáveis”. Para Wezel (2009) a utilização desta dimensão necessita abordagens e métodos trans e multidisciplinares, onde os estudos devem incluir tanto o sistema de produção, processamento e comercialização de alimentos, quanto considerar as decisões políticas e econômicas, além dos estudos sobre o hábito de consumo da sociedade. Estes diversos recortes estão interconectados de maneira complexa em diferentes espaços e tempos, ressaltando a importância das abordagens e métodos diferenciados.

Hoje, no Brasil, as redes de agroecologia se integram a outras redes e movimentos, como a “Saúde Coletiva, Justiça Ambiental, Soberania Alimentar, Economia Solidária e Feminismo”, de maneira mais contundente a partir do “Encontro Nacional de Diálogos e Convergências: agroecologia, saúde e justiça ambiental, soberania alimentar e economia solidária” (PORTO, 2014). Aos poucos, a agricultura alternativa e posteriormente a agroecologia foi evoluindo, portanto, seus conceitos e áreas de atuação foram sendo ressignificados e ampliados. Alguns princípios foram sendo incorporados, p.e., o feminismo, que, como evidencia Emma Siliprandi (2000), eram poucas organizações que faziam a relação entre feminismo e agroecologia, não sendo pauta nem teórica nem prática até então.

A agroecologia também pode ser concebida como um saber ambiental do campo da complexidade, exigindo desta forma a abordagem interdisciplinar e o diálogo de saberes: a criação deste corpo complexo e integrado de conhecimentos sobre os processos naturais e sociais é denominada por Leff (2001) de ‘saber ambiental’ que implica a construção de uma nova racionalidade e a integração interdisciplinar do conhecimento para explicar o comportamento de sistemas socioambientais complexos (FLORIANI & FLORIANI, 2010). Este saber ambiental complexo já tem sido trabalhado pelos camponeses, o que resta, apenas, conforme Gomes (1993), é a abertura efetiva da agroecologia a estes saberes como fonte válida de conhecimento. Os valores que sustentam o novo sistema de regras de pensamento e ações sociais não têm o intuito de ser enquadrados na caixa da cientificidade conforme aceita atualmente, uma vez que a estratégia cognitiva acima exposta ocorre no diálogo dos saberes acadêmico convencional e os tradicionais, abrindo portas para uma construção que conta com a tradição e modernidade (LEFF, 2001).

Para dar conta de resistir e responder aos processos da revolução verde, bem como outras imposições do norte imperial/colonial como mineração, portos, barragens, relações mercadológicas capitalistas amparadas pelo Estado técnico-burocrata, patriarcado, entre outros, a agroecologia no Brasil em suas múltiplas definições e amplitudes é construída e organizada em diferentes escalas e dimensões a partir de diferentes instituições e coletivos.

Na escala nacional a agroecologia é construída a partir de coletivos como a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), a qual reúne as articulações estaduais de agroecologia e movimentos sociais; a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), a qual reúne núcleos e grupos de estudo em agroecologia sediados nas instituições de ensino superior e de pesquisa; a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), a Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar (Fetraf).

Ainda a nível nacional, alguns espaços de organização e construção da agroecologia foram ampliados e institucionalizados em 2012, quando foi decretada pela Presidenta Dilma, após reivindicação da Marcha das Margaridas, a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO). Como espaço de governança a PNAPO institui a Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (CNAPO), a Câmara Interministerial de Agroecologia e Produção Orgânica (CIAPO), Câmara Temática de Agricultura Orgânica (CTAO), e Comissões da Produção Orgânica das Unidades da Federação (CPOrgs). A CNAPO conta com a participação paritária da sociedade, e fazem parte dela coletivos de âmbito nacional citados acima.

Na escala estadual e/ou regional, conta com Articulações Estaduais de Agroecologia, Associações, Cooperativas, Fóruns. A exemplo do Rio de Janeiro, a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ), Associação de Produtores Biológicos do Rio de Janeiro (ABIO), Fórum de Comunidades Tradicionais, Cooperativa de Consultoria, Projetos e Serviços em Desenvolvimento Sustentável (CEDRO), Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA), entre outros.

A agroecologia também é construída nas Instituições Públicas de Ensino, Pesquisa e/ou Extensão, através de estudantes, professores, pesquisadores, técnicos, analistas, enfim, indivíduos compromissados com a Agroecologia. Alguns exemplos no Rio de Janeiro são a Embrapa Agrobiologia, Solos e Tecnologia de Alimentos, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Universidade do Norte Fluminense, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, EMATER-RIO, entre outros. Isso ocorre de maneira paradoxal, pois, como vimos acima,

essas instituições foram indispensáveis no processo da pesquisa e difusão da Revolução Verde no Brasil, e ainda são, majoritariamente, compromissadas com o agronegócio e o sistema agroalimentar vigente.

No nível local, as agricultoras e os agricultores, os técnicos, pesquisadores, professores, os estudantes, os consumidores, se articulam e se organizam em cooperativas, associações, instituições e grupos de agroecologia, grupos de consumo consciente, vinculados muitas vezes em rede com as demais organizações estaduais e nacionais. Sobre a necessidade de englobar as diversas dimensões na atuação dos agroecologistas, Gliessman (2012, p.1, minha tradução) traz importante reflexão, apontando novos desafios:

“Agroecologia deve integrar a ciência, tecnologia e prática, e movimentos para mudança social. Nós não podemos deixar a separação artificial dessas três áreas ser uma desculpa que alguns usam para justificar fazer pesquisas apenas na parte tecnológica. Agroecologia foca no sistema agroalimentar inteiro, da semente à mesa. O agroecologista ideal é aquele que faz ciência, cultiva, e é comprometido com a garantia que a justiça social guie sua ação pela mudança. Nós devemos ajudar as pessoas que cultivam os alimentos e as pessoas que comem estes alimentos se reconectarem numa relação que beneficiem ambos. Nós precisamos restabelecer segurança e soberania alimentar, e oportunidades nas comunidades rurais ao longo da América Latina que tem sido severamente danificada pelo sistema agroalimentar globalizado. Nós devemos respeitar os diferentes sistemas de conhecimento que coevoluíram durante milênios sob ecologias e culturas locais. Fazendo isso, nós podemos evitar a eminente crise alimentar e estabelecer uma fundação sustentável para os sistemas agroalimentares do futuro”.

2.1.4. Transição agroecológica: entendendo o processo

Para Schmitt (2009), podemos compreender o termo transição como “a ação e o efeito de passar de estado para outro distinto, alterando a forma de ser e estar”. Considerando a polissemia da agroecologia, a definição e operacionalização da transição agroecológica também se encontra em construção, mesmo já sendo utilizada como categoria de análise na tentativa de entender as interações entre as dimensões ecológicas e sociais envolvidas no processo do desenvolvimento rural (SCHMITT, 2009).

Para Angela Hilmi (2012) a proposta da transição tem que ser desenvolvida para além de algo planejado e previamente definido, executado de cima para baixo, permanecendo a ideia de como os agricultores deveriam realizá-la. Ela propõe que a transição aconteça a partir da ideia que as transformações individuais sejam um objetivo atingível, um processo a partir da confluência de vários fatores, e não mais um ponto de partida pré-fixado, conforme explora abaixo:

“As transições ocorrem em múltiplas camadas, múltiplos níveis, múltiplas funções, múltiplas dimensões e múltiplas etapas. O centro do processo de transição é a criação de novas ligações e novos padrões entre as pessoas, instituições e recursos que, até então, ficavam isolados. É por isso que o diálogo e a consulta democrática são importantes. As transições, acima de tudo, tratam da criação e da exploração dessas novas conexões” (Hilmi, 2012, p.76).

Trabalhando um dos fatores, o “valores compartilhados”, Hilmi (2012) afirma que à medida que a quantidade de pessoas comprometidas aumenta, é necessário consolidar a coalização da rede a partir da elaboração dos valores compartilhados e princípios comuns que a permeiam, através do diálogo e do consenso, os quais auxiliam no processo de ligar e fortalecer as pessoas na construção de formas de cooperação, envolvimento, e organização social.

A noção de ecologização é proposta por Buttel (1992) tanto para abordar a inserção da dimensão ecológica no discurso social, quanto na introdução desta nas práticas dos agentes políticos, nas políticas públicas, instituições, e etc. A ecologização é vista como “um conjunto de manifestações oriundas dos mais diferentes atores sociais, nos quais se amplia a consciência ou se orientam as práticas sociais a maiores graus de incorporação da dimensão ecológica.” (SILVA, 2015, p.201). Pode, além disso, ser utilizada para abordar a transição das práticas agrícolas, através da integração da agronomia com a ecologia, enfoque dado aos agroecossistemas. Leff (2001) também traz uma questão importante, que é a consciência ecológica, para que se possa pensar a transição na dimensão social, além da ambiental.

A transição é entendida, para Caporal (2004), como um processo gradual e multilinear de mudança nas formas de manejo dos agroecossistemas, que ocorre através do tempo, não tendo um fim definido. Como depende da intervenção humana, é necessária a mudança de atitude e valores dos atores sociais para favorecer esse manejo. Esta transição, ao respeitar os princípios de base ecológica, atende os requisitos sociais, considera os culturais, preservando os recursos naturais, além de considerar a participação política e empoderamento dos atores que vivem a transição agroecológica, além de proporcionar retornos econômicos à sociedade (CAPORAL, 2004). A partir dessa perspectiva, se inclui outras dimensões que estão relacionadas com a ecológica e social no processo do desenvolvimento rural, como a questão ética e cultural.

A construção teórico-prática, técnica e metodológica que embasa a atuação do indivíduo e dos coletivos na agroecologia partem de alguns princípios como ecologia e diálogo de saberes, complementariedade de visões acerca do mesmo contexto e de diferentes

contextos, ressignificação do que é ciência e científico, horizontalidade, autonomia, participação, solidariedade, e compromisso com o coletivo. A transição agroecológica a partir do sistema agroalimentar, em suas dimensões produtivas, comerciais, socioeconômicas, ambientais, das organizações de agricultores, dos povos tradicionais, das articulações, dos movimentos sociais deve ser estimulada tendo em vista a necessidade da construção da agroecologia.

Contudo, é necessário também entender a transição agroecológica dentro dos centros acadêmicos do ponto de vista das suas relações com os demais atores citados acima (diálogo de saberes), além do ponto de vista do enfoque individual nas relações pessoais cotidianas, considerando, e também apesar de, as institucionalidades ou categorias as quais esses indivíduos pertencem.

2.1.5. Ecologia e diálogo de saberes: só sei que nada sei

Partindo do princípio de incompletude de todos os saberes que emerge a possibilidade de diálogo, pois cada um orienta uma diferente prática para superar certa ignorância. O confronto e o diálogo entre os saberes derivam dos processos através dos quais práticas diferentemente ignorantes se transformam em práticas diferentemente sábias (SANTOS, 2002).

O estabelecimento do processo de diálogo horizontal entre atores inseridos na agroecologia ainda pode ser dificultado por dois extremos. Conforme Araújo (2009), por um lado, não se deve tentar impor a qualquer preço a visão agroecológica, o que pode caracterizar a saída de um pacote para entrar em outro, de outro lado, não se pode naturalizar o modelo convencional de maneira conformista por causa das resistências de quem pratica este tipo de agricultura há anos, manejando o agroecossistema sem muita reflexão crítica.

Para além das questões produtivas, considerando a multiplicidade de indivíduos e coletivos que constroem a agroecologia, que por sua vez tem muitos significados e aplicações, é um desafio pensar a promoção do diálogo dos saberes sem considerar que este processo envolve “pontos críticos de interseção entre distintas visões de mundo, implicando em discontinuidades e assimetrias em termos de valores, conhecimentos, interesse e poder entre os diferentes agentes envolvidos.” (SCHMITT, 2009, p.6). Ainda que haja muitos experimentos em curso nesse sentido, ainda temos a necessidade de aprofundar num referencial que englobe a “heterogeneidade do conhecimento, da agência humana e da complexidade das redes que dão suporte à produção e reprodução de determinados modos de

organização da agricultura e do desenvolvimento rural” (SCHMITT, 2009, p.6). Partindo desta reflexão, entendemos que a transição agroecológica acontece como um processo de conflitos, com descontinuidades, assimetrias, ressignificações, em muitas escalas e dimensões, no qual há uma centralidade na agência humana.

2.1.6. Metodologias na Agroecologia

Primeiramente compreenderemos o que significa cada palavra. A palavra método, do grego, significa “caminho para chegar a um fim”. Metodologia, também do grego, é o estudo do método. Para tal, lançamos mão de um arcabouço de regras e procedimentos estabelecidos para pesquisar (TARTUCE 2006 apud GERHARDT & SILVEIRA, 2009).

Desta forma, é indispensável sublinhar o que difere método de metodologia. Metodologia se ocupa com a validade do caminho utilizado para chegar ao objetivo da pesquisa. O esforço metodológico é diferente da teoria (conteúdo) e dos métodos e técnicas (procedimentos), mas é composto por estes. Sintetizando, “a metodologia vai além da descrição dos procedimentos (métodos e técnicas a serem utilizados na pesquisa), indicando a escolha teórica realizada pelo pesquisador para abordar o objeto de estudo.” (MINAYO, 2007 apud GERHARDT & SILVEIRA, 2009).

Gerhardt & Silveira (2009) referenciando Minayo (2007), apresentam definições de metodologia conforme abaixo:

a) como a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou o objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas (MINAYO, 2007, p. 44).

Na agroecologia, mesmo quando era intitulada agricultura alternativa, conforme sua construção foi evoluindo, aprofundaram-se os questionamentos acerca das metodologias utilizadas pela academia e pelos agentes de ATER para sua construção teórica e prática. Neste caminho de pensar novos métodos, a partir da introdução do conceito da agroecologia, apresentou uma oportunidade de ruptura epistemológica, ao permitir que a noção de “transferência/difusão de tecnologia” fosse substituída por “processos sociais de inovação

agroecológica”, para que as tecnologias passassem a ser contextualizadas localmente nas realidades social, cultural e ecológica (PETERSEN & ALMEIDA, 2004 apud LUZZI, 2009).

O debate da participação foi evoluindo e ganhou maior destaque dentro da Rede PTA após a publicação da série “Agricultores na Pesquisa” em 1989 pela PTA/FASE, onde o debate procurou abordar a importância da participação dos agricultores em todas as etapas dos projetos. Os primeiros DRPs (Diagnóstico Rural Participativo) foram longos e quantitativos, instrumentalizando os técnicos, mas não garantindo a participação dos agricultores nem a utilização de todos os dados. Por tentativa e erro o método foi se aperfeiçoando, e uma versão mais qualitativa e eficiente foi aplicada pela rede PTA em vários locais do país (LUZZI, 2009).

Na época do trabalho da PTA/FASE foi difícil de encontrar profissionais com compromissos e qualidades específicas para realizar o trabalho de identificar e sistematizar as experiências e suas tecnologias, pois os próprios técnicos no campo (devido à sua formação convencional) ainda carregavam a ideia de que produtos desenvolvidos por agricultores familiares não eram tão valiosos quanto técnicas apreendidas na teoria (na época ainda escassa). Ou seja, o que aconteceu foi a substituição de um pacote por outro.

Por outro lado, algumas outras ONGs comprometidas com a tarefa pensada e coordenada pela PTA/FASE, apontaram que era difícil cumprir a missão de identificar, sistematizar e difundir as experiências sem antes fazer um processo de construção da parceria. Contatava-se um grupo, apresentava a proposta de parceria, mas de contrapartida logo vinham as demandas, as sensibilizações a serem feitas. Não era possível ter legitimidade apenas chegando e perguntando quais práticas os grupos contatados utilizavam.

Parecem ser dois pacotes alternativos. Os métodos utilizados pelos técnicos e pela pesquisa acadêmica, ambos chegando assepticamente com a expectativa de fazer o que tinham planejado conforme suas teorias e métodos aprendidos em suas formações, sem considerar o contexto territorial de cada grupo, nem suas demandas.

A situação de reprodução de padrão do pacote tecnológico foi encontrada nas experiências de Cardoso (2006) e Araujo (2009). Cardoso (2006) aponta que na fase inicial de trabalho do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata – CTA-ZM, o grupo tecia críticas às tecnologias modernas, mas a noção de difusão ainda estava enraizada nas concepções da entidade. Mesmo que se entendesse a importância da valorização dos conhecimentos dos agricultores, não se sabia exatamente como construir processos de inovação junto com eles.

“Portanto, a abordagem adotada significava um avanço considerável do ponto de vista metodológico, mas não alterava em essência os procedimentos convencionais dos sistemas oficiais de pesquisa e extensão rural. Entre outras razões, por não permitirem o estabelecimento de relações de poder mais horizontais entre assessores e agricultores. Apesar do respeito à cultura popular, o protagonismo do processo permanecia com os técnicos” (CARDOSO, 2006).

Já Araujo (2009) aponta o desafio metodológico de conciliar os extremos de, por um lado impor o “pacote agroecológico” e por outro cristalizar o saber do agricultor como completo, naturalizando práticas ou convencionais ou ecológicas dispendiosas, por conta de sua resistência cotidiana para reproduzir sua vida, sem nenhuma reflexão crítica. Ele chama a atenção de que é necessário ir ao local resolver os problemas que os agricultores acham relevantes, “para isso, tem que partir da assessoria a sensibilidade de saber ouvir para contribuir para matar a sede que eles estão sentido, não a nossa sede, que achamos que é a sede deles” (ARAUJO, 2009, p.180). Tempo e continuidade, flexibilidade na execução do planejamento das reuniões são pistas que ele nos aponta para caminhar na direção da participação e diálogo de saberes, na construção tanto dos projetos, quanto na construção das soluções e inovações.

A partir das metodologias inicialmente propostas na década de 80, 90, foram sendo desenvolvidas e adaptadas outras nas diversas regiões brasileiras, apenas para citar um exemplo, a Análise Econômica-Ecológica do Agroecossistema (AS-PTA, 2015), sendo que a participação e a visão sistêmica é aprofundada cada vez mais, dependendo da aplicação e condução do método. Outras noções metodológicas como a pesquisa-ação, pesquisa participante, sistematização de experiências, com seu ferramental próprio, foram preponderantes para este processo contínuo de repensar e renovar os métodos utilizados na agroecologia.

Sevilla Guzmán nos ajuda a entender os níveis de evolução dos métodos e técnicas utilizados na agroecologia, que pode ser sintetizado a partir da elaboração de um quadro (Quadro 1):

Quadro 1 – quadro síntese das metodologias utilizadas pela agroecologia e seus níveis. Adaptado de Guzmán, 2002.

Análise \ Níveis de perspectivas	Distributiva (produtiva)	Estrutural (desenvolvimento)	Dialética (movimentos sociais)
Exploração da propriedade	Estação experimental Diagnóstico clínico da propriedade	Histórico da propriedade	Desenvolvimento participativo de tecnologias na propriedade
Estilo de manejo	Observação antropológica clássica	Grupo de discussão (manejo técnico-agronômico de um recurso)	Estratégias participativas de disseminação
Comunidade local	Diagnóstico rural rápido	Observação participante em direção à dinâmica de pesquisa-ação	Diagnóstico participativo
Sociedade local	Leitura transversal	Grupo de discussão (caracterizador do discurso)	Estratégias participativas de articulação
Sociedade maior	Planejamento rural convencional	Desenhos participativos de desenvolvimento endógeno	Socioanálise de grupos em assembleias
Nível de análise genérica	Pesquisa (questionário)	Entrevista	Assembleias em dinâmicas da Pesquisa participativa

Como visto nos tópicos anteriores, a Agroecologia conta com um novo paradigma, uma nova epistemologia, para tanto, precisa de novas metodologias para construir a si mesma e seus espaços de atuação, onde se propõe a diferentes coisas do paradigma vigente. As caravanas agroecológicas e culturais e excursões científicas tem se apresentado como possibilidades metodológicas para cumprir essa tarefa. Muitos avanços foram galgados na agroecologia, mas ainda há muita influência da ciência moderna e controvérsias sobre a construção da noção do que “é válido e científico”.

2.1.7. Caravanas Agroecológicas e Culturais e Excursões Científicas

A ideia surgiu a partir da releitura de diversas experiências que aconteceram em tempos e lugares distintos, protagonizadas por atores diversos. Para reconstruir a ideia das caravanas com enfoque para a agroecologia, os proponentes beberam nas fontes das excursões pedagógicas na educação socialista de Makarenko, da metodologia de intercâmbio e assistência técnica Campesino-Campesino de Cuba, marchas de Mahatma Gandhi, marchas dos movimentos sociais, das Romarias da Terra realizadas historicamente pela Comissão

Pastoral da Terra, das Caravanas da Cidadania construídas como ferramenta alternativa à campanha política presidencial tradicional pelo Luís Inácio Lula da Silva, e das viagens enquanto ferramentas pedagógicas preconizadas pela geografia agrária como indispensáveis para o aprendizado entre as pessoas. A primeira experiência de aplicação da metodologia foi o ano preparatório para o terceiro Encontro Nacional de Agroecologia (III ENA) realizado em Juazeiro, em 2014.

Indo na contramão da extensão rural convencional, a metodologia Campesino a Campesino promove a inovação construída pelos agricultores, a partilha e a aprendizagem de forma horizontal. A versão mais recente da metodologia surgiu na Guatemala e depois foi irradiada pela Mesoamérica nos anos 70. Baseada no método horizontal freireano de comunicação (FREIRE, 2014), agricultores compartilham com outros seus conhecimentos, descobertas e redescobertas de soluções acerca de problemas em comum. Um pressuposto importante da metodologia campesino a campesino é a confiabilidade e aplicabilidade da troca de saberes entre agricultores, uma vez que eles veem com seus próprios olhos uma experiência construída na realidade de outro agricultor. Os agricultores que são protagonistas do processo de produção e compartilhamento do conhecimento, promovendo sua mobilização, e os técnicos têm um papel de facilitar e apoiar o processo de troca entre os agricultores (ROSSET, 2011).

Após documentar as experiências da Mesoamérica acerca da metodologia Campesino a Campesino, Holt-Giménez chegou a cinco princípios que resumem o que ele chama de “pedagogia do camponês”:

- i) Começar devagar e em pequena escala. Os agricultores experimentam novos métodos em uma pequena parte de sua terra, sem se apressar; ii) Limitar a introdução de novos métodos. As pessoas ficam sobrecarregadas quando tentam muitas novas práticas ao mesmo tempo; iii) Alcançar sucessos rápidos e reconhecíveis. O processo funciona melhor quando os agricultores primeiro ensinam coisas que têm certeza que terão um impacto positivo rápido, porque as pessoas estão motivadas a continuar participando; iv) Realizar experimentos em pequena escala. Todo mundo é incentivado a experimentar em pequenas áreas de sua própria terra, sem arriscar suas colheitas inteiras. Quanto mais agricultores se tornarem experimentadores ativos, mais rápidos os avanços da transição geral; v) Desenvolver um efeito multiplicador. À medida que mais camponeses se tornam promotores e experimentadores, o processo começa a demonstrar um impulso de auto-catálise. (BUNCH 1985, KOLMANS 2006, HOLT-GIMÉNEZ 2006, MACHÍN SOSA ET AL. 2010 apud ROSSET, 2011, p.170)

A metodologia campesino a campesino é participativa, baseada nas necessidades, cultura, identidade, condição histórica dos agricultores, e condições e características ambientais locais. Isso leva ao conhecimento, entusiasmo e protagonismo para acessar, reconhecer, compartilhar o diverso e vasto conhecimento sobre agricultura de base familiar e comunitária (ROSSET, 2011). Este método ativou a criatividade do povo do campo para solucionar seus próprios problemas, que eram também os problemas da sociedade cubana como um todo agroecológico (MACHÍN-SOSA, 2010).

Como Cuba estava num momento de crise, a Associação Nacional de Agricultores Pequenos (ANAP), em 2001, entendeu que era necessário reduzir a dependência de agências de fomento externa e dos técnicos, convertendo o método Campesino a Campesino em movimento social com bases campesinas de organização. Desta forma a metodologia se espalhou para cada canto da ilha de Cuba, diferenciando a experiência cubana das demais da Mesoamérica de até então. Desde 1997 até a época da publicação referida, o movimento incorporou mais de 100 mil famílias equivalente à mais de um terço das famílias camponesas cubanas, em 13 anos de trabalho. Alto grau de organicidade da base, e alto nível ideológico são alguns fatores que um movimento de massas confere ao movimento, que tinha um objetivo em comum do desenvolvimento e implementação do campesinato agroecológico (MACHÍN-SOSA, 2010).

Já as Romarias da Terra surgiram no Rio Grande do Sul e na Bahia em 1978, na época da ditadura militar, vinculada diretamente à Teologia da Libertação, para lutar contra a injustiça social no campo cometida contra atingidos por barragens, índios, posseiros, sem-terra, pequenos agricultores e trabalhadores rurais. A união da política com a fé marcou a formação dessa nova prática litúrgica, mesclando passeatas de protesto, romarias tradicionais e novas formas de espiritualidade das Comunidades Eclesiais de Base, e logo ela se espalhou pelo Brasil todo. Este fenômeno só pode ser compreendido do ponto de vista da questão agrária brasileira, da luta pela terra no decorrer dos seus 500 anos de história (ADAM, 2002; CPT, 2017).

As romarias bebem na fonte das marchas da humanidade, tem um sentido simbólico e místico muito forte. Aconteceram num período o qual o Concílio Vaticano II acabou com a ruptura entre povo, palavra e altar. Incorporam símbolos e ritos de outras religiões, configurando um caráter ecumênico. Mais que confortar o coração, as Romarias da Terra buscam a transformação da sociedade, através da construção do Reino de Deus, por isso é centrada no coletivo e na realidade do povo. “A romaria contribui para transformar a mística e

a espiritualidade em gesto e compromisso concretos [...] As Romarias da Terra são o Sacramento da caminhada. Elas são o templo do encontro do divino com o humano” (CPT, 2017).

Os símbolos utilizados nos eventos organizados ora próprios da CPT, ora de outras entidades como o MST, CONTAG e sindicatos, são bíblicos, como a terra, a água, a cruz e a Bíblia. Estes símbolos fazem parte da rotina, do universo subjetivo e objetivo dos romeiros camponeses, e isso permite uma conexão mais rápida por mulheres e homens acerca da sua representatividade e do seu vigor, na mística. Como as romarias acontecem de maneira plural em diversas regiões, ela pode se configurar como momentos marcantes e criativos de reforço à mística, bem como ser inspiração para o renascer de muitos romeiros, e também incorporando na mística da CPT as riquezas culturais e religiosas da diversidade de comunidades rurais que participam da romaria. A resistência e a luta pela terra, desde seu começo, são caracterizadas por elementos místico-religiosos, por toda América Latina, estruturando-se a partir da mescla entre a cultura dos “excluídos” e religião, onde terra, lugar e espaço têm dimensões religiosas (ADAM, 2002; ALMEIDA, 2005).

Cada Romaria da Terra guarda sua peculiaridade quanto à periodicidade, à escala (regional, local, diocesana), mas o mais comum entre elas é o lugar de realização, que são simbólicos, marcados por algum fato da luta pela terra, seja um conflito, seja uma conquista. O nome das romarias mudou para Romarias da Terra e das Águas na primeira década dos anos 2000 (CPT, 2017). Ela tem uma programação principal que começa pela “Concentração inicial e abertura da romaria, procissão ou caminhada, festa de encerramento” (ADAM, 2002). Algumas intenções da romaria são “i) Reunião de pessoas que acreditam na opção da igreja pelos pobres e marginalizados; ii) Reavivar (revigorar) as forças na luta; iii) Rememorar os irmãos que ‘morreram na caminhada’ e anunciar sua presença na luta, através das histórias de sua vida, seu engajamento político e sua ‘morte’” (DE SOUZA, 2012, p.30).

No ritual litúrgico da busca pelo território, o povo local é visitado e colocado no foco das atenções, seus costumes e culturas são introduzidos através das apresentações artísticas, sua comida é experimentada. “O povo da romaria se solidariza com o povo local, pois vem conhecer a realidade do outro, reza e festeja com eles. No local do acontecimento da romaria, Deus é trazido e redescoberto” (VANDERLINE, 2010, p.95). Uma nova sociedade passa a ser visualizada, a memória reconstituída desde um mutirão da memória com o espaço, para ouvir, contar novamente, pesquisar a própria memória do local. A caminhada e o movimento são essenciais, sendo uma expressão de esperança e protesto, caracterizado na “procura do

espaço”. A Romaria da Terra e das Águas pode ser vista como uma festa com caráter subversivo, num espaço criado para risada e brincadeiras com a própria situação dos participantes, onde o poder político é relativizado e ridicularizado. Assim, a romaria na perspectiva de festa abre a visão para lugares e territórios possíveis (ADAM, 2002; VANDERLINE, 2010).

Como os polos de política e fé são reunidos, há também uma diversidade de participantes com entendimentos distintos. Há um descompasso na relação entre as lideranças da CPT com a romaria e a prática dos fiéis, que a CPT se esforça para equacionar através de uma formação ampla dos agentes de pastoral. Esse processo é continuado e longo, visto que parte das lideranças não possuem os valores da cultura camponesa, necessitando passar por mudança de mentalidade e cultura (ALMEIDA, 2005)

Conforme aponta Barreira (1996), quando falamos de caravana e excursão, poderia surgir na nossa cabeça as lembranças das expedições científicas para os cantões do Brasil, comuns na ciência moderna, “com o objetivo de explorar riquezas e delimitar domínios”, comumente composta por pesquisadores estrangeiros e alguns pesquisadores brasileiros (conhecidos como informantes nativos) em busca de um novo princípio ativo para algum fármaco ou cosmético, ou para prospectar alguma riqueza subterrânea a ser explorada.

A ferramenta *stricto sensu* é a mesma, mas a ideia, os princípios, os objetivos, as dimensões e questões são outros, como no caso das Caravanas da Cidadania. As viagens para as regiões esquecidas do país, indo até os excluídos, tinham “como um dos seus principais objetivos desfazer antigas e firmar novas crenças políticas”, em outras palavras, ressignificar e fazer uma releitura do Brasil e seus lugarejos que muitas vezes nem constavam no mapa.

Os visitantes, recebidos por representantes locais da sociedade civil organizada, lideranças religiosas, ou partidárias, com seu intuito de diálogo e conhecimento da realidade, configurou o “encontro de mundos diferentes que se equivalem na busca de objetivos comuns” (BARREIRA, 1996, p.14). As Caravanas da Cidadania tinham objetivos e sentidos distintos para as diversas pessoas, além de alguns serem modificados com o tempo e com as demandas que se alteravam. Os objetivos eram diferentes para as pessoas que participavam na delegação da caravana da cidadania e para as pessoas que participavam na acolhida dos caravaneiros, possuíam, além disso, a dimensão da denúncia e da exclusão social (BARREIRA, 1996).

A construção das Caravanas da Cidadania precedia o objetivo de natureza eleitoral no início (1993), que mesclou valores culturais, políticos e religiosos, a fim de construir a

conscientização da população como um momento, para que as pessoas compreendessem o que a esquerda, representada pelo PT e tendo o Lula como figura central, queria como projeto político para o Brasil, e que esse momento pudesse posteriormente se agregar ao momento da campanha eleitoral. Foram 26 estados, percorrendo 359 cidades, com o “objetivo de aprofundar o conhecimento sobre a realidade brasileira, ouvindo comunidades esquecidas, difundindo experiências positivas e articulando propostas viáveis de desenvolvimento para essas áreas” (INSTITUTO LULA, 2017).

Esse método foi tido na época como inovador para contribuir com a defesa dos direitos de cidadania do “Brasil profundo”. Depois desse período (1993-1996), houve outras três caravanas (2001) percorrendo 47 cidades de sete estados brasileiros, com os ministros que comporiam o primeiro mandato da Era petista (2002-2016). A partir da presença de jornalistas, foram elaboradas documentações com dois livros e um vídeo produzidos a partir de então (INSTITUTO LULA, 2017).

Preparação para o III ENA.

A primeira experiência no Brasil com as Caravanas Agroecológicas e Culturais ocorreu no contexto da preparação das cinco regiões brasileiras para o III Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), as intituladas Caravanas Territoriais. Algumas regiões já adotaram o nome Caravana Agroecológica e Cultural desde o início, por entender a importância da dimensão cultural no processo de construção da agroecologia. Após oito anos da realização do II Encontro, foram planejadas e executadas oito caravanas pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), junto à diversas organizações dos territórios locais. O objetivo desta inovação metodológica, segundo consta no site da Articulação, foi “favorecer o estudo e compreensão de cada território por parte dos atores locais”. Foram envolvidas aproximadamente duas mil e quinhentas pessoas (ANA, 2014).

Para a articulação, as comidas típicas e manifestações culturais são características que mais representaram os diferentes territórios (ANA, 2014). Portanto, as Caravanas Territoriais passaram a ser chamadas de maneira ampla de Caravanas Agroecológicas e Culturais, para enfatizar essa dimensão da atividade. Além disso, para os participantes e organizadores, o processo de construção das Caravanas foi muito rico e mobilizador (ANA, 2014).

Segundo o site da articulação, na matéria intitulada “O legado das caravanas agroecológicas rumo ao III Encontro Nacional de Agroecologia”, houve uma intensa troca de saberes entre os participantes, dentre eles agricultores, estudantes, gestores públicos, técnicos,

durante as visitas. O objetivo das caravanas agroecológicas e culturais preparatórias para o III ENA foi evidenciar as virtudes e dificuldades das iniciativas agroecológicas brasileiras (ANA, 2014).

As metas e expectativas postas foram “pensar o fortalecimento da agroecologia e a ampliação da escala das suas experiências; que outras regiões, estados, organizações e movimentos, em parceria com as universidades e trabalhadores urbanos, realizem outras caravanas.” Para dar visibilidade ao III ENA e fomentar sua continuidade, o processo foi sistematizado em boletins, fotografias, vídeos, utilizados para apresentação e debate no evento (ANA, 2014).

2.2. Lentes para olhar o mundo: teorias, metodologias e ferramentas utilizadas na pesquisa

Nesta parte me dedico a embasar teoricamente as metodologias utilizadas para a presente pesquisa. Os detalhamentos dos métodos são feitos nos capítulos que eu os utilizo.

2.2.1. Redes de solidariedade e confiança

Atualmente os conflitos transpassam esferas econômicas, políticas, sociais, incluindo outras como simbólicas e culturais, para aprofundar as lutas por reconhecimento, como a agroecologia. São novas formas de conflitos e mediações feitos por outros atores e com diferentes identidades coletivas e individuais (MARTINS, 2010).

Tais mobilizações escapam das formas tradicionais de articulação política, devido ao surgimento de unidades diversificadas e autônomas que dedicam à solidariedade interna uma parte importante de seus recursos [...] Isso nos conduz a redefinir os movimentos, nas sociedades complexas, como redes invisíveis de grupos, de pontos de encontro, de “circuitos de solidariedade, que diferem profundamente da imagem do ator coletivo politicamente organizado” (MELLUCI, 2001, p.95-97 apud MARTINS, 2010).

Para analisar o processo de construção das redes de solidariedade e amor, é necessário partir do princípio de que a realidade é ambivalente, paradoxal, multifacetada, que existem determinações múltiplas do fato social, e que apresenta uma variedade contraditória de motivações antropológicas. As teorias de rede social se preocupam em entender e explicar o fato social como algo que, por um lado, não planejado por qualquer um dos indivíduos que compõe a sociedade, nem por outro, é executado por um sistema de determinação estrutural

mundial que opera igual para todas as sociedades e indivíduos (MARTINS, 2004; ELIAS, 1994).

Uma reflexão interessante a ser feita para analisar os processos de construção de solidariedades sociais de base, é que as relações entre pessoas e coletivos são construídas desde uma experiência que escapa tanto à noção de imperialismo da obrigação coletiva, como ao relativismo da liberdade individual. A partir disso, entendemos que essa experiência circula numa realidade social complexa, que apresenta polos, que não são excludentes dicotômicos, mas onde obrigação e liberdade, interesse e desinteresse, são elementos de um paradoxo. Este princípio (do paradoxo) nos auxilia o entendimento da constituição da ação social, ao apreender uma realidade que é uma coisa e outra simultaneamente. Desta forma entendemos que as dicotomias “não apenas são insuperáveis como, no fundo, são expressões de uma mesma coisa” (MARTINS, 2004, p.38).

É a partir da coexistência paradoxal da obrigação e da liberdade, nessa fronteira, nessa relação entre os dois opostos que operam o e no fato social, que nascem as particularidades nos territórios, e a noção de redes entra em cena como recurso para favorecer programas desenvolvidos a partir da base, exigindo envolvimento, participação ativa dos indivíduos para promover cidadania e democracia (MARTINS, 2004).

Para Martins (2010), as redes sociais funcionam como aparelhos que regulam negociações, conflitos, tensões entre grupos e indivíduos. Diferentemente das teorias utilitaristas acerca das redes sociais, o ponto de vista interacionista, relacional, antiutilitarista conta com pressupostos da realidade paradoxal e aberta ao diálogo com demais sistemas, que o autor elenca da seguinte forma: sistemas interativos (dimensão hermenêutica), a vivência dos atores sociais (dimensão fenomenológica) e as obrigações coletivas que nascem da dívida simbólica entre indivíduos e grupos (dimensão da dádiva)” (MARTINS, 2010, p. 408).

A ideia de redes, fundamentando a sociologia relacional, pode se apresentar com uma chave interessante para as pessoas que buscam superar o dilema sociológico clássico entre estrutura e agência. Podemos entender a rede como um “pressuposto sistêmico da vida social”, onde a rede opera como contexto decisivo para que existam processos de diferenciação inerentes a sociedades complexas. Elas se apresentam “como possibilidades fenomênicas e discursivas de emancipação de saberes e práticas que se encontram reprimidos e (ou) inibidos.” (MARTINS, 2010, p. 411).

O enfoque das teorias de redes sociais permite uma reformulação teórica e metodológica, ao se propor a escutar as incertezas estatísticas, de tendências e probabilidades

de ação social que não são capturadas pela causalidade, uma vez que circulam pela ambivalência e descontinuidade dos processos. As redes podem ser apreendidas como um fenômeno múltiplo e aberto, caracterizado por intensidades e descontinuidades que envolve a ação política e a voluntária. Essas ações podem, por uma ótica, fundamentar esferas públicas e participativas, e, por outra, repercutir a realidade dos membros e tecelões de uma ou mais redes (MARTINS 2004, 2010).

Além das dimensões trazidas até agora, é importante entender a questão da confiança. Na tecelagem redes de solidariedade de base, precisamos entender que a obrigação social tem um caráter moral e político, resultados pelo interesse dos membros na construção da aliança, desde a perspectiva da dádiva e da fidelidade. “Há um risco inerente ao Dom/dádiva pelo fato de não haver certeza de que o donatário vai receber a ação ou vai retribuí-la. Tudo é possível!” (FIXOT, 1994, P. 187 apud MARTINS, 2004). A dimensão simbólica é importante para apreender as redes sociais, pois algo doado é além da coisa em si, a intenção de doar (MARTINS 2004, 2010).

A construção da dimensão da confiança não é dada por algo formal e escrito, mas é dada num contexto de risco, a partir do momento que se acredita que o outro com quem me entrelaço na rede não irá me trair, vai fazer circular os bens recebidos para seguir a construção da nova rede social. Esse risco é a incerteza que temos que nos colocar a escutar para apreender a realidade social, ela não pode ser calculada. A dimensão da confiança (dádiva) ajuda a explicar a vontade dos indivíduos de dar continuidade aos processos, onde se permite que os lugares individuais e coletivos sejam reconstruídos (MARTINS 2004, 2010).

Essa noção é valiosa nos escalas institucionais, mas surte muito mais efeito para entendimento e tecelagem da rede social (sociohumana), uma vez que é na escala das ações cotidianas e concretas que se constrói a sociedade complexa, fomentando e se relacionando com outras redes como as sociotécnicas ou socioinstitucionais. A teoria da dádiva, portanto auxilia na compreensão de como a teoria da rede social é importante para pensar estratégias em sociedades complexas, uma vez que as mobilizações ultrapassam as noções convencionais de “trabalho ou garantia de emprego e renda” seja pelo mercado ou pelo Estado (MARTINS 2004, 2010).

A partir da visão mais orgânica, relacional, que considere o princípio do paradoxo para olhar a vida comunitária e local, podemos pensar tanto a dimensão estratégica de mobilização e articulação das organizações para responder aos entraves desestruturantes das instituições sociais, quanto pensar esse debate como um subsídio de reforma moral e institucional estatal,

para pensar novas formas de descentralizar e territorializar as políticas públicas, a fim de contribuir com a emancipação dos processos de participação social, envolvendo diretamente as diversas redes interessadas, que são ao mesmo tempo globalizadas e regionalmente territorializadas (MARTINS, 2004, 2010).

2.2.2. Sociologia na escala do indivíduo

“As estruturas da psique humana, as estruturas da sociedade humana e as estruturas da história humana são indissociavelmente complementares, só podendo ser estudadas em conjunto.” (ELIAS, 1994, p.38). A partir dessa ideia de Norbert Elias que olhamos a construção dos processos relativos às delimitações temporais e escalares dessa pesquisa. Complementando a noção de redes a partir do princípio do paradoxo, das dádivas e da sociedade complexa, Elias parece trazer noções importantes no esforço de entender o *continuum* das coisas, a relação e intercomunicação entre os indivíduos, os coletivos e o contexto histórico.

Elias questiona o conceito de sociedade, que aparentemente é entendido por todos, mas que, ao aprofundar a discussão, não parece ser bem compreendido assim. Como pesquisar ou analisar algo que nem sabemos do que se trata? “Que tipo de formação é esse, esta “sociedade” que compomos em conjunto, que não foi pretendida ou planejada por nenhum de nós, nem tampouco por todos nós juntos?” (ELIAS, 1994, p.13). A sociedade, para Elias, só existe porque coexiste um grande número de indivíduos, e ela segue operando porque esses mesmos indivíduos, de forma isolada, fazem e desejam determinadas coisas. Contudo, sua estrutura e as transformações que sofreu ao longo da história não dependem do planejamento ou intuito de qualquer indivíduo em separado.

Aquilo que denominamos de sociedade nada mais é que uma rede onde as pessoas desempenham funções umas em relação a outras. Suas leis, as da sociedade, são autônomas e ela representa um tipo de esfera sui generis.

“Por mais certo que seja que toda pessoa é uma entidade completa em si mesma, um indivíduo que se controla e que não poderá ser controlado ou regulado por mais ninguém se ele próprio não o fizer, não menos certo é que toda a estrutura de seu autocontrole, consciente e inconsciente, constitui um produto reticular formado numa interação contínua de relacionamentos com outras pessoas, e que a forma individual do adulto é uma forma específica de cada sociedade. [...] Assim, efetivamente cresce o indivíduo, partindo de uma rede de pessoas que existiam antes dele para uma rede que ele ajuda a formar.” (ELIAS, 1994, p. 30, p. 34).

Não é possível para uma pessoa que nasceu e cresceu numa sociedade realizar modificações ou rupturas através de um passe de mágica, mas apenas até onde a “própria estrutura dessas dependências a permita”. Por mais única que uma pessoa seja, ela “vive num tecido de relações móveis que a essa altura já se precipitaram nela como seu caráter pessoal” (ELIAS, 1994, p.22). A estrutura básica de funções interdependentes não é criação dos indivíduos particulares, já que mesmo os mais poderosos exercem suas funções em relação a outras funções, que só podem ser apreendidas em termos do contexto e especificidade das tensões totais em questão.

A margem de decisão de cada pessoa emerge dentro da rede social. O lugar do indivíduo numa determinada sociedade, com sua estrutura e constelação histórica específica, que ele vive e faz coisas é caracterizado pela natureza e extensão da margem de decisão que lhe é acessível.

A pessoa, individualmente considerada, está sempre ligada a outras de um modo muito específico através da interdependência. Mas, em diferentes sociedades e em diferentes fases e posições numa mesma sociedade, a margem individual de decisão difere em tipo e tamanho. E aquilo a que chamamos “poder” não passa, na verdade, de uma expressão um tanto rígida e indiferenciada para designar a extensão especial da margem individual de ação associada a certas posições sociais, expressão designativa de uma oportunidade social particularmente ampla de influenciar a auto-regulação e o destino de outras pessoas (ELIAS, 1994, p.50).

Seja nas situações onde as características dos grupos guardam discrepância de poder, seja grupos nos quais o poder esteja mais ou menos bem distribuído, portanto, seja maior ou menor a margem que a pessoa tenha para decidir sobre as coisas, qualquer seja sua decisão, ela pode aproximar algumas pessoas e afastar outras. Seja qual for a natureza e extensão da decisão, o indivíduo está preso “à distribuição do poder, à estrutura da dependência e das tensões no interior de seu grupo.” (ELIAS, 1994, p.51). Recordando que as possibilidades da tomada de decisão estão circunscritas na sua rede social, e por isso suas leis próprias dessa rede irão trabalhar à favor ou contra a pessoa conforme a decisão tomada.

Poder, para Elias, é uma condição das redes sociais, resultado da relação que os indivíduos tecem entre si em todos os momentos, nas diversas esferas e atividades da vida, seja econômica, política, cognitiva, podendo assumir diversas formas, atuando nos diversos grupos, podendo ocorrer entre pessoas de uma mesma família, de um mesmo bairro, mesmo grupo, como o da agroecologia, podendo manifestar de diversas formas (MEDEIROS, 2007).

Aqui se requer um esforço peculiar de pensamento, pois as dificuldades que temos de enfrentar, em qualquer reflexão sobre a relação entre indivíduo e sociedade, provêm — na medida em que se originam na ratio — de hábitos mentais específicos que hoje se acham demasiadamente arraigados na consciência de cada um de nós (ELIAS, 1994, p.23)

Na verdade, conforme trabalharemos no capítulo 2 deste documento a partir das noções junguianas revisadas a seguir, entenderemos que esse processo requer um esforço também de sentimento e intuição, não é possível que apenas pela mesma modalidade “ratio” que se inspirou o pensamento binários, ela não pode dar conta sozinha de superá-los e ressignifica-los, precisa de ajuda do sentimento e da intuição como dimensões da psique e da sociedade a serem desenvolvidas.

2.2.3 Noções Junguianas para a dimensão psicológica

Os quatro tipos psicológicos de Jung pensamento, sensação, sentimento e intuição (extrovertido e introvertido) serão utilizados para dialogar com a questão epistemológica da ciência moderna e da emergente. Já a noção de sombra será utilizada para abordar os focos e prioridades que temos atualmente enquanto militantes e construtores de uma realidade outra, e que poderíamos calibrar novamente, caso seja assim entendido.

Para começar a delinear o processo de entendimento acerca dessa característica coletiva e individual (de negar as sombras, contradições, paradoxos), vamos entender o que são as sombras a partir da visão de Jung. Conforme nos explica Nise da Silveira (1981), a sombra é um componente da personalidade total. São as coisas que negamos em nós mesmos, nos traz repulsa, e por isso mesmo reprimimos. Assim, projetamos nossa sombra no outro, seja o vizinho, o desafeto político, ou em figuras simbólicas como o demônio, mantendo na inconsciência o fato que abrigamos a sombra dentro de nós.

“A sombra, porém, é uma parte viva da personalidade e por isso quer comparecer de alguma forma. Não é possível anulá-la argumentando, ou torná-la inofensiva através da racionalização. Este problema é extremamente difícil, pois não desafia apenas o homem total, mas também o adverte acerca do seu desamparo e impotência” (JUNG, 2008, p. 31).

Negando, racionalizando e/ou acolhendo a sua existência, a sombra irá se expressar de maneira negativa e/ou positiva. Positivamente ela é “responsável pela criatividade, pelas intuições profundas e pela espontaneidade”, mas para isso é necessário dispor energia para desenvolver esses aspectos, transpondo convencionalismos, além de contar com contextos

favoráveis (SILVEIRA, 1981; NASSER, 2010, p.331). E negativamente, “estará caracterizada pelas coisas que não são aceitas como pertencentes a si mesmo pelo sujeito e se tornam objetos de projeção sobre o outro”. (NASSER, 2010, p.331).

Quando lançamos luz sobre nossos recantos escuros, nossos jardins secretos, podemos ter como resultado a ampliação da consciência. Percebemos que não é só o outro que está errado todas às vezes, e que frequentemente nós também temos responsabilidade sobre as coisas. Isso pode parecer lógico e óbvio, mas não é sempre incorporado na prática.

“A sombra é uma espessa massa de componentes diversas, aglomerando desde pequenas fraquezas, aspectos imaturos ou inferiores, complexos reprimidos, até forças verdadeiramente maléficas, negrimes assustadores. [...] Quanto mais a sombra for reprimida mais se torna espessa e negra. A sombra coincide com o inconsciente freudiano e com o inconsciente pessoal junguiano. Mas a sombra ultrapassa os limites do pessoal e alonga-se na sombra coletiva” SILVEIRA, 1981 p.82.

Para Jung, a noção de ego é mais um dos vários complexos que carregamos. Conforme agimos mais unilateralmente de forma lógica, típico do pensamento, mais o sentimento introvertido agirá de forma compensatória, exprimindo conteúdos autônomos e instintivos do inconsciente. Portanto, mesmo que supervalorizemos o racionalismo, ou o “tipo pensamento extrovertido”, o sentimento e a intuição darão um jeito de participar de nossas decisões, sejam elas inconscientes e/ou conscientes, autônomas e negativas e/ou ressignificadas e positivas. “Neste sentido, pode ser dito que o tipo pensamento extrovertido, ou seja, a mente orientada pelos dados objetivos é na realidade o único tipo reconhecido [pela ciência e sociedade racional]” (JUNG, 2011). Jung (2008b, p.53) nos ajuda à entender como também prestar atenção nas características do indivíduo podem auxiliar nos processos cotidianos e coletivos:

“Quanto mais conscientes nos tornamos de nós mesmos através do autoconhecimento, atuando conseqüentemente, tanto mais se reduzirá a camada do inconsciente pessoal que recobre o inconsciente coletivo. Desta forma, vai emergindo uma consciência livre do mundo mesquinho, susceptível e pessoal do eu, aberta para a livre participação de um mundo mais amplo de interesses objetivos”

Passando de modo bem grosseiro sobre os tipos psicológicos que Jung construiu em sua psicologia analítica, podemos começar a entender essas estruturas, para poder prosseguir o diálogo entre indivíduo, sociedade e história.

Jung separa tipos psicológicos de introvertidos e extrovertidos. Essa separação está baseada em como se processa o movimento da libido (equivalente à energia psíquica, termo mais amplo que o freudiano). Um flui livremente ao objeto (extrovertido), outro recua (introvertido). Mas, através dos mecanismos de compensação, esse processo se inverte no inconsciente, onde uma corrente energética realiza o oposto do realizado externamente (SILVEIRA, 1981).

A consciência usa uma espécie de bússola para apreender o mundo exterior e orientar-se, sendo que são quatro funções de adaptação: sensação, pensamento, sentimento e intuição, conforme descreve Silveira (1981, p. 46)

A sensação constata a presença das coisas que nos cercam e é responsável pela adaptação do indivíduo à realidade objetiva. O pensamento esclarece o que significam os objetos... Julga, classifica, discrimina uma coisa da outra. O sentimento faz a estimativa dos objetos. Decide do valor que têm para nós. Estabelece julgamentos como o pensamento, mas a sua lógica é toda diferente. É a lógica do coração. A intuição é uma percepção via inconsciente. “É apreensão da atmosfera onde se movem os objetos, de onde vêm e qual o possível curso de seu desenvolvimento.”

2.2.3. Pesquisa qualitativa e participante

Conforme nossa discussão até agora, pudemos perceber que a ciência moderna como um todo está sendo repensada, questionada, reconstruída, problematizada. Seus métodos, técnicas, teorias, pressupostos, postulados, tecnologias, inovações, enfim, tudo que a compõe.

Este processo de desconstrução e reconstrução acontece tanto nas ciências ditas naturais quanto nas sociais, e, segundo Martins (2004), a questão para a ciência é buscar formar uma imagem de sociedade que seja útil para ela mesma. A pergunta é: somos capazes de ceder lugar do desejo pela objetividade ao desejo pela solidariedade? A solidariedade pode ser visualizada de maneira concreta através dos “hábitos de ação” que admita confronto com a realidade, que garanta conquistas no intersubjetivo, na criatividade, na capacidade de capacidade de ouvir todos aqueles que sofrem.

Nesta perspectiva, todo conhecimento é dirigido a alguém, a algum grupo que dele tem necessidade, no qual o conhecimento se transforma em discurso político eficaz. Durante a escrita, a preocupação deve ser com a possibilidade da apreensão de seu discurso pelo outro que dele necessita (MARTINS, 2004). Entendemos esta proposta não como subalternidade entre a sociedade e o sociólogo, mas como diálogo entre incompletudes.

A observação é uma ferramenta de coleta de dados, pois ela captura algumas informações sob determinados aspectos da realidade “identificar e obter provas a respeito de

objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento” (LAKATOS, 1996:79 apud BONI, 2005). Esta ferramenta estimula o pesquisador a ter um contato mais direto com a realidade, a qual interage de forma assistemática, recolhendo e registrando os fatos sem planejamento ou controle.

Continuando a jornada de responder ao problema de pesquisa, utilizamos também duas ferramentas importantes que se complementam: entrevistas semiestruturadas e círculo de cultura do Paulo Freire, cujos roteiros se encontram no ANEXO 1.

Inicialmente essa mudança gerou uma série de dúvidas sobre papéis e tarefas possíveis a serem assumidos por mim no coletivo, para poder dar conta das tarefas e papéis de pesquisadora, sem saber delimitar até onde eu poderia ou não ir. Aos poucos entendi esse novo espaço, e para poder realizar uma etnografia dos sujeitos que compunham o Comboio Agroecológico Sudeste, nas atividades das Caravanas Agroecológicas e Culturais e Excursões Científicas, lancei mão de algumas ferramentas. Uma delas foi a descrição densa, proposta por Geertz.

2.2.4. Descrição densa: etnografia

Utilizamos a definição de descrição densa como uma etnografia:

“Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (GEERTZ, 2008, p.7).

Como recomenda Becker (2007), em seu livro sobre truques para pesquisa científica, é necessário anotar tudo o que aconteça, pois se a anotação já houver filtros, por exemplo, “importantes” ou “não importantes”, detalhes fundamentais ainda não captados pela observação cotidiana irão escapar. Justamente os detalhes que, geralmente, são chaves e pistas para entender o que se propõe.

A pesquisa etnográfica, para GERHARDT (2009), é entendida por estudo de um grupo ou povo. Algumas características são fundamentais:

a) o uso da observação participante, da entrevista intensiva e da análise de documentos; b) a interação entre pesquisador e objeto pesquisado; c) a flexibilidade para modificar os rumos da pesquisa; d) a ênfase no processo, e não nos resultados finais; e) a visão dos sujeitos pesquisados sobre suas experiências; f) a não intervenção do pesquisador sobre o ambiente

pesquisado; g) a variação do período, que pode ser de semanas, de meses e até de anos; h) a coleta dos dados descritivos, transcritos literalmente para a utilização no relatório.

A pesquisa etnometodológica procura entender como as pessoas constroem ou reconstróem seu cotidiano, sua realidade social. Este termo tem em sua origem grega o significado “estratégias as quais as pessoas utilizam para viver cotidianamente”. Nesta corrente, fundada na década de 60 na escola californiana, os fenômenos sociais não acontecem apesar da conduta humana, e sim, a conduta humana é o resultado da interação social produzida continuamente por meio da prática cotidiana (GERHARDT, 2009), sem deixar de lado, no caso desta pesquisa, o entendimento do fato social trazido por Elias conforme discutido no tópico anterior.

Os indivíduos recorrem a procedimentos para concretizar suas ações diárias, são capazes de definir e articular procedimentos conforme as circunstâncias e situações sociais imbricadas. A pesquisa etnometodológica se ocupa de analisar estes processos, as ações dos sujeitos na vida cotidiana, lançando mão de vários instrumentos, alguns já citados e trabalhados acima, e outros como vídeos, áudio, estudo de documentos e relatórios administrativos (GERHARDT, 2009).

Este tipo de análise auxilia no esclarecimento das maneiras que as coisas são como são ou deixam de ser nos grupos sociais, a apreensão e sentido dado à realidade pelos grupos e indivíduos, “por quais processos intersubjetivos a mediação da linguagem entre os grupos e seus lugares constrói a realidade social que afirmam” (COULON, 1995, p. 90 apud GERHARDT, 2009).

2.2.5. Círculo de cultura e entrevistas

Os círculos de cultura, referenciados em Paulo Freire, configuram-se como um espaço educativo. Os círculos propiciam o diálogo entre diferentes saberes e subjetividades, de forma coletiva e solidária em todos os momentos do processo. A partir do diálogo dos saberes, um novo conhecimento é construído (LOUREIRO, 2012). O número de pessoas envolvidas no círculo varia de acordo com o objetivo e contexto. Os círculos de cultura contam com um facilitador e a atividade consiste em distribuir tarjetas e canetões para os participantes, e, a partir de um tema gerador, elaborar uma ou mais perguntas que devem ser respondidas com uma ou mais palavras que expressem uma ideia. As respostas serão uma a uma e em círculo

explicada pelo participante que a escreveu, e explorada pelo facilitador. O círculo de cultura, de certa forma, se assemelha com grupos focais.

O grupo focal é uma técnica de coleta de dados, a qual um facilitador do processo estimula o debate sobre um assunto de interesse comum entre as pessoas que dele participam. A escolha dos participantes é feita conforme a relação delas com o tema de interesse da pesquisa. As pessoas podem levar em consideração as respostas dos outros participantes para tecer seus comentários (BAUER & GASKELL, 2002 apud BONI, 2005).

Já as entrevistas semiestruturadas são conduzidas a partir de um roteiro, que serve de guia para uma conversa informal, que procura deixar as pessoas mais à vontade. O entrevistado tem mais possibilidade de discorrer sobre um assunto e construir o raciocínio a seu modo. Contudo, o pesquisador pode interferir no processo para recuperar o foco caso ele tenha sido esquecido, reconduzindo a entrevista para o tema inicial, ou para esclarecer falas que não ficaram claras (SELLTIZ et alii, 1987 apud BONI, 2005).

Uma das vantagens da entrevista semiestruturada é sua maleabilidade quanto à duração, o que permite o aprofundamento sobre os assuntos dos quais ela trata. O ambiente informal favorece respostas espontâneas, e nelas questões inesperadas que poderão ser bem aproveitadas na pesquisa. Além de favorecer a abordagem de assuntos complexos e delicados, pois há uma troca mais afetiva entre as duas partes. Portanto, esse tipo de entrevista favorece a investigação da dimensão afetiva e valorativa dos entrevistados, que podem determinar significados pessoas de seus comportamentos (BONI, 2005).

2.2.6. Análise do conteúdo

Para entender o material denso coletado em campo, seja pela etnografia, pelas entrevistas, círculos de cultura, utilizamos a perspectiva da análise de conteúdo. Na corrente qualitativa da análise de conteúdo há pressupostos que permitem entender seu sentido simbólico, que nem sempre está explícito, e que nem sempre tem apenas um significado, tanto para quem fala, quanto para quem lê e interpreta (MORAES, 1999). Um mesmo texto pode ser lido e interpretado a partir de diversas perspectivas, desde a sociológica, política ou psicológica (KRIPPENDORF, 1990).

Os valores e os significados das linguagens naturais e culturais tanto do entrevistado, quanto do entrevistador, anula qualquer possibilidade de neutralidade, onde “toda leitura se constitui numa interpretação” (MORAES, 1999). Desta forma é muito importante a contextualização do lugar desde onde o pesquisador fala, bem como dos sujeitos que fazem

parte da delimitação do estudo. Além disso, se faz necessário categorizar o material coletado para que se possa fazer uma síntese da comunicação, dos aspectos mais importantes para os objetivos da pesquisa (MORAES, 1999).

3. CAPÍTULO I – PROJETO COMBOIO AGROECOLÓGICO SUDESTE

3.1 Introdução

Dando prosseguimento à abordagem sugerida por Elias (1994), onde só se podem estudar as estruturas da psique, da sociedade e da história em conjunto, uma vez que estas estão em constante interação, me dedico neste capítulo a abordar sobre o projeto Comboio Agroecológico Sudeste, que é uma Rede de Núcleos de Estudo em Agroecologia (RNEA), articulando aprendizados e desafios através da análise da Caravana de uma maneira geral, bem como a potencial contribuição desta última para a transição paradigmática.

Na primeira parte do capítulo abordo o contexto o qual o projeto Comboio Agroecológico Sudeste foi delineado e inserido. Posteriormente, evidencio o processo de aprendizado e entendimento sobre o que são as caravanas agroecológicas e culturais nos seus diferentes contextos, agora com um recorte do Sudeste, que é mais amplo, focado apenas nas percepções individuais. Portanto, não é possível a contextualização social e histórica nesta sessão de maneira mais aprofundada, ainda que as noções individuais sejam formadas a partir da relação dos indivíduos com estas dimensões.

Em seguida, trabalho com as questões da agroecologia na construção de uma epistemologia emergente, através das potenciais contribuições da caravana e de suas ferramentas. Além disso, buscamos compreender noções necessárias para entender essas pistas que o coletivo está nos dando de transição paradigmática.

3.2. Métodos

As observações e análises foram tecidas a partir de elementos coletados nas diversas atividades do projeto “Comboio Agroecológico Sudeste”, organizado por este ou que este tenha participado: Seminário ANA de avaliação da PLANAPO, Congresso Brasileiro de Agroecologia 2015 em Belém-PA, Caravana Agroecológica e Cultural de São Paulo, Seminário de Sistematização de Experiências de Sete Lagoas em MG, publicações sobre a Caravana, círculos de cultura e entrevistas.

3.3. Contextualização

Reconstituir o cenário o qual se encontra o projeto “Comboio Agroecológico Sudeste” é fundamental para que se entenda, com um recorte mais amplo, seu surgimento, contexto e

quais (f)atores envolvidos nesse processo, uma vez que as coisas estão sempre inseridas num contexto histórico, político, social, ambiental, econômico, cultural.

Através da publicação do Decreto nº 7.794, de 20 de agosto de 2012, foi instituído a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica – PNAPO pela presidenta Dilma Rousseff. Através da participação social, a PNAPO foi construída por diversas organizações sociais. Os diálogos foram conduzidos por instituições como a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), Articulação Semiárido (ASA), rede de Comissões da Produção Orgânica das Unidades da Federação (CPOrgs), Câmara Temática de Agricultura Orgânica (CTAO) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), a Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar (Fetraf), a Via Campesina e, ressaltando, a Marcha das Margaridas, que cobraram da então Presidenta a demanda de fortalecimento da agroecologia (BRASIL, 2013).

Para executar o decreto, foi criado o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PLANAPO), que busca:

“Refletir e valorizar o conhecimento acumulado e os esforços dos agricultores e agricultoras familiares, assentados e assentadas da reforma agrária, e dos povos e comunidades tradicionais, no desenvolvimento de práticas agroecológicas e orgânicas em seus sistemas de produção, nos quais se inserem, em grande medida, questões relacionadas ao êxodo e à sucessão rural, à demanda por ampliação da reforma agrária, à democratização do acesso à terra e à garantia de direitos aos trabalhadores do campo.” (BRASIL, 2013, p.16)

Uma das estratégias contidas no PLANAPO para garantir um Brasil Agroecológico foi o fortalecimento dos núcleos de estudos em agroecologia (NEAs) já instituídos em chamadas anteriores pelo CNPq, e criação de novos núcleos e centros vocacionais tecnológicos (CVTs), através de projetos aprovados em chamadas públicas pelo CNPq com recursos de vários ministérios, dentre elas a Chamada Nº 81/2013 - MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq.

Alguns desses núcleos foram organizados junto com os grupos estudantis de agroecologia, muitos deles criados nas universidades da década de 80, quando se discutia a agricultura alternativa ao modelo vigente do agronegócio. Essa estratégia é interessante quando se recorda a importância das universidades e dos centros de pesquisa na implantação e difusão do modelo de agricultura da Revolução Verde, se caracterizando como uma tímida

inversão de prioridades para o Ensino, Pesquisa e Extensão nesses espaços (SANTANA, 2012).

A partir da análise feita pelos núcleos já existentes, foi verificada a necessidade de articulá-los através de uma rede, para fortalecê-los, aproximar e também fortalecer as articulações estaduais como a Articulação Mineira de Agroecologia (AMA), Articulação Paulista de Agroecologia (APA), Articulação Capixaba de Agroecologia (ACA) e Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ). Como resultado desta demanda e idealização, a chamada 81/2013 contemplou também o apoio a Redes de Núcleos. Um dos projetos de redes aprovado foi o “*Comboio Agroecológico Sudeste*”, a Rede de Núcleos da Região Sudeste, sediado na Universidade Federal de Viçosa.

Projeto de Redes de Núcleos em Agroecologia (RNEA): Comboio Agroecológico Sudeste

Alguns recortes do projeto são necessários para entendimento de seu ponto de partida e execução formal, e continuação enquanto processo. O projeto foi aprovado em articulação com diversos núcleos de agroecologia dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, sendo sua coordenação sediada na UFV. O projeto submetido se propôs a fortalecer uma rede interinstitucional de parceiros que partilham metodologias, processos e práticas inter, multi e transdisciplinares. A elaboração e o desenvolvimento das ações, para os propositores, foram feitos em uma construção coletiva, que legitima as demandas e favorece a presença da cultura dos grupos que se articulam com os parceiros da rede (COMBOIO AGROECOLÓGICO SUDESTE, 2014).

O projeto objetivou contribuir com o processo de construção da agroecologia que se iniciou há mais de três décadas na região através do fomento à socialização de conhecimentos e práticas relacionados à Agroecologia e Sistemas Orgânico de Produção dos Núcleos de Estudo em Agroecologia (NEAs), que atuam com pesquisa, ensino e extensão na região Sudeste. Objetivou também a valorizar a agrobiodiversidade fundamentada na troca e diálogo do conhecimento e reflexão sobre práxis educativas e pesquisas das instituições parceiras. Para alcançar seus objetivos, o projeto realizou Caravanas e Excursões Científicas nos estados da região, em lugares escolhidos entre os parceiros e colaboradores (COMBOIO AGROECOLÓGICO SUDESTE, 2014).

3.4. Excursões e Caravanas no Comboio Agroecológico Sudeste

O projeto Comboio Agroecológico Sudeste, como seu nome sugere, foi uma proposta de fomentar a articulação dos Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs) dos quatro estados da região sudeste do Brasil: Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, bem como as articulações estaduais como AARJ, ACA, AMA e APA. Uma das formas de buscar esta articulação foi a realização de quatro Caravanas Agroecológicas e Culturais e quatro Excursões Científicas, uma por estado.

A ideia das Excursões Científicas surgiu a partir de diálogos com professores do PPGAO, que apontaram a necessidade propiciar aos seus discentes o conhecimento com mais profundidades de experiências em agroecologia, a partir da imersão no território. Como confirmado no relatório do Projeto (COMBOIO AGROECOLÓGICO SUDESTE, 2014, p. 15), as excursões foram “oportunidades para estudantes de pós-graduação, graduação, técnicos de ATER e das demais instituições participantes do projeto vivenciarem com mais intensidade uma experiência agroecológica”. As excursões envolveram no mínimo 25 estudantes de todo sudeste, e tiveram no mínimo dois dias de duração. As experiências que fizeram parte das excursões foram sistematizadas em boletins ou relatórios do projeto a partir da metodologia de sistematização de experiências. Alguns dos exemplares podem ser encontrados na biblioteca virtual do Centro de Tecnologia Alternativa da Zona da Mata, os boletins agroecológicos intitulados “Nossa Roça”.

Cada Caravana Agroecológica e Cultural foi composta por no mínimo quatro rotas, sendo no mínimo uma rota por estado, inclusive do estado que recebeu a caravana. Essas rotas partem de pontos diferentes dos estados visitantes, entrando por regiões distintas do estado anfitrião, rumo à culminância, região que acolhe todas as rotas. Quem define as rotas, experiências a serem visitadas, bem como a região de culminância são as organizações do estado, as quais estão construindo a atividade. Estas organizações são aquelas que constroem a rede de agroecologia no estado, incluindo os NEAs e às articulações de agroecologia do estado em questão.

O número de participante varia conforme a disponibilidade de recursos do projeto, que se propôs a financiar no máximo 60 pessoas por caravana. Estes recursos foram ampliados a partir da solidariedade dos parceiros e com isto cada caravana contou com no mínimo 120 pessoas por caravana. As Caravanas Agroecológicas e Culturais são construídas a partir do princípio da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. A metodologia da caravana conta com uma série de dispositivos pedagógicos, sugeridos pela coordenação e pelos

propositores do projeto, adaptados e aperfeiçoados em todas as construções dos quatro estados. Dentre estes dispositivos encontram-se as instalações artísticas e pedagógicas, carrossel, comunicação colaborativa, caderno do participante, relatoria (foto, vídeo, escrita, facilitação gráfica), seminário estadual e ato público. Estes dispositivos foram utilizados durante o percurso das rotas e na culminância e permitiu que os participantes das diferentes e mesmas rotas pudessem dialogar, trocar, debater, problematizar e procurar comunicar à sociedade o que foi visto durante a atividade.

O projeto Comboio Agroecológico Sudeste contou com bolsistas, pelo menos um graduado e um graduando por estado, que contribuíram com o planejamento, a coordenação, a articulação e a execução das atividades entre o projeto e as organizações locais. Os bolsistas eram vinculados a um Núcleo de Estudo em Agroecologia (NEA) do estado.

A primeira Caravana Agroecológica e Cultural foi realizada por Minas Gerais, de 17 a 22 de novembro de 2014. Além dos parceiros da Articulação Mineira de Agroecologia (AMA), de organizações dos movimentos sociais e instituições públicas, a Caravana Agroecológica e Cultural rumo ao Vale do Jequitinhonha contou com o apoio financeiro do Plano de Inovação da Embrapa, operado pela Embrapa Milho e Sorgo (localizada em Sete Lagoas, MG). Com isso participaram desta caravana mais de 400 pessoas na culminância, em Araçuaí. A segunda Caravana foi realizada no Espírito Santo, rumo a Alegre, de 07 a 11 de abril de 2015, envolveu cerca de 120 pessoas. A terceira Caravana Agroecológica e Cultural ocorreu no estado do Rio de Janeiro, onde Casimiro de Abreu acolheu, de 24 a 28 de novembro de 2015, mais de 200 pessoas. A partir de questionamentos sobre a agricultura familiar no Rio de Janeiro, os organizadores elaboraram o tema da caravana que foi *Agricultura Familiar no Rio de Janeiro: Existe, Resiste e Alimenta*. A quarta Caravana, e última do projeto, foi rumo ao Vale do Ribeira. A Caravana Agroecológica e Cultural de São Paulo envolveu cerca de 200 pessoas. O projeto também apoiou a construção da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce nos dias 11 e 16 de abril de 2016.

As Caravanas, aqui propostas como instrumentos metodológicos, permitem ações de pesquisas, ensino e extensão e aproximam-se das chamadas excursões pedagógicas, que já foram ressaltadas, entre outros, por Makarenko (2005) pelo seu potencial de transformação e enraizamento das novas técnicas e formas de analisar a realidade, uma vez que tanto o sujeito que acolhe os participantes, quanto o sujeito que visita as experiências locais, se encontram mais pré-dispostos à interação e aprendizagem. Além disso, propicia a observação, análise e interpretação do espaço geográfico durante o percurso, especialmente utilizando técnicas apropriadas, como paradas em pontos estratégicos, usos de mapas e outras, que permitem

compreender o espaço geográfico como um sistema de objetos e ações humanas nos lugares (SANTOS, 1996). A metodologia usada neste projeto aponta no sentido de integrar ações, construir redes/teias, usando técnicas que visem à participação equitativa e a valorização de conhecimentos e experiências. Para tal, técnicas de diagnósticos, planejamento e monitoramento participativos (Chambers, 1997; CTA-ZM, 2002; Guijt et al., 2000) serão utilizadas de forma transversal em todas as atividades (COMBOIO AGROECOLÓGICO SUDESTE, 2014).

As recomendações para compor a delegação da rota das caravanas agroecológicas e culturais seguiam o exemplo das caravanas territoriais que antecederam o III ENA – ocupação de 50% de agricultores familiares, desses, 50% mulheres e 50% jovens. A outra parte (50%) sugeriu-se ser distribuída entre bolsistas dos NEAs, pesquisadores/ professores, técnicos de ATER. A ideia é que, conforme as experiências fossem sendo visitadas, uma pessoa representante daquele território/experiência seguisse viagem com as demais pessoas que os visitaram, para conhecer as demais experiências e socializar no ponto de culminância, trocando saberes.

Já na excursão científica, a composição priorizava os estudantes de pós-graduação, graduação, técnicos de ATER e das demais instituições participantes do projeto, conforme os primeiros propósitos e ideias sobre esta atividade.

Ferramentas utilizadas - definição ou recomendação geral:

Agrupamos em duas partes para facilitar a explicação das ferramentas utilizadas: i) nas rotas: comunicação colaborativa, caderno do participante; ii) durante a culminância: instalações artísticas e pedagógicas, carrossel, seminário estadual, facilitação gráfica, feira de trocas de sementes, ato público.

i) Durante as rotas

Comunicação colaborativa

No processo de preparação das caravanas, e principalmente durante seu acontecimento, era sugerido o registro e divulgação, de formas distintas como publicações na internet em tempo real, fotografias, relatórios gráfica e escrita sobre o que se passava em cada rota e de cada experiência. Cada estado foi feito esse processo de forma diferente, acumulando saberes acerca dessa construção colaborativa da comunicação.

Caderno do participante

Após definidas as rotas e as experiências, elaborou-se um Caderno do Participante por caravana. Os Cadernos contextualizaram o projeto, a caravana, o estado anfitrião e seus territórios, com destaque para as experiências a serem visitadas. Cada caderno propôs também questões geradoras para fomentar o olhar investigativo do participante. Geralmente trouxe as questões necessárias para que haja um debate diverso e enriquecedor durante rodas de conversas para sínteses diárias, além de trazer instruções para coleta de elementos (objetos físicos, uma semente, uma bandeira) que representassem tanto essas questões geradoras, quanto o que mais chamou atenção do participante durante cada experiência vivenciada. Estes elementos compuseram as instalações artísticas e pedagógicas no ponto de culminância.

ii) Durante o ponto de culminância

Instalações artísticas e pedagógicas

A utilização das instalações artísticas e pedagógicas tem sido utilizada para trabalhar de maneira lúdica e criativa os anúncios e denúncias observados em cada território. Segundo Alvim (2013), as instalações pedagógicas consistem em uma atividade de potencial arte-educativo resgatadas e reconfiguradas desde 2010 pelo grupo TEIA-UFV. Pois, segundo a mesma autora, as instalações pedagógicas vêm da experiência da CUT e suas Escolas Sindicais, de seus programas de formação inaugurados nos anos 80.

As Instalações Pedagógicas são lugares onde acontece a troca entre o saber popular e o acadêmico, como um espaço construído com elementos da realidade que estimulam a reflexão e problematização (ALVIM, 2013). Uma semente crioula, uma foto, uma música, uma performance, cheiros, sabores, enfim, qualquer elemento que os participantes julguem necessário, ou seja, um elemento que “promove um despertar de sensibilidades a serem re-simbolizadas e interdisciplinarizadas a partir da interpretação dialogada de ‘leigos’ (ALVIM, 2013). Para a autora, as Instalações Pedagógicas são também artísticas pois transformam esse lugar em uma obra de arte. Para ela, o processo da construção das Instalações Pedagógicas que desconsidera o artístico e o ignora os fazeres educativos horizontais e libertadores, esse processo é apenas uma reprodução da educação convencional de maneira alternativa, por isso, atualmente carregam o nome de Instalações Artísticas e Pedagógicas.

Para Porto (2016), elas vão além dos métodos utilizados pelas ciências sociais como observação participante, pesquisa-ação, pois fazem pontes entre as concepções como a da ecologia dos saberes de Boaventura de Sousa Santos. Para o autor, essa metodologia vai de encontro a uma compreensão de que a condição humana se dá entre a afetividade e a razão, na

direção da construção de propostas epistemológicas e sentidos de existência. Articular afetividade e razão é segundo Arias (2010, p.11, apud PORTO, 2016), "(...) corazonar la vida como una respuesta insurgente para enfrentar las dicotomías excluyentes y dominadoras construídas por Occidente, que separan el sentir del pensar, el corazón de la razón, seres humanos entre sí y a estos de la naturaleza y el cosmos".

O processo de construção da instalação pedagógicas inicia assim que as rotas saem de seus destinos, quando os participantes dialogam e coletam os elementos que devem fazer parte da instalação. Na culminância a instalação é construída após dialogar e significar os elementos coletados. Neste momento é importante verificar se os elementos de anúncio e da denúncia da rota e do território estão sintetizados e representados ali, caso não, outros elementos podem ser coletados ou produzidos como cartazes e maquetes no local. Após a construção, uma pessoa que representa aquele grupo fica como facilitadora/animadora daquela instalação, e os demais participantes do grupo visitam outras instalações que foram construídas simultaneamente, utilizando o dispositivo denominado de carrossel.

O “carrossel” consiste no circuito de circulação pelos grupos entre as instalações artísticas e pedagógicas. Os grupos são organizados por rota ou por enumeração (misturando todas as rotas). Todos os grupos visitam todas as instalações. Por exemplo, grupo um visita a instalação dois, na seguinte rodada segue para a instalação três, o grupo dois visita a instalação três e na seguinte rodada vai para a instalação quatro, e assim por diante para os demais grupos.

Todo o conhecimento trocado e produzido nesse espaço deve ser cuidado, para isso, propõe ao menos uma pessoa responsável por relatar tudo o que se passa durante as visitas das demais rotas à instalação que a pessoa escolheu relatar, de preferência a instalação da rota que o relator participou e ajudou a construir.

Para que a ferramenta seja utilizada com o propósito que ela traz de horizontalidade, síntese, diálogo de saberes, é necessário que a oralidade seja utilizada com sabedoria. Os anfitriões das rotas não devem fazer discursos explicativos das instalações, mas sim deixar que os visitantes observem os elementos, os toquem, discuta-os, os troquem de lugar, enfim interajam com a instalação. Se necessário for, podem ser colocadas questões para as reflexões do coletivo que visita. Pode-se perguntar sobre suas percepções, o que mais chamou atenção, o que entendeu e etc. Se possível, ao final pode fazer um pequeno círculo de cultura, onde cada um pode indicar um elemento que mais chamou sua atenção e por que. Ainda, se

necessário, ao final, fazer uma breve contextualização do território/ rota, complementando o que não foi observado ou comentado pelo coletivo que ali interage.

Seminário Estadual

O seminário estadual foi realizado de diversas formas, cada estado com sua metodologia. O intuito do seminário é de contextualizar o estado e o território para os participantes, apresentar as principais questões e estimular as trocas e encaminhamentos. Geralmente se gera uma carta política a ser entregue aos representantes governamentais.

Facilitação gráfica

A facilitação gráfica outra é uma metodologia de comunicação. Conforme aponta PORTO (2016), a facilitação gráfica tem sido utilizada pelo movimento agroecológico de maneira crescente. Este autor a define como “*como um método de registro, facilitação do trabalho de grupo e compartilhamento sinóptico ou holístico de informações e conhecimentos*”. Para Machado (2015) e Drago (2011) a facilitação gráfica consiste em um instrumento que, de maneira simples e de fácil compreensão, conduz o processo de organização, planejamento e visualização de problemas e ações de forma objetiva e inclusiva, pois convida todos à interagirem. Além disso, estimula a lembrança de compromissos assumidos durante a caminhada no progresso dos encontros. Para Sibbet (2006) apud Drago (2011) “*A Facilitação gráfica é um estilo de facilitação de grupo que usa visualização e a escuta do modo que usamos a nossa língua para apresentações*” (SIBBET, 2006, p. 3).

A facilitação gráfica é também um tipo de relatório. Segundo Sibbet (2006, p. 3) apud Drago (2011) e Ribeiro (2011, p.64) apud Machado (2015) a facilitação gráfica se baseia fundamentalmente no(s) facilitador(es) que tem a tarefa de registrar publicamente o contexto apresentado por grupos e palestrantes, sintetizando em tempo real. O facilitador gráfico utiliza materiais como *flip charts*, murais, cartolinas, post-it, canetões coloridos, giz de cera para organizar, sintetizar e registrar informações utilizando linguagem gráfica, que facilita o entendimento de um determinado tema ou problema.

Para PORTO (2016), no bojo das caravanas, no contexto da agroecologia e dos movimentos sociais, a aplicação desta metodologia tem: “Recebido maior dose de ousadia e liberdade artística. [...] Em vez de ler ou ouvir um relato, trata-se de vê-lo, senti-lo, saboreá-lo.”

Feira de troca de sementes

Momento onde os agricultores e agricultoras trocam experiências, sementes e propágulos e comercializam produtos. As feiras são em geral realizadas logo antes, durante ou depois do ato público.

Ato público

São espaços de ato político e comunicação para a sociedade sobre o projeto de alimentação/agricultura. Acontecem como último momento das caravanas agroecológicas e culturais. Passeatas, almoços, qualquer experimento de comunicação “para fora” é feito nesta parte.

3.5 Definições e avaliações coletivas sobre as caravanas agroecológicas e culturais

Participamos de três das quatro caravanas realizadas pelo projeto Comboio Agroecológico Sudeste, e pudemos verificar as suas diversidades possíveis dentro de uma mesma programação proposta, graças aos distintos contextos individual, social e histórico dos lugares que a construíam. O interessante é que, o que escapou à definição inicial dos proponentes da caravana neste projeto, além dela propiciar diversos olhares sobre o território, a paisagem, a experiência, ela também proporcionou diversos olhares sobre a própria metodologia. O resultado desses múltiplos olhares é várias definições de caravana concebidas atualmente, vários desdobramentos que refletem sobre seus potenciais, suas latências, enfim, seus múltiplos significados, usos, e objetivos.

Podemos verificar essa multiplicidade nas publicações científicas realizadas sobre as Caravanas e nos círculos de cultura realizados em dois momentos. Um foi na Caravana Agroecológica e Cultural de São Paulo, no dia 21 de maio de 2016, com participantes que estiveram em 3 ou 4 caravanas do projeto Comboio (quadro 2). O outro momento foi em março de 2017, nas entrevistas finais dessa pesquisa, apresentado na quadro 3. Primeiramente iremos discutir algumas questões do círculo de cultura realizado em São Paulo.

Quadro 2. Quadro da relação das palavras sínteses do círculo de cultura do Paulo Freire.

Pergunta	Entrevistado	Estado	Palavra
O que é caravana agroecológica e cultural para você, em uma palavra?	Entrevistada 19, Estudante, membro Comboio, MG	MG	Reconhecimento
	Entrevistado 20, Estudante, membro Comboio, MG	MG	Fortalecimento

	Entrevistado 21, Estudante, membro Comboio, MG	MG	Compartilhar/ Oportunidades
	Entrevistada 22, Estudante, membro Comboio, MG	MG	Dialogo
	Entrevistado 35, Assentado Carlos Lamarca, SP	SP	Partilha
	Entrevistado 36, permacultor na Horta di Gueto, SP	SP	Reencontro

O espaço do círculo de cultura foi realizado em paralelo à programação oficial, que era a construção de material para a passeata do ato público. O círculo de cultura foi também um espaço de avaliação, então foi costurado com os participantes desta atividade específica qual seria o momento melhor para realizarmos a dinâmica. O agricultor que participou afirmou que se fosse fazer um espaço paralelo à programação oficial, durante a construção do ato era melhor o momento para fazermos o círculo de cultura, porque depois do ato público teria a feira de troca de saberes e sabores, e ele não estaria disponível, pois estaria comercializando sua mercadoria e trocando outras. No entendimento de uma professora, o melhor momento era outro, como por exemplo, o da cultural ou da feira, já que, a seu ver, estaríamos colocando o coletivo para trabalhar para nós, uma vez que estávamos fazendo círculo de cultura ao invés de ajudar a confeccionar os materiais como faixas, cartazes, palavras de ordem, pensar o todo do ato público, etc.

O exercício do equilíbrio entre programação oficial e programação paralela é um desafio, uma vez que, ao ter uma diversidade de atores com seus entendimentos distintos, será sempre um exercício de aprimorarmos as negociações, entendendo as diferentes prioridades de cada participante-organizador. Além dessa questão, o horário acordado era mais cedo, antes de começar os preparativos para o ato, mas um grupo só chegou depois, e tínhamos decidido por esperar este. É outro desafio para o coletivo, como que pensamos a questão de fazer acordos e procurar ao máximo cumprir.

Algumas explicações dadas acerca da escolha das palavras trazem dimensões importantes de registrar. Além de evidenciar, através de exemplos, as aproximações tecidas de outros movimentos sociais, organizações, grupos, experiências, trocar conhecimento, um participante que trouxe a palavra ‘reencontro’ explicou:

“A caravana em si foi algo de eu me encontrar – ‘é isso que eu quero, é isso que pode ser pra mim’, não só na questão de eu conhecer meu eu, encontrar amigos e uma rede que eu não conhecia. Da onde eu venho se fala pouquíssimo de agroecologia, moro no centro da cidade de São Paulo, não tem nenhuma área verde. Ainda mais eu voltando pro Vale do Ribeira, minha família sendo natural do vale, foi de super se encontrar, se reconhecer assim no local, isso foi muito importante pra mim, hoje em dia encontrei amigos, fiz amigos e troco experiências com eles, e consigo levar pra uma galera que tá perdido na cidade e ainda não se encontrou, e seria muito provável deles se reconhecerem no campo e na agroecologia se entrassem em contato com uma experiência dessas” (Entrevistado 36, permacultor na Horta di Gueto, SP)

Complementando essa observação, um dos participantes do círculo de cultura evidenciou:

“A caravana traz isso de partilhar, trocar nossas vivências, sementes, conhecer a realidade de cada lugar, por exemplo a horta de gueto em São Paulo, isso criou uma rede, isso traz uma questão que eu disse antes na instalação pedagógica de trazer um pouco a identidade, de criar raiz, a gente olhar pra agroecologia como identidade, a saída de uma tecnologia, para entrar num conhecimento que vai transformar essa sociedade, essa única forma que tem, é agroecologia, e a caravana fortalece isso. Desde o princípio perceber que a gente não tá sozinho, a gente tá atuando na nossa realidade mas a gente não tá sozinho, a força que traz pra gente.” (Entrevistado 35, Assentado Carlos Lamarca, SP)

Depois dessa primeira rodada, com as explicações acerca da escolha da palavra, foram feitas outras perguntas: “o que viu de diferente nas quatro caravanas?” “E qual o diálogo nos seus territórios depois que retornaram das caravanas?”. Apareceram questões como diferenças entre participação/envolvimento, fomento da reflexão dos seus papéis no território a partir da caravana, existência de diversidade de metodologias/diálogo de metodologia entre os Núcleos de Agroecologia e a da Rede de Núcleos.

A dinâmica de participação e/ou organização das pessoas durante as quatro caravanas foi evidenciada pela fala de alguns entrevistados. Uns falaram que no início estavam participando, e depois começaram a ajudar na organização das caravanas. “Porque eu sinto que estava igual os agricultor que tava indo de participante, a gente não organizava o que tava acontecendo, mas sempre tinha quem tava organizando, no pagamento, no telefone. Nem sabia quem era os bolsistas, mas com o tempo foi chegando” (Entrevistado 20, Estudante, membro Comboio, MG).

Já outros apontaram que foi o movimento contrário, no início estava na organização e depois foi passando pra participante. Esta entrevistada fez uma reflexão interessante que temos que seguir tentando entender e responder. Isso nos reforça a ideia de que não é possível

cristalizar dicotomias ou rotular eternamente atores de organizadores ou participantes, pois as coisas são vivas, dinâmicas, assumem configurações em um momento, outras em outro momento.

“Acho que a metodologia é ótima, é isso, de autogestão, mas acho que ainda falta uma coisa que falta esse diálogo, às vezes várias pessoas, às vezes a gente distribui um caderno do participante, é grande, tem um monte de informação, as visitas são mais puxadas e as pessoas não conseguem ver o que é, se sentem fora das tomadas das decisões, ‘vamos pra lá, vamos pra cá, e agora, o que vamos fazer?’, tentar tornar as coisas um pouco mais participativa, mas como vamos fazer com tanta gente? Chegar mais sabendo e também participando das decisões, porque parece que um grupo que tá organizando, decide e distribui as tarefas” (Entrevistada 22, Estudante, membro Comboio, MG).

Na mesma conversa, o outro entrevistado trouxe uma pista desse paradoxo e desse processo de transitar entre a participação e organização

“Antes foi uma visão de participante, ‘nossa é tudo lindo’, e quando você entra e tá mais próximo você vê a correria que é. Se todos tivesse esse saque teria o toque ‘vou fazer ali pra ajudar porque eu sei o quanto é difícil pra parada acontecer’. Acho que isso foi bem marcante, nas primeiras caravanas poder ter participado de todas as vivencias, e agora não poder participar de nenhuma pra poder estar dando uma força” (Entrevistado 36, permacultor na Horta di Gueto, SP).

Dentro do debate sobre as reflexões que a caravana traz e seus desdobramentos no retorno do participante ao território, um participante se mostrou preocupado com a questão da nossa inserção na rede enquanto profissionais, demonstrando curiosidade de como irá se desdobrar “como que a gente enquanto Comboio pode se articular pra que vocês possam continuar atuando depois do projeto? Eu fico pensando nisso.” (Entrevistado 35, Assentado Carlos Lamarca, SP). Apontando para a objetividade de sua atuação, de que “para mim enquanto assentado, eu moro numa comunidade, eu tenho um objetivo”, e “como que vocês enquanto estudante se articulam pensando no futuro de vocês na agroecologia?”, trazendo também pra si a responsabilidade da reflexão sobre o trabalho que os estudantes necessitarão acessar junto à rede após sua graduação.

Para um participante, foi interessante participar do Comboio e das caravanas para que as metodologias pudessem ser conhecidas através da prática, mas ele aponta dificuldades para os desdobramentos em seus territórios nesse sentido da metodologia.

“Se cada NEA tivesse uma metodologia parecida de trabalho, sinto que cada NEA trabalha de uma forma, em Viçosa vocês já fazem as instalações pedagógicas, a gente só convive com ela durante na caravana, pra gente é difícil explicar pra alguém o que é instalação pedagógica, qual é a função dela, o que se quer mostrar com ela, tem que tomar cuidado pra não virar palestra, “data show 3D”, então a gente vai aprendendo, a gente usa uma metodologia bastante diferente dessa. Talvez os NEAs compartilhar de uma metodologia parecida, seria uma maneira interessante de chegar aqui e simplesmente de expandir. Eu acho a instalação pedagógica eu acho ela brilhante, mas não sei como fazer isso lá, e eu tenho certeza que é possível. (Entrevistado 21, Estudante, membro Comboio, MG)”

Outra participante complementa a fala dando exemplo de onde se utilizar, falando da aula aberta que fizeram na universidade, utilizando as instalações artísticas e pedagógicas, e dos desafios de não fazer palestra em cima da metodologia que é para ser horizontal.

Pontuando um aprendizado importante sobre comunicação “para fora”, os participantes debateram sobre os diferentes atos públicos nos estados.

Essa coisa do almoço foi uma forma bem sutil de fazer um ato político, a gente conseguir chegar de uma forma mais sutil, aqui na cidade menor, as poucas pessoas que a gente conversou viu que estavam curiosas, ‘cidade pequena a gente tentando entender da onde vocês estão vindo’, e às vezes hoje a gente sair e fazer um ato, as pessoas nem se apropriam pelo medo, pela distância, quando a gente faz um ato na rua as pessoas fica meio assim. (Entrevistado 20, Estudante, membro Comboio, MG)

A eficiência de comunicação do ato é muito próximo de pouquíssimo, assusta! Uma coisa é uma marcha de causa política grande. Mas, um ato numa cidade com um assunto tão distante, agroecologia, meus parentes não sabem o que é agroecologia. Pra mim essa ideia do Rio de Janeiro foi a mais eficiente de comunicação, foi um trabalho de base anterior pra cidade receber, vai nas comunidades, convida, constrói junto, as pessoas se empoderam daquilo e constrói algo. Quando a gente chega não é algo que bate de frente, é uma coisa em comunhão (Entrevistado 21, Estudante, membro Comboio, MG).

Sobre os o binômio participação-organização, um entrevistado trouxe seu ponto de vista sobre o objetivo que tinha ao participar da caravana.

“A minha perspectiva foi essa em todas as caravanas, de me aproximar das pessoas que estava recebendo a gente, levar um pouco da nossa experiência, trocar, eu nem me envolvi na parte da organização, minha preocupação é essa coisa de trocar, aprender, e levar pra realidade que eu vivo. É um pouco do que eu vim fazendo desde a primeira. Trazer um pouco de cada realidade das caravanas e deixar um pouco da nossa realidade em cada lugar, foi com isso que eu me preocupei um pouco de fazer em cada caravana.” (Entrevistado 35, Assentado Carlos Lamarca, SP)

“Organizar pra quê se não for ter isso? [a situação descrita acima]”
(Entrevistada 19, Estudante, membro Comboio, MG)

Já no círculo de cultura que fizemos via videoconferência com todos os bolsistas e jovens que participaram diretamente das atividades dos núcleos e da rede de núcleos (Comboio Agroecológico Sudeste), podemos perceber aprendizados e definições das caravanas (Quadro 3) que complementam com as dadas acima.

Quadro 3. Quadro da relação das palavras sínteses do círculo de cultura do Paulo Freire.

Entrevistado	Estado	O que é caravana agroecológica e cultural para você?	Qual palavra sintetizaria uma melhoria que você faria para uma próxima caravana?
Entrevistada 16, Estudante, membro Comboio, ES	ES	Encontro	Tempo
Entrevistada 17, Estudante, membro Comboio, ES	ES	Intercambio de amor	Otimização de tempo
Entrevistado 18, Estudante, membro Comboio, ES	ES	Troca de experiências	Banheiro seco
Entrevistado 23, Estudante, membro Comboio, MG	MG	Metodologia/ Festa	Organização
Entrevistada 24, membro Comboio, MG	MG	Troca	Construção ampliada
Entrevistado 25, membro Comboio, MG	MG	Partilha	Tempo/ Preparação
Entrevistada 33, Estudante, membro Comboio, RJ	RJ	Encontro	Tempo
Entrevistada 34, Estudante, membro NIA, RJ	RJ	Aprendizado	Participação
Entrevistada 28, membro NIA, membro Comboio, RJ	RJ	Espaço	Ato
Entrevistado 30, Estudante, membro NIA, RJ	RJ	Mobilização/Trocas	Envolvimento
Entrevistada 31, Estudante, membro NIA-UFRRJ, RJ	RJ	Troca de Experiência/ Amor	Organização
Entrevistado 29, Estudante, membro Comboio, RJ	RJ	Troca	Representatividade
Entrevistada 32, Estudante, membro NIA, RJ	RJ	Intercambio	Protagonismo das experiências e não das pessoas
Entrevistada 37, Estudante, membro Comboio, SP	SP	Intercambio	Instituição
Entrevistado 38, gestor ambiental, membro Comboio, SP	SP	Amor	Público
Entrevistado 39, Estudante, membro Comboio, SP	SP	Mobilização	Movimento

O entrevistado 23, (estudante, membro Comboio, MG) que trouxe a dimensão da ‘festa’ como palavra que sintetiza a definição de caravana, a seu ver, contextualiza essa noção na reflexão que Brandão (2007, p.45) faz, ao dizer que

“É muito comum que os atos práticos sejam considerados como um quase oposto dos gestos simbólicos, da mesma maneira como se costuma opor o trabalho à festa. Pois toda a celebração, toda a festa seria, afinal, um tempo-e-espaço de ruptura da rotina da vida cotidiana dominada pelo exercício dos atos práticos do trabalho. Mas [...] não é raro que ato-e-gesto estejam juntos e sejam vividos um após o outro, ou mesmo a uma só vez: um-com-o-outro.”

Para Brandão (2007), quando se passa a olhar o trabalho e a festa como algo que anda junto, passamos a perceber como “as regras do trabalho produtivo mesclam-se com as de uma convivência gratuita e generosa.” E passamos a ver, por exemplo, não um trabalho produtivista que produziu uma caravana cheia de números e coisas mensuráveis para colocar no relatório do CNPq, mas “uma relação de trocas de que resulta também” na caravana. (BRANDÃO, 2007, p.45). Essa ideia dialoga com umas das fontes que os idealizadores das Caravanas beberam, conforme descreve Adam (2002, p.61) sobre as romarias da terra.

“A ação litúrgica oferta à luta dos pobres da terra a dimensão da espiritualidade, da festa, do lúdico, do simbólico, do corporal, da fé do povo. Ela enriquece e complementa o esforço da resistência com mística: mística da terra, da natureza, da memória, do lugar. Esta pesquisa está convencida de que são estes elementos litúrgicos festivos que garantem a força de resistência da e a partir da Romaria da Terra, e não diretamente seus ensinamentos político-ideológicos. Esta força que nasce da liturgia falta nas passeatas.”

Outros participantes foram explicando suas escolhas das palavras, conforme abaixo.

“Escolhi encontro porque eu acho que junto com a história de ser uma metodologia, é uma possibilidade de ir ao encontro do outro e entender o contexto que o outro está inserido, entender melhor o contexto e facilitar o processo de articulação. Ir até o outro, faz a gente compreender melhor o que o outro vivencia, a caravana possibilita isso. Pra mim foi muito marcante de ver o pessoal do sul e do norte [do Espírito Santo] com a possibilidade de dialogar com oportunidade aberta a partir da caravana, tanto dentro do estado quanto quem estava fora dali. (Entrevistada 33, Estudante, membro Comboio, RJ)

“Espaço, entre tantas emoções deu espaço pra muita coisa acontecer, ter esse espaço do livre, do possível, ter essa escuta, no sentido físico, emocional, permitir que a gente tivesse oportunidade de se autoconhecer, de conhecer o outro. Espaços no sentido amplo, é na van, de ônibus, colchonete, saco de

dormir. É a partir do espaço que a gente aprende, troca” (Entrevistada 28, membro NIA, membro Comboio, RJ)

“Processos pessoais, o que foi pra conhecer vocês, eu cheguei no Comboio construindo uma caravana, do amor ao ódio, é muito isso – essa disposição de acreditar que as coisas podem ser diferentes, que é possível viver a agroecologia, tem gente trampando pra isso, aquilo que aprendemos na universidade é meia verdade; o amor entra para gente se desconstruir, entender as complexidades desde o início até a realização, envolvem muitos sentimentos” (Entrevistada 31, Estudante, membro NIA-UFRRJ, RJ)

“Tem uma importância inenarrável, acrescentou muito no meu processo de descobrimento do meu eu, numa questão pessoal, me deu empoderamento. Antes era uma coisa que eu gostava, tudo que eu queria fazer, no entanto sempre tinha aquelas pessoas “isso não dá certo, você é sozinha no mundo”. Me fortaleceu no pensamento e me deu empoderamento pra assumir mesmo minhas ações, minhas convicções de mundo, de tudo que eu penso da agricultura em si, além das relações interpessoais, que você descobre um amor em cada canto.” (Entrevistada 17, Estudante, membro Comboio, ES)

Ao responder e explicar as palavras acerca da segunda pergunta (Qual palavra sintetizaria uma melhoria que você faria para uma próxima caravana?) os entrevistados trouxeram algumas coisas importantes de discutir. Houve duas experiências contrastantes que trazem algumas reflexões sobre o papel da estrutura disponível para trabalho e das relações entre as pessoas.

Enquanto a entrevistada (37, Estudante, membro Comboio, SP) explica que a palavra instituição é importante porque, na sua experiência, o trabalho foi muito limitante por falta de apoio institucional da universidade, “para apoiar a providencia de ônibus”, a outra entrevistada (31, Estudante, membro NIA-UFRRJ, RJ) fala que, mesmo com todo apoio institucional que tinha acesso, o que dificultava o trabalho era a questão da organização, na divisão de tarefas, onde a relação “beira uma hierarquia – um monte de gente pra mandar, dar ordem e dizer o que tem que fazer, e pouquíssimas, quase nenhuma, pessoas que topam, pegam e fazem, e quando fazem, fazem como obrigação, como o processo é tão vertical, faz sem prazer”. Como que podemos construir relações de trabalho e atuação onde não seja limitante nem a estrutura indisponível, como telefone, internet, computador, transporte, hospedagem, nem o diálogo, horizontalidade e solidariedade indisponível, e que a presença de um não fomenta a ausência do outro, que não haja poder acumulado através do acúmulo de ordem material-utilitarista.

Algumas melhorias bastante pontuadas tiveram relação com a organização, representatividade, e tempo, as quais são bem sintetizadas na fala do bolsista do Comboio de Minas Gerais, entrevistado 23.

“Eu fui meio engolido pelos processos das caravanas, fiquei lembrando dos perrengues da bolsista do Rio de Janeiro, do bolsista de São Paulo, acabei sendo meio engolido por esse processo, eu acho que na verdade não sobrou tempo nem de pensar sobre as caravanas desde essa perspectiva [da pergunta]; pra mim é muito mais rico quando eu fui escutando pessoal falando, de fato essa articulação com os agricultores foi uma dificuldade que a gente sempre teve. Os estudantes sempre ali na organização e tal, e como a gente cortava eles de ver outros lugares, não conseguia fazer esse jogo bem feito. Eu acho que a principal palavra seria organização, não só no sentido que ela traz, mas pensando outras dimensões que o pessoal trouxe; como organizamos dos tempo, lembrando que a caravana é algo muito vivo, que acaba tendo uma dinâmica própria ao longo do caminho, em função das interações que tem nela. Como que a gente pensa a questão do tempo da estrada, é um tempo mais que demanda uma prosa entre os agricultores nos ônibus e vans, e ao mesmo tempo perde de conhecer experiências no estado que estamos visitando; Essa coisa da participação, como se organiza pra garantir a participação, os tempos dos agricultores, mas também os tempos dos estudantes, dos professores. Eu mesmo fui completamente desorganizado nesses processos da caravana, é um aprendizado que a gente ganha nesse processo, muita coisa se perde (acaba que se transforma) se a gente pensando melhor a organização a gente potencializar a caravana na sua realização.”

O entrevistado (18, Estudante, membro Comboio, ES), ao colocar “banheiro seco” na melhoria que ele faria, ele chama a atenção de como estamos praticando nos nossos encontros, nas caravanas, o cuidado com as práticas agroecológicas que já sabemos ser possíveis aplicar, e muitas vezes não fazemos por não dar prioridade, por não ter refletido sobre isso.

Além da questão do reencontro e da rede criada evidenciada por muitas coisas, também trazidas no círculo de cultura em São Paulo, foi observada a questão do ‘resgate’ durante o seminário de avaliação do projeto Comboio Agroecológico Sudeste (aprofundado no item 2.6), no qual a participação de um jovem de São Paulo foi emblemática, conforme ele relata a seguir.

Então, a caravana foi assim um resgate vamos dizer, porque em 7 de setembro [de 2015] eu tive preso no presídio de Iperó por 5 meses, e minha mãe ia me visitar. Toda visita ela me falou sobre a agroecologia e eu fui parando, analisando. Ok era a agroecologia e eu percebi que eu já fazia agroecologia em casa na prática, mas não tinha teoria. Aí minha mãe entrou com um livrinho da agroecologia no presídio, aí eu li e vi que ainda há tempo de mudar, e parar e analisar. Ok realmente queria, só precisava de um empurrão. Aí então a agroecologia foi esse empurrão, aí saí e passou um tempo peguei a caravana. Aí sim foi o melhor momento onde eu pude tirar ideias de pessoas que acredita que a agricultura familiar vai dar certo, então minha vó que estava comigo eu devo muita gratidão a ela também que me

chamou pra ir. Aí enfim, vi todas as culturas, ai que eu me levantei mais forte ainda e é isso, a caravana significa um resgate pra mim...até me emociono quando lembro, me desculpa, é isso! (Entrevistado 40, rapper, SP, 2/8/16)

Dando prosseguimento à tentativa de entender quais são as definições e aplicações existentes de caravana, agora através dos materiais secundários e bibliográficos produzidos, trazemos uma contribuição da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce, onde, em seu caderno do participante traz a seguinte definição:

“As Caravanas são viagens de aprendizados, intercâmbios e construção de laços de solidariedade e luta política, que exercitam um olhar conjunto e popular a respeito do território, situando contradições, potencialidades e desafios na construção de uma nova sociedade pautada na agroecologia, na reforma agrária, na saúde coletiva, na economia solidária, na luta das mulheres, no respeito ao conhecimento dos povos e comunidades tradicionais. Buscamos dar visibilidade às denúncias e aos anúncios, aos conflitos sociais e ambientais, às experiências de resistência e de autonomia, de valorização da cultura regional e popular, de organização que marcam os locais por onde as rotas passam e ao final se encontram num local de culminância” (CARTA POLÍTICA DA CARAVANA TERRITORIAL DA BACIA DO RIO DOCE, 2016).

Para Cabral (2015, p.1), “as Caravanas traduziram-se numa substantiva inovação metodológica de aproximação e fortalecimento dos sujeitos protagonistas da agroecologia, ao mesmo tempo em que, enquanto pesquisa, assumem lugar político e ético, pautado no diálogo e na participação de diferentes culturas” e mais adiante, ela acrescenta que a caravana pode ser vista “como um processo de formação e de construção do conhecimento que tende a possibilitar a ressignificação das relações homem-natureza” (CABRAL, 2015, p.15).

No caderno do participante da Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro, a contextualização do que se trata a caravana, seus objetivos, resultados esperados diz que:

“Tem se buscado fazer um exercício descentralizado de análise coletiva e contrastar os diferentes padrões de desenvolvimento rural dentro de cada território. Agora é hora de ampliarmos os conhecimentos e as trocas entre os estados do Sudeste. A Caravana tem por objetivo explorar, principalmente, as seguintes dimensões: i) Intercâmbio de experiências e interação cultural entre os participantes. ii) Reflexão sobre as questões territoriais sob a ótica da agricultura familiar camponesa. iii) Diálogos com a sociedade procurando trazer o seguinte questionamento: Porque interessa a sociedade apoiar a agroecologia? Cada Caravana é uma construção. Esperamos que esta possa trazer novos elementos, reflexões e intervenções que transformem efetivamente nossa realidade.” (CADERNO DO PARTICIPANTE RIO DE JANEIRO, 2015)

A noção de caravana, a partir do olhar das diversas pessoas, não só sobre o território por onde ela passa, mas também sobre a metodologia em si, permite essa pluralidade e riqueza de noções, aplicações, usos, intenções, indispensáveis para dar conta da multiplicidade de anúncios e denúncias que a agroecologia traz em seu bojo. E ao se deslocar, não somente no tempo e espaço concreto, mas pelo tempo e espaço simbólico, ela constrói e é construída por indivíduos em seus vínculos consigo mesmo, com o outro, com o território, com a sociedade, com a natureza, e na constante relação, na constante interação com suas controvérsias, pluralidades, paradoxos.

3.6 Vícios e virtudes: Seminário de avaliação do projeto Comboio Agroecológico Sudeste

Uma das importantes atividades, entre inúmeras realizadas, foi um esforço no sentido de olhar para si (indivíduo e coletivo) além de olhar para o outro (ameaças do agronegócio, do golpe), por meio da avaliação do projeto “Comboio Agroecológico Sudeste” financiado por este e realizado em parceria com o projeto de Sistematização de Núcleos de Agroecologia da UFV/UFPE/EMBRAPA AGROBIOLOGIA, através do uso da metodologia de sistematização de experiências.

O coletivo tirou muitos aprendizados no seminário. Dentro da programação, entre outras atividades, estava prevista a construção da linha do tempo, remontando a trajetória e realizações da rede no período do projeto, realização de conversas em grupos temáticos de trabalho para dialogar acerca de diversos eixos, plenárias de síntese para compartilhar os conteúdos trabalhados em grupo, e avaliação final através das perguntas i) o que retira? ii) o que mantém com modificações? iii) o que acrescenta?

Ficou clara a importância, entre outros, do tema “papel do indivíduo na transição agroecológica” através das palavras-chave identificadas por um lado como “solidariedade, cuidado, escuta, alteridade” como pistas para construir e trabalhar em rede, e de outro lado, “combate do ego, empecilhos próprios”, como algo que atrapalhe a rede, algo que necessita ser retirado.

Narrativas coletadas nas caravanas e nas demais atividades do Comboio permitem verificar seus alcances – níveis internacionais até o indivíduo nos seus campos internos. Por exemplo, temos relatos desde que a ideia das Caravanas Agroecológicas e Culturais estão trazendo pessoas de fora do país para apreenderem a metodologia, quanto enriquecendo a vivência de quem milita internacionalmente, quanto experiência de uma estudante da UFLA afirmou que as caravanas funcionam como uma espécie de terapia, pois o encontro, as

vivências, as trocas favorecem o autoconhecimento, saindo diferente do que entrou “a Caravana faz isso - você conhece muito, vai enxergando isso, vai mudando. É muito intenso, é um processo de autoconhecimento” (fala durante grupo de trabalho do seminário de avaliação, 29/07/2016).

Neste mesmo grupo de trabalho foi problematizado a importância de unir a Caravana e a Excursão, pois senão ficaremos sempre reproduzindo a separação do que é “científico” do “agroecológico e cultural”. Uma das formas de unir é inserindo os aspectos positivos de algumas das excursões na dinâmica das caravanas, como tempo maior de visita em cada experiência, construção da sistematização com protagonismo a família visitada, etc.

Outros participantes afirmam que estão fazendo coerentes críticas construtivas porque estão à vontade no lugar e por isso conseguem fazer como fizeram. São sinais e pistas de quais benefícios uma rede tecida com amor e confiança podem trazer, e que nestes processos de construção estamos lidando, em diversos momentos, com a confrontação da nossa sombra, permitindo que a sombra expresse seus aspectos positivos (NASSER, 2010). Potencializar os diálogos internos no campo da psique, potencializar a troca de experiências nos auxilia a construir os processos com mais qualidade e eficiência, pois boa parte da energia está sendo canalizada de forma harmônica e proveitosa, sem gastá-la com preocupações infrutíferas sobre convencionalismos e formalismos.

“Mas esse aspecto ativo e criador do núcleo psíquico só pode entrar em ação quando o ego se desembaraça de todos os projetos determinados e ambiciosos em benefício de uma forma de existência mais profunda e fundamental. O ego deve ser capaz de ouvir atentamente e de entregar-se, sem qualquer outro propósito ou objetivo, ao impulso interior de crescimento.” (JUNG, 1964, p. 214)

“Vários pontos pra prestar atenção: um é procurar construir caravanas temáticas, a gente já tá nesse movimento na zona da mata, caravana pra quilombola; a questão da juventude rural – incorporar a juventude rural e não só universitária; aprofundamento é da questão de gênero; melhorar ainda mais a questão da comunicação; fazer as divisões das funções, fazer os compromissos, isso é uma prática que vem da metodologia Josué de Castro, é fazer os acordos da comunicação gaia, acordos coletivos, incorporando as pessoas com tarefas, horário, momentos de parada. Isso é sempre desgastante, quem vai cuidar de repassar a programação o tempo todo, as pessoas entravam na van, achando que a coordenadora e o bolsista tinha que fazer tudo.” (Entrevistada 14, professora e coordenadora do Comboio, 12/04/17).

Portanto, uma questão importante de ressaltar, que apareceu muito e não sabemos ao certo como lidar com isso, é que a dimensão psicológica, traduzida na palavra “ego” ou com

algumas ideias como “acabar com o ego”, “as pessoas fazem isso pra se promover”. Assim como a dimensão do feminismo não era pauta antigamente, nem aparecia nas avaliações e desafios, e passou a ser, nos parece que essa dimensão das estruturas da psique estão emergindo como um desafio a ser enfrentado. Na próxima sessão trabalhamos com essa questão a nível epistemológico, talvez um ensaio para tentar entender o que, como e porque pensar nisso e quais desdobramentos práticos podemos seguir fazendo.

“Eu penso que é necessário a gente desessencializar o nosso entendimento de mundo, da agroecologia, para que a gente possa se tornar mais autor da agroecologia, da nossa própria sociedade, a gente não pode aceitar de maneira alguma que nós sejamos simplesmente participantes, nós temos que ser sujeitos ativos, autores sociais daquilo que nós mesmos construímos, e compreender isso como uma luta de vida e morte nesse momento que o planeta sofre um desastre escandaloso pela própria ação humana, obviamente por outras coisas, mas a ação da sociedade, da suposta dita civilização é muito deletéria para as pessoas e para a natureza. A agroecologia precisa considerar os sujeitos (entendendo sujeitos nessa dimensão bem ampla de todos – gente, bicho e planta – esse mundo me encanta).” (Entrevistado 15, professor, membro do Comboio 20/04/17)

Se um dos propósitos do projeto Comboio Agroecológico Sudeste é fortalecer, de diversos modos, os estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo para uma articulação regional entre os NEAs e seus respectivos parceiros, em qual base, em qual fortaleza se construirá os pilares e se tecerá a sutileza das relações entre indivíduos? Quais serão os mecanismos de garantia e legitimidade da diversidade de atuação, ao mesmo tempo, que não reproduza padrões de poder, opressão e injustiça? O coletivo dá conta de fazer avaliações e reformulações a partir dessas análises, apenas precisa observar que se não houver um espaço na agenda para tal, priorizando essa etapa com sua devida importância, não terá nada formalizado e organizado coletivamente para encaminhar os aprendizados na medida do possível.

“A amizade é uma forma de amor. E como dizia para você, acho que se exerce na base da honestidade. A amizade do “amo muito você” e “que lindo que você é”, não é a verdadeira amizade. Os amigos, quando são amigos de verdade, dizem o que se devem dizer e isso diz respeito as pessoas e aos processos coletivos também. Amizade às vezes é difícil sobre essa base, porque atravessa períodos complicados. Mas quando a gente ama de verdade, no amor, na amizade, ama as luzes e as sombras de cada pessoa ou de cada lugar” (GALEANO, 2010).

O modo que às vezes não cuidamos de nós mesmos, nem uns dos outros nos fazem minar nossas forças e assim “entrar numa guerra contra o sistema agroalimentar vigente derrotados”. É o professor, que, sem se dar conta (ou se dando conta) de sua posição poder, o

usa sem responsabilidade e oprime o estudante, que por sua vez se boicota tentando boicotar os afazeres, sendo que é uma das suas formas de também exercer o seu poder. É o agricultor que não deixa a agricultora ou o jovem agricultor protagonizar no “seu” sítio, ter sua autonomia, e este vai para cidade, ainda que retorne mais tarde. É o companheiro que oprime a companheira por suas relações desequilibradas de gênero, ambos trabalhando na agroecologia. São os companheiros heterossexuais sendo homofóbicos.

Quando se nega as sombras das pessoas e dos lugares, não se ama verdadeiramente os indivíduos ou coletivos. Pelo contrário, se ama a projeção do vir-a-ser, do que se gostaria do que fosse; não do que se é. Negando a atual condição individual e coletiva, nega-se a beleza do presente. A realidade não é futuro, tampouco passado, mas presente, é aqui-e-agora, e é na construção engajada da realidade que se faz o caminho, o caminhar, como lembraria Antonio Machado (2003). Beleza não é perfeição, beleza é a construção honesta e equânime do processo, consciente das luzes e sombras, a beleza reside no fato de sermos perfectíveis e não perfeitos. “Ao lhe ensinar sobre opressão, tenha o cuidado de não converter os oprimidos em santos. A santidade não é pré-requisito da dignidade. Pessoas que são más e desonestas continuam seres humanos e continuam a merecer dignidade.” (ADICHIE, 2017)

É muito comum no material empírico coletado o aparecimento da afirmação de que “o inimigo é outro”. Essa frase sempre aparece como justificativa ou convite para retomar os trabalhos depois dos momentos de tensão devido à algum conflito ou contradição interna denunciada. No caso da agroecologia o inimigo seria o agronegócio, da democracia o golpe, do feminismo o machismo e patriarcado, do movimento negro o eurocentrismo e racismo, entre outros.

Minha dissertação é uma análise, mas também é um convite, é um trabalho com propostas, não só reflexões ou constatações, mas apontamentos e pistas para autocrítica e reformulações. Uma realidade apreendida a partir da minha lente de ver o mundo e compartilhada com os demais companheiros que desejarem e puderem apreender. Então me resta questionar: será mesmo que o inimigo é outro? É alguém que está lá do outro lado do oceano? Ou em outro país? Ou em outro estado, em Brasília?

Se para desenvolver a razão, movimento necessário para galgar conquistas que inquestionavelmente a ciência moderna galgou, lançou-se mão de diversos métodos, reconfiguração de hábitos, teorias, ferramentas, também para dar continuidade à transformação do conhecimento científico, à emergência de um novo paradigma, será necessário contar com a dissolução do padrão binário sujeito superior/objeto inferior-

dominado-ignorado. Isso pode ser conquistado através de desenvolver o lado direito desse conjunto de questões para que possa fazer um par equilibrado na dualidade e não mais no dualismo. Quero dizer com isso que para chegar ao mesmo patamar da razão desenvolvida pelo método hegemônico de sapiência, é necessário desenvolver a emoção com seus métodos próprios, que são relacionados com outros campos e outros saberes, como a cultura, música, poesia, terapia, ferramentas lúdicas, autoavaliação, meditação, concretização de fato da ação-reflexão-ação.

De fato, na medida em que o dualismo reforça os mecanismos de controle das elites tecnocratas – e assim, indiretamente, das elites capitalistas – inibe o surgimento de novas possibilidades de construção do conhecimento que sejam dialógicas e plurais, comprometidas com outro conhecimento produzido diretamente na experiência vivida, coletiva e intersubjetivamente pelos atores sociais (MARTINS, 2010, p. 414)

Sardenberg (2002), traz uma pista de como parte desse processo de super valorização da dimensão racional, citando Lloyd (1996, p.41), na tentativa de entender a relação entre poder e conhecimento: “O conhecimento racional foi construído como uma transformação ou controle transcendente sobre as forças naturais; e o feminino tem sido associado com aquilo que o conhecimento racional transcende, domina, ou simplesmente deixa para trás.

No *Dragon Dreaming* (CROFT, 1991), o quadrante dos “tipos psicológicos” pode ser comparado com o quadrante de design de projetos, com suas respectivas etapas: sonhar, planejar, executar e celebrar. Os planejadores e executores são mais valorizados, bem quistos e existe uma métrica meritocrata que eles podem acessar para divulgar seus feitos na ciência e conseguir mais recursos. Já os sonhadores e celebradores, bem como suas realizações, que não se enquadram no científico moderno, e quando se enquadram são apenas como objetos de estudo, não são valorizados, bem quistos e sua produção é invisível aos olhos da régua produtivista científica. Com isso perde a ciência, os cientistas, o diálogo de saberes, perdem todos.

Dialogando com Mignolo (2008, p.12), também vemos essas questões em escalas mais amplas, onde a matriz colonial do poder atua controlando tudo a partir do pilar do conhecer, compreender e sentir. Esta matriz colonial de poder se configura como “uma rede de crenças sobre a qual se atua e racionaliza a ação, se aproveita dela ou sofre suas consequências”.

Os métodos e ferramentas utilizadas como instalações artísticas e pedagógicas, círculo de cultura, facilitação gráfica, e outros, que acessam coisas além da racionalidade, objetividade, e neutralidade, contribuindo para encaminhar concretamente (práxis) reflexões

pós-modernas e descoloniais, entre outras, acerca do paradigma emergente em construção. Além disso, a própria avaliação do projeto ocorrida no seminário de sistematização dos núcleos do Sudeste em Sete Lagoas, foi um passo no sentido de valorizar o quadrante do “celebrar” onde se avalia e comemora as conquistas e aprendizados, segundo a metodologia do Dragon Dreaming, em interface com o tipo psicológico “sentimento” junguiano.

Não se trata de abandonar o racionalismo, a objetividade, mas, sim, por um lado, de somar as forças desses tipos psicológicos (pensamento e sensação), através de pluralidade de pessoas participando dos processos de construção do conhecimento (diálogo de saberes com os tipos sentimentos e intuição), ou, por outro lado, somar forças através das partes da psique, por meio do equilíbrio dos componentes da mesma, já que todos possuímos os quatro tipos, uns mais latentes, outros mais desenvolvidos. É um trabalho de uma vida toda feito por cada indivíduo nos seus modos, mas que cabe dar os primeiros passos com urgência.

É necessário prestar atenção nesse processo de valorização e desenvolvimento do sentimento e intuição, por um lado externo, de o método científico não virar discurso político e subjetivo por demasia, e por outro, interno, de assumir que a racionalidade e a objetividade são características necessariamente masculinas e devem ser apartadas do quefazer de uma epistemologia, por exemplo, feminista. (KELLER 1996 apud SARDENBERG, 2002).

Uma questão que apareceu muito forte foi a necessidade do cuidado consigo e com o outro nesse momento de revisão de estratégias, motivado pelo Golpe. Acolhimento da diversidade dentro da rede, a qualidade (não só quantidade) do tear de fios dessa rede, maior profundidade de avaliação, alcançando as contradições – que ao mesmo tempo são as potencialidades a serem trabalhadas, são questões que surgiram como indispensáveis para esse novo momento.

Não desacredito, nem deslegítimo, com minha ênfase no indivíduo, nas lutas e batalhas travadas em esferas mais nacionais, ou internacionais. Ao contrário, olhar para dentro e despertar é uma das pistas que podemos explorar para reconfigurar nosso modo de lutar por políticas públicas, mais espaço para exercer a cidadania, lutar por direitos, etc.

As Comunidades Eclesiásticas de Base afirmavam que a espiritualidade é importante, mas engajadas nas transformações sociais. Diríamos hoje o contrário complementar: as transformações sociais são importantes, mas engajadas na espiritualidade. Entenda-se espiritual por tudo aquilo que não é material. As redes, os sentimentos, os patrimônios imateriais como cultura, as dimensões simbólicas, etc. Para o agricultor do Espírito Santo, “A agroecologia tem a semente do amor - e ela é crioula e não transgênica”.

“São vários momentos que trazem a sensação da espiritualidade – a caravana como ela tenta sintonizar muitas pessoas e muitas coisas com muito compromisso, e muito interessadas no que está ocorrendo, elas não estão ali por obrigação, elas trazem dentro delas essa mística da transformação e isso ajuda. Desde quando a gente faz a roda pra apresentar, de manhã quando socializa, nos momentos das refeições. ‘Vocês estão há 4 dias, falam de agroecologia o tempo todo e ninguém cansa, todo mundo relaxado e feliz, conversando sobre essas coisas’. Isso não vem pela questão material, isso vem pela energia, pela espiritualidade.” (Entrevistada 14, professora e coordenadora do comboio, 12/04/17)

Esta fala da entrevistada pode ser complementada com a pesquisa feita sobre as romarias da terra, sua liturgia, sua mística, conforme descreve Adam (2002, p.61), sendo uma das fontes inspiradoras das caravanas:

A liturgia da Romaria da Terra desempenha um papel importante no processo de resistência e de libertação dos pobres da terra, em primeiro lugar não pela sua política de confrontação, apesar de sua presença sutil ou explícita na celebração, mas porque a própria liturgia, enquanto vivência simbólica coletiva de libertação e festa, permite às pessoas ligarem-se a algo maior, que transcende o cotidiano. Há uma mística presente, que os próprios romeiros trazem consigo, simplesmente porque a prática das romarias lhes pertence. Eles fazem da romaria um acontecimento religioso e festivo, acima de qualquer suspeita. Assim, a liturgia transforma a cansativa luta do cotidiano em um acontecimento prazeroso, em uma luta sociopolítica, mas com ingredientes festivos e lúdicos, sem fugir, com isto, deste cotidiano de luta.

As dimensões cultural, espiritual, sentimental, intuitiva das caravanas agroecológicas e culturais são peças fundamentais dos métodos utilizados para ser ensino, pesquisa, extensão e diálogo de saberes. Para descolinizar o pensamento racionalista, é necessário acessar ao lúdico-emocional-sensitivo de forma concreta, e não dizer apenas nas palavras, nos textos, nas rodas de conversa. O sentir é do campo do aqui-e-agora, do presente, portanto, as ferramentas e métodos que acessar esse canal de aprendizado e ressignificação – as tipos sentimento e intuição – trouxeram ganhos na construção de um novo paradigma emergente e das relações de afeto, confiança e solidariedade na rede em (eterna) construção.

Esperar que o racionalismo desse conta de reconfigurar sozinho a ciência e seu lugar nas relações da construção da sociedade, é, de maneira análoga, o mesmo que esperar que sozinho o branco dê conta de reconfigurar o racismo, eurocentrismo, que o homem dê conta de reconfigurar o machismo, patriarcado, androcentrismo, falocentrismo, que o heterossexual

dê conta de reconfigurar a homofobia, que o agronegócio dê conta de reconfigurar os latifúndios, as erosões na saúde, nos saberes e no meio ambiente.

O emocional, feminino, lúdico, o sentir, como queira chamar, entra como ponto chave nesta rede. De maneira tímida, em momentos pontuais, é percebido, resgatado, valorizado. Se estamos numa sociedade que está patriarcal, machista, racionalista, porque seria diferente nos campos internos? Massacramos nosso lado feminino o tempo todo, assim como as mulheres o são na sociedade. Os aspectos relacionados ao sentir na maior parte do tempo são colocados como não prioritários, secundários, quando não ignorados ou utilizados de forma pejorativa.

Quais contextos iremos (re)criar para que os dispositivos internos de opressão ao feminino, ao sutil, ao sentir, ou qualquer nome, sejam reconhecidos, acolhidos, e, se assim entendermos, transformados? As caravanas agroecológicas e culturais, com suas ferramentas, como as instalações pedagógicas, parecem ser um desses esses espaços, um desses contextos, sempre na sua relação com o indivíduo, o coletivo, e a história.

4. CAPÍTULO II - ESTUDO DE CASO: CONTRIBUIÇÕES DA CARAVANA AGROECOLÓGICA E CULTURAL E EXCURSÃO CIENTÍFICA PARA A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

4.1. Introdução

Neste capítulo pretendo entender se e como a Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro foi estímulo para transição agroecológica, a partir do olhar para os indivíduos, instituições e suas inter-relações; e se a Caravana Agroecológica e Cultural promoveu o diálogo de saberes. Início com a contextualização do projeto que coordenou a construção da Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro, posteriormente apresento a discussão e interpretação dos dados coletados em campo, através das categorias de análise de conteúdo. Por fim, trago uma síntese conclusiva deste capítulo.

4.2. Métodos

A contextualização do projeto executor das caravanas, da agricultura no Rio de Janeiro e algumas palavras sobre os atores e seus papéis, é realizada por meio de análise de documentos, bibliografias, vídeos e demais publicações da rede. Para realização da descrição densa, foram acompanhadas todas as reuniões ampliadas da construção da caravana que aconteceram em Casimiro de Abreu entre setembro e novembro. Foram quinze pessoas entrevistadas através da entrevista semi-estruturada, conforme o quadro abaixo (quadro 5).

Quadro 4 – entrevistados, seus territórios, ocupação e data da entrevista.

ID	TERRITÓRIO/ LOCALIDADE	OCUPAÇÃO	DATA
1	Articulação de Agroecologia Região Norte	Bolsista do projeto e membro da CPT-Norte.	10/04
2	Articulação de Agroecologia Região Norte /SerraMar/ Região Metropolitana	Bolsista do projeto, Extensionista, membro da CEDRO	05/04
3	Articulação de Agroecologia Região Metropolitana	Extensionista, membro da AS-PTA	08/04
4	Seropédica	Professor, coordenador do Ambientes de Interação Agroecológica (NIA/UFRRJ)	18/04
5	Articulação de Agroecologia Serrana	Extensionista, membro da CEDRO	04/04
6	Articulação de Agroecologia SerraMar	Extensionista, Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Casimiro (SEMMADS) de Abreu	23/03
7	Articulação de Agroecologia SerraMar	Extensionsita, membro do Centro Tiê de Agroecologia	20/03
8	Articulação de Agroecologia SerraMar	Extensionista, Secrataria de saúde de Casimiro de Abreu	20/03

9	Articulação de Agroecologia SerraMar	Agricultora	21/03
10	Articulação de Agroecologia SerraMar	Agricultora	21/03
11	Articulação de Agroecologia SerraMar	Agricultora	06/04
12	Articulação de Agroecologia SerraMar	Agricultor	21/03
13	Articulação Nacional de Agroecologia	Professor, membro da ANA	19/04
14	Viçosa	Professora, coordenadora do Comboio Agroecológico Sudeste	12/04
15	Viçosa	Professor, membro do Comboio Agroecológico Sudeste	20/04

4.3 Contexto do Projeto Ambientes de Interação Agroecológica

Em 2011, o Núcleo de Estudo em Agroecologia (NEA) na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), intitulado Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão Científica e Tecnológica em Agroecologia (NIA), foi constituído a partir Edital 58/2010 do CNPq/Ministério do Desenvolvimento Agrário. O NIA RURAL era composto por estudantes e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento científico das ciências agrárias e humanas. No âmbito do projeto, o NIA realizava reuniões semanais para avaliar, discutir e planejar as ações, para acompanhamento constante de todas as atividades (SANTANA, 2012).

A atuação do núcleo nesse primeiro momento era na região do Piraí e Barra do Piraí, no Médio Paraíba Fluminense, através da aproximação com agentes de ATER, como por exemplo, EMATER-RIO, favorecendo o “diálogo entre as demandas dos agricultores, o direcionamento de pesquisas e investigações por parte do NIA dentro da Universidade e ações de extensão que pudessem de alguma forma, contribuir com essas demandas apresentadas” (SANTANA, 2012). Além disso, o núcleo realizava vários seminários temáticos para formação continuada dos membros do núcleo, mais integrada e interdisciplinar, e fomentando o debate dentro da academia acerca da agroecologia.

Foram produzidas filmagens das principais ações desenvolvidas, cartilhas para construção de cisterna ecológica, cursos teóricos e práticos para capacitar agricultoras, agricultores e técnicos dentro das linhas temáticas do grupo, incluindo a parceria com o Sistema de Produção Integrado Agroecológico da Fazendinha Agroecológica Km 47, promovendo um intercâmbio frequente entre a academia e os agricultores (SANTANA, 2012)

No segundo momento, mediante a aprovação do projeto *Ambientes de Interação Agroecológica: Ensino, Pesquisa e Expressões da Agroecologia do Estado do Rio de Janeiro* em 2013, o núcleo apresentou outra configuração. Projeto construído em parceria com a

AARJ, a ideia era continuar com o intercâmbio entre academia, ATER e agricultoras e agricultores e ampliar para os territórios de atuação da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro: Norte fluminense, Serramar, Metropolitana e Costa Verde, além da região de atuação do núcleo no edital anterior, o Médio Paraíba. Houve, pelo projeto, um bolsista graduado para cada região para articular no nível regional, nos territórios descritos acima. Enquanto nos demais estados foram aprovados diversos projetos de NEAs, no estado do Rio de Janeiro só foi aprovado este projeto de NEA.

Como o número de membros do projeto aumentou, além de atuarem em diversas localidades, tornou-se um desafio a comunicação interna e acompanhamento de atividades. Adotou-se outra organicidade, através de comunicação virtual (e-mails e videoconferência) sem frequência determinada, e reuniões presenciais ampliadas semestrais ou anuais. Além das atividades propostas pelo projeto “*Ambientes de Interação Agroecológica*”, a articulação com o projeto “*Comboio Agroecológico Sudeste*” somou outras atividades deste, sendo que a maioria dialogava entre si, se complementando. Uma das atividades propostas foi a realização da Caravana Agroecológica e Cultural e Excursão Científica no Rio de Janeiro.

4.4 Contexto da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro - AARJ

A seguir, faço uma pequena revisão quanto a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ), a partir do entendimento contido no projeto “*Ambientes de Interação Agroecológica*”, Caminhos Agroecológicos do Rio, e outras bibliografias.

Para os propositores do projeto, o Rio de Janeiro conta com instituições que constroem conhecimentos científicos de base agroecológicas, e são nacionalmente referenciadas a partir desse trabalho. Entretanto, as ações destas instituições não envolvem a maioria da agricultura familiar fluminense, ainda sujeitas a ao modelo baseado difusionismo de tecnologias, sem conhecimento da realidade com o produtor e sua relação com seu local (AMBIENTES DE INTERAÇÃO AGROECOLÓGICA, 2014).

Além destas instituições, abriga outras que buscam “fortalecer as expressões da Agroecologia nas mais variadas manifestações, sejam elas pelo próprio agricultor, seja pelo fazer cotidiano da assessoria técnica” e a partir de sua integração surge a AARJ (AMBIENTES DE INTERAÇÃO AGROECOLÓGICA, 2014, p.5).

A AARJ é uma rede de instituições, organizações e coletivos que buscam se articular para fortalecer as iniciativas agroecológicas, a partir da identificação, sistematização e mapeamento de experiências (STRAUCH, 2015). “A AARJ foi formada em julho de 2005, a

partir do Grupo de Articulação pró II Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), do Estado do Rio de Janeiro”, com o objetivo de se articular com a série de movimentos e organizações que atuavam com agroecologia no Rio de Janeiro e fomentar debates e atividades da Articulação Nacional de Agroecologia (AARJ, 2014; STRAUCH, 2015).

Como preparação para a participação dos agricultores no II ENA, que aconteceu em Recife, em junho de 2006, foi realizado um Encontro Estadual de Agroecologia em maio do mesmo ano. Esta atividade contou com a participação de 106 agricultores e técnicos de todas as regiões do estado. No encontro definiu-se 45 representantes para participarem do II ENA representando 32 experiências identificadas como uma amostra das expressões da agroecologia no estado do Rio de Janeiro (AARJ, 2014; STRAUCH, 2015).

Desde 2006 a AARJ busca manter uma rotina de reuniões ampliadas para definir estratégias e para trocar experiências, com a participação de técnicos e agricultores. Além disso, procura realizar vivências em campo, nos locais próximos ao da reunião, para troca de saberes entre técnicos e agricultores, na construção do conhecimento agroecológico. A organicidade da AARJ é composta a partir de um grupo executivo, composto por representantes das regiões de atuação da AARJ e das organizações e movimentos sociais, com reuniões mensais, e por um grupo ampliado. Esses grupos têm a incumbência de coordenar politicamente as atividades, planejando as ações de cada ano, e fomentar dentro da AARJ as pautas construídas pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). Além disso, conta com os Grupo de Trabalhos temáticos de Segurança Alimentar e Nutricional e Acesso a Mercados Justos e Solidários; Agrobiodiversidade, Sementes, e Territórios; Juventude Rural; Assistência Técnica e Extensão Rural; e Comunicação (AMBIENTES DE INTERAÇÃO, 2014; STRAUCH, 2015).

A organicidade da AARJ vem se manifestando nas regiões Costa Verde, Vale do Paraíba, Metropolitana, Serramar e Norte Fluminense. Como desdobramento do processo de sistematização, além do fortalecimento da articulação na escala do estado, também as articulações regionais se destacaram e se fortaleceram no processo, “sendo as de maior expressividade” a região Norte (Campos e Macaé), a região Serra Mar (Casimiro de Abreu, Silva Jardim, Rio das Ostras, Saquarema e Araruama), região Sul (Paraty, Angra dos Reis e Ubatuba) e região Metropolitana (Rio de Janeiro, Magé, Nova Iguaçu, Seropédica, Itaboraí, e Niterói), conforme a figura 1 (AMBIENTES DE INTERAÇÃO, 2014, p.6). Transpondo limites políticos administrativos das regiões do governo fluminense, as regiões que compõe a

AARJ estabelecem conexões que ressignificam a noção de território, como por exemplo a rede juçara que articula experiências em Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba (SP).

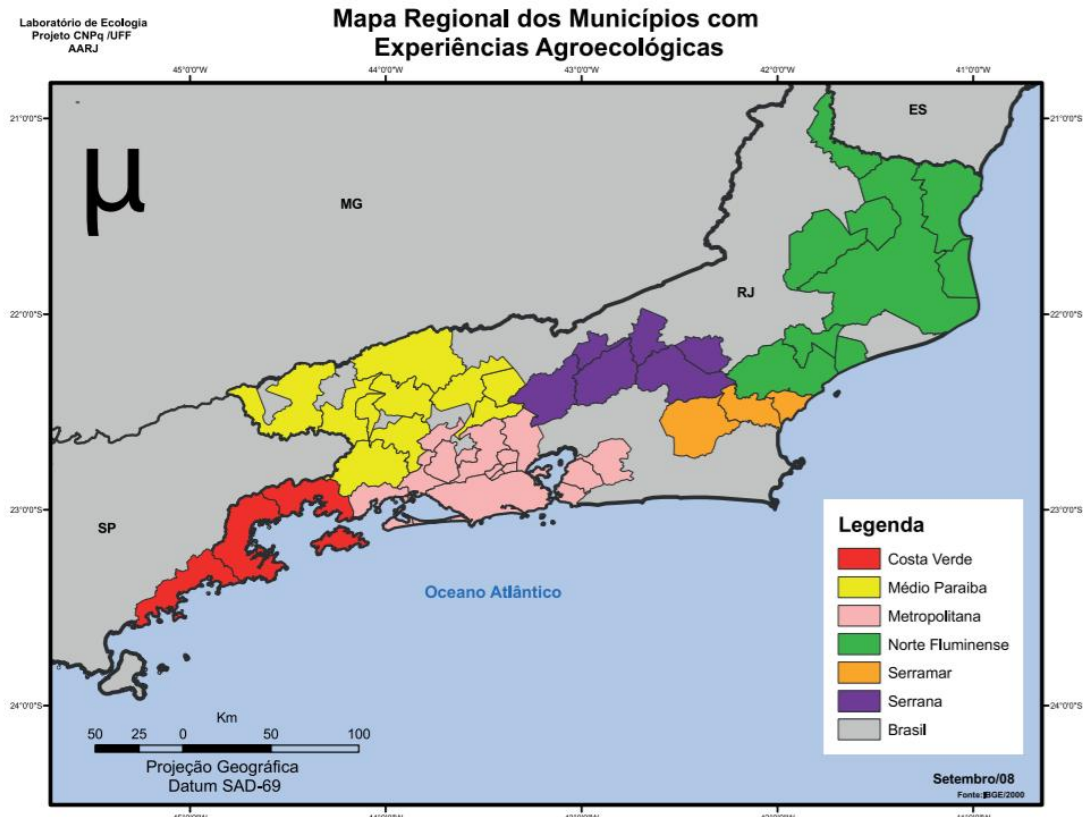


Figura 1. Mapa dos territórios de atuação da AARJ em 2014. Fonte: AARJ, 2014

As entidades que frequentemente participam da articulação são: AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Rede Fitovida de plantas medicinais, Cooperativa de Trabalho, Consultoria, Projetos e Serviços em Sustentabilidade (Cooperativa CEDRO), Rede Ecológica de Consumo, Grupo de Agricultura Ecológica/UFRRJ (GAE), Grupo de Estudos e Trabalho em Ensino e Reforma Agrária/UFRRJ (GETERRA), Mutirão de Agricultura Ecológica/UFRJ (MÃE), Pastoral da Saúde, Pastoral da Criança, Verdejar, Cooperativa de Agricultura Familiar de Produtos Orgânicos UNIVERDE, Cooperativa dos Agricultores Familiares de Magé (COOPAGÉ), e Associação de Agricultores Biológicos (ABIO), Escola da Mata Atlântica, Associação Mico Leão Dourado, Rede Carioca de Agricultura Urbana, Campus da Mata Atlântica da FIOCRUZ. Outras entidades públicas apoiam a AARJ, como: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do

Rio de Janeiro (PESAGRO-RIO), Gerência de Agroecologia e Escritórios Locais da EMATER-RIO de Nova Iguaçu, Araruama e Saquarema, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Agrobiologia), Ministério da Agricultura, Pesca e Abastecimento (MAPA/Superintendência do Rio de Janeiro), Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA-DFDA/RJ) (AMBIENTES DE INTERAÇÃO, 2014; STRAUCH, 2015).

O esforço de mapeamento, identificação e sistematização das experiências que a AARJ vem desenvolvendo nos últimos anos tem como referências as estratégias de atuação e princípios apresentados pela ANA e pela Associação Brasileira de Agroecologia – ABA. A partir do projeto “Desenvolvimento participativo de metodologias e processos de construção de conhecimento agroecológico no Estado do Rio de Janeiro”, fomentada pelo CNPq/MDA, com a coordenação na Universidade Federal Fluminense – UFF, essa iniciativa pode ser financiada. O trabalho de articulação e consolidação da rede estadual enquanto movimento foi formado a partir do uso de metodologias participativas, com pressupostos e ferramentas como diálogo de saberes e intercâmbios. Alguns dos produtos foram um livro e um vídeo “Caminhos Agroecológico do Rio de Janeiro” (STRAUCH, 2015).

A publicação do livro buscou não só a descrição de uma experiência, mas também dar significado político a ela, apontando os avanços e desafios para construção da transição agroecológica no Rio de Janeiro, a partir de experiências concretas de pessoas e coletivos “comprometidos com uma agricultura participativa desenvolvida em bases ecológicas” (AARJ, 2014, p.19).

Dispondo da sistematização de experiência como processo catalisador das dinâmicas de análise e reflexão crítica sobre as experiências a partir do olhar dos seus protagonistas, as oportunidades financiadas por projetos também tinha como objetivo a construção de artigos analíticos, descritivos, constituindo-se como memória de um território e de agroecossistemas, dada sua natureza dinâmica (AMBIENTES DE INTERAÇÃO, 2014). Outro projeto financiado pelo CNPq/MDA fomentou o “mutirão” estadual de sistematização de experiências em agroecologia, reforçado a partir do processo de sistematização do Grupo de Trabalho “Construção do Conhecimento Agroecológico”, ocorrido em 2009, através da participação em oficinas nacionais, estaduais, preparatórias para o VI Congresso Brasileiro de Agroecologia. Finalizado o processo, este GT recebeu 22 artigos elaborados a partir da ótica dos protagonistas da experiência, “através de processos locais participativos de aprendizagem, reflexão e construção” (AARJ, 2015, p.19).

A AARJ também se constrói como uma rede que promove a agroecologia e desenvolvimento territorial, uma vez que fomenta debates, reflexões, as quais embasam a adequação e implementação de políticas públicas voltadas para agricultura familiar fluminense e brasileira. Alguns exemplos são a contribuição na construção da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO), Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural(PNATER), Resolução nº 134/2016 do Instituto Estadual do Ambiente (INEA-RJ), que diz respeito à práticas de manejos agroflorestais e sistemas de pousio (AMBIENTES DE INTERAÇÃO, 2014).

A AARJ procura pautar sua atuação política a partir das práticas agroecológicas vivenciadas no dia-a-dia dos seus protagonistas, que no caso do Rio de Janeiro engloba uma grande diversidade de atores, movimentos e organizações. Esta metodologia de atuação e abordagem se efetivou de fato quando a rede percebeu que era preciso saber onde se encontravam estas experiências, em qual contexto sócio ambiental se localizavam, como se organizavam, e quais inovações sinalizavam, procurando a partir destas informações e dos processos relacionados à sua obtenção, qualificar seu debate político e avançar na construção do conhecimento acerca da agroecologia (AMBIENTES DE INTERAÇÃO, 2014; AARJ, 2014).

A fim de contribuir mais de perto com o intercâmbio de saberes acadêmicos e populares, ampliar a rede de vivências agroecológicas e suas institucionalidades participativas, o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão Tecnológica em Agroecologia da UFRRJ (NIA-UFRRJ), no final de 2011, se aproximou das experiências sistematizadas e divulgadas pela AARJ (AMBIENTES DE INTERAÇÃO, 2014).

4.5 Contexto do espaço agrário fluminense

No decorrer do século XX, o crescimento da cidade do Rio de Janeiro, e estancamento da economia no interior do estado configuraram uma polarização do espaço fluminense, o qual é altamente dependente da capital estadual e incontestavelmente metropolizado (ALENTEJANO, 2005). O capital imobiliário e o industrial, no decorrer do século 21, são os agentes organizadores do espaço fluminense mais evidenciados. O primeiro foi um agente central na subordinação do capital agrário no interior fluminense, da desruralização. Na região norte e noroeste, contudo, a desruralização foi dada principalmente pelo próprio capital agrário em transformação. O segundo, o capital industrial, foi responsável pelo estímulo inicial para a metropolização.

Tais fatos refletem-se em alguns dados estatísticos que ajudam a compreender as características centrais da organização do espaço fluminense: 96% da população reside em áreas urbanas; a região metropolitana concentra 75% da população, 80% do valor da produção industrial, 85% da arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), sendo que 70% deste imposto é arrecadado na capital. Por outro lado, a participação do setor agrícola no Produto Interno Bruto (PIB) fluminense é inferior a 2% (CIDE, 2001). Apesar de irrisório em termos proporcionais, o PIB agrícola estadual não chega a ser desprezível em termos absolutos, atingindo 1,17 bilhões, o que equivale ao do estado vizinho do Espírito Santo, onde este equivale a 45% do PIB estadual (IBGE, 2001) (ALENTEJANO, 2005, p.1)

Nos dias de hoje, em boa parte dos projetos de ordenamento territorial, em diferentes regiões fluminenses, o domínio do capital sobre o espaço no estado do Rio de Janeiro continua hegemonizado. Contudo está embasado agora na esfera da circulação, valorizando diferentes atividades como o turismo e lazer.

Nos últimos anos, o estado do Rio de Janeiro sofreu um processo denominado por Ribeiro (2002 apud ALENTEJANO, 2010) de desagriculturalização. Este processo é caracterizado pelo esvaziamento do meio rural, aprofundamento da concentração fundiária, diminuição da relevância da agricultura, em termos de produção, área e emprego.

Isso pode ser verificado pela redução entre 1985 a 2006 i) do número dos estabelecimentos rurais e da área; ii) diminuição da área cultivada com lavouras, seguida de pastagens; iii) redução da área de matas e florestas, indicando o aumento do desmatamento; iv) queda paulatina do pessoal ocupado na área rural, sendo uma redução superior à 50% neste período.

A eliminação de estabelecimentos agropecuários, pecuarização dos que restaram, e a crise da produção canavieira são alguns fatores que levaram a essas reduções. A pecuarização não se equivale ao aumento da quantidade de cabeças de gado por unidade de área, em média 1,25, nem ao aumento de produção de carne e de leite, acompanhado da queda do plantel de aves, suínos e caprinos, portanto, se configurando num processo de especulação imobiliária e enfraquecimento da agropecuária fluminense (ALENTEJANO, 2010).

A crise da agricultura do Rio de Janeiro é generalizada, contudo, ela é mais contundente no tocante aos alimentos básicos: mandioca, feijão e arroz. Isso, somado com a especulação fundiária, e políticas agrárias ineficientes, compõe um cenário para exacerbar o conflito no campo, inclusive na região metropolitana (ALENTEJANO, 2010).

Apesar de parecer um processo hegemônico e homogêneo, a metropolização e desruralização, que são símbolos da organização do espaço agrário fluminense, contam com as contradições e heterogeneidades dentro deste mesmo processo. Uma delas é a resistência ao capital especulativo e industrial feita pelas trabalhadoras e trabalhadores rurais, agricultoras e agricultores, quilombolas, caiçaras a partir de suas experiências de anúncios (ALENTEJANO, 2010).

Além disso, ONGs, centros de pesquisa e movimentos sociais constroem conhecimentos que vão à direção da superação da dicotomia entre agricultura, democratização do uso e posse da terra e preservação ambiental. Em relação à agricultura alternativa, existem duas coisas. Por um ângulo, o acesso dos produtos se dá a partir de um nicho de mercado voltado à elite, com custos mais elevados que os convencionais. Por outro, os retornos de médio e longo prazo se dão na demanda da mão-de-obra, no caráter familiar da produção agrícola, que desponta uma construção diferenciada do perfil do espaço agrário fluminense (ALENTEJANO, 2010).

Dentro do recorte das regiões do estado do Rio de Janeiro que compõe a AARJ, vale a pena dedicar algumas palavras para caracterizar algumas das quais a Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro irá passar, a partir da consulta a documentos como a publicação Caminhos Agroecológicos do Rio de Janeiro (AARJ, 2014) e Caderno do Participante da Caravana Agroecológica do Rio de Janeiro (2015).

COSTA VERDE

A Costa Verde é uma região que se integra pelos municípios de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba (SP), a qual estava basicamente intocada até 1970, devido suas características geográficas e pela presença das comunidades tracionais que ali vivem como quilombolas, caiçaras e indígenas. Houve então a abertura do trecho da denominada Rodovia Rio-Santos (BR 101), através do projeto TURIS, pensado pelo governo militar como um meio de desenvolver o turismo e a economia da região. A partir desse marco, foi dado um aumento progressivo da especulação imobiliária pela ameaça de grileiros, da exploração predatória da fauna e flora local, expulsão de comunidades tradicionais. Além disso, a criação de Unidades de Conservação na década de 1980 contribuiu para o aumento do conflito pela posse da terra.

Sendo assim, a luta pela terra é uma das mais importantes questões de conflito e resistência que permeiam este território e as pessoas que ali vivem tradicionalmente. A estrada, que por um lado, viabilizou outra lógica de circulação pelo território, trouxe também

impactos negativos para as populações que ali viviam numa relação com a natureza de maneira integrada, as obrigando muitas vezes a adentrar cada vez mais na mata, ou migrarem para outras localidades.

Esses lugares de refúgio, as matas, por sua vez, foram em parte demarcadas pela criação das Unidades de Conservação como o Parque Estadual da Serra do Mar (PESM), o Parque Nacional da Serra da Bocaina (PNSB), a Área de Proteção Ambiental do Cairuçu (APA Cairuçu), e a Reserva Estadual Ecológica da Juatinga (REEJ), entre outras. O entendimento acerca da preservação ambiental a partir da ótica do “mito moderno da natureza intocada”² trouxe e traz muitos e diferentes conflitos na região, criminalizando os protagonistas responsáveis por boa parte da preservação ambiental ali existente antes da abertura da estrada.

Uma das soluções para o conflito apontadas por gestores das Unidades de Conservação, principalmente as de proteção integral, é a retirada das populações dos limites do mesmo, rompendo autoritariamente, desta forma, com as relações ancestrais das populações com a natureza, e com a lógica de reprodução da vida em suas dimensões produtivas, culturais, etc.

Por outro lado, as experiências agroecológicas se apresentam como outra solução para o conflito entre uma suposta dicotomia agricultura-natureza. Uma das experiências é a promoção da Rede Juçara, que valoriza o cultivo agroflorestal sustentável da palmeira (*E. edulis*) como ferramenta de conservação da mata atlântica. Ao invés de comercializar o palmito, precisando eliminar a planta para tal, estimula-se o trabalho com o consumo e venda dos frutos, as fibras dos cachos, folhas e sementes inviáveis para artesanato, que são tirados várias vezes de uma mesma palmeira. Esse manejo, além de fortalecer a identidade das comunidades tradicionais, garante a soberania alimentar do território.

Os desdobramentos do plano de fomento ao turismo e economia da região se deram de tal modo que atualmente se vive um turismo predatório de massa, não planejado,

² “O Mito Moderno da Natureza Intocada trata das relações simbólicas e do imaginário entre o homem e a natureza, tendo como centro da análise as áreas naturais protegidas. No mundo em que a civilização urbano-industrial desenvolveu conhecimentos científicos, tecnologias e também meios poderosos de devastação da natureza, rompendo antigas alianças que ligavam o homem à natureza, os mitos ainda continuam vivos. Um desses mitos modernos, originário dos países industrializados, se refere às áreas naturais protegidas, consideradas pelo ecologismo preservacionista como o paraíso, um espaço desabitado, e que a natureza deve ser conservada virgem e intocada. Sucede que esse mito se confronta com outros mitos e simbologias que as populações tradicionais moradoras de parques nacionais protegidos (indígenas, pescadores artesanais, ribeirinhos) têm em relação ao mundo natural. Esse trabalho é também fruto de pesquisas e reflexões sobre o papel da diversidade sócio-cultural e diversidade biológica na afirmação da necessidade de se encontrar uma relação mais harmoniosa entre o homem moderno e a natureza.” Para aprofundar nessa questão, ver “O mito moderno da natureza intocada” por Diegues (2000).

desrespeitando as identidades locais. São alguns os impactos dessa atividade, como degradação dos recursos hídricos, geração de resíduos sólidos urbanos de maneira desenfreada, desfalque do contingente dos trabalhos comunitários, desarticulando trabalhos reprodutivos, comprometendo a sucessão familiar e transmissão de saberes, devido à absorção da mão de obra no trabalho turístico.

Como resposta à essa questão, o Fórum de Comunidades Tradicionais foi criado em 2007 para somar forças para o enfrentamento dessas questões colocadas acima, na garantia de direitos básicos e de identidade. Além disso, a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, que conta com fóruns regionais para sua implementação. O planejamento estratégico do Fórum foi realizado com apoio da equipe da Fiocruz, integrante atual do Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina - OTSS.

VALE DO PARAÍBA

A região do Vale do Paraíba compreende um espaço ocupado por fazendas de café de oligarcas, vasto desmatamento da mata atlântica, o que contribuiu para o declínio da produtividade pelo exaurimento do solo, não podendo mais ser competitivo com outras regiões. Aos poucos a atividade foi sendo substituída por pasto, gerando esvaziamento do local. A partir da década de 40 foi fomentado o desenvolvimento industrial nesta região. Hoje o ecoturismo é uma das principais atividades, fomentada pela burguesia que ascendeu com o declínio da oligarquia cafeeira, comprando suas fazendas (ALENTEJANO, 2005).

A experiência do assentamento Roseli Nunes, em Pirai/RJ é uma das expressões da agroecologia nesse território tão degradado. A partir do estudo e planejamento coletivo, os grupos de estudantes da UFRRJ, com enfoque nos sistemas agroflorestais de produção a partir do método de planejamento para o desenvolvimento sustentável, pelo Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental, do INCRA.

REGIÃO METROPOLITANA

Uma das complexidades, paradoxos surgidos a partir do processo de metropolização é a existência e resistência, nesse mesmo espaço, de experiências agroecológicas, tanto camponesas, denúncias quanto o desordenamento na ocupação do espaço, resistência cultural da agricultura urbana, construção do conhecimento agroecológico em diversos lugares.

Uma das experiências, premiada inclusive, é a “Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu” da EMATER-RIO, que resgata a história das lutas pela terra, trabalhando temas como ocupação e organização fundiária vividas pelas famílias da baixada fluminense, tecendo parcerias com outras entidades para o desenvolvimento do projeto metodológico-pedagógico, além de fortalecer as feiras municipais da agricultura familiar a partir da comercialização direta de produtos nos municípios incluídos. Outra experiência é a da Rede de Agricultura Urbana que registra a existência e resistência dos quintais “de quem ainda não desistiu do verde”. O Verdejar concilia a violência urbana e a preservação ambiental na Serra da Misericórdia, no Complexo do Alemão.

Existem também grupos de estudantes universitários que se articulam para apreender a realidade fora da sala de aula, a partir de grupo de estudos, vivências, encontros pela Rede Grupos de Agroecologia (REGA). No caso da metropolitana Rio de Janeiro, se organizam pelo GAE/UFRRJ, MÃE/UFF, Grupo Capim Limão /UFRJ, entre outros, sendo o Agrocrioulo/UENF da região norte.

REGIÃO SERRANA

Percorridos 200 anos desde a ocupação litorânea, a região serrana começou a ser ocupada, e, posteriormente, de maneira mais contundente por imigrantes (especialmente suíços e alemães), e pessoas escravizadas recém-libertas (ALENTEJANO, 2005). Esta região é formada por 14 municípios de diferentes realidades acerca da agricultura. Configurando um cinturão verde, a região serrana contribui no abastecimento do segundo maior centro de consumidor de alimentos do país.

A característica essencial da região serrana é abrigar complexos sistemas agroalimentares, aliando identidades camponesas à alta produtividade, em geral no sistema convencional de cultivo. As peculiaridades e instabilidades edafoclimáticas inerentes à sua formação geológica, ressaltando a tragédia de 2011, além da vulnerabilidade social dos trabalhadores rurais que atuam como meeiros e arrendatários, são questões que chamam a atenção.

Em contrapartida ao cenário de uso intensivo dos pacotes tecnológicos da revolução verde, é importante lembrar que o primeiro Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa – EBAA foi realizado em Petrópolis, em 1980, já destacando a região serrana no cenário da construção e socialização de práticas alternativas, com seus anúncios e denúncias, auxiliando a compreendermos os impactos das diferentes agriculturas nos agroecossistemas. Já em

Teresópolis é o espaço onde se desenvolveu o embrião fundador da ABIO - Associação dos Produtores Biológicos do Rio de Janeiro. Seu pioneirismo é evidente, uma vez que teceu debate sobre as Feiras Orgânicas e construiu parceria com estudantes pelos Grupos de Agricultura Ecológica. São ações que permanecem vivas nas dinâmicas da Associação Agroecológica de Teresópolis – AAT.

Na região de São Pedro da Serra e Lumiar, um território coberto por vegetação de Mata Atlântica, as vilas foram fundadas por imigrantes suíços e alemães em busca de se fixar na terra para cultivá-la. Este local se manteve em certo grau de isolamento até que em 1982, através do asfaltamento da estrada principal, a região passou a se desenvolver turisticamente.

A criação e implantação de Unidades de Conservação no Brasil, como já se descreveu no tópico “Costa Verde”, está associada ao surgimento de conflitos agrários devido ao entendimento dos gestores e do Estado embasado no “Mito Moderno da Natureza Intocada”.

A APA Macaé de Cima, inicialmente, teve sua atuação direcionada à fiscalização e punição dos agricultores em consequência da legislação ambiental, sendo um dos motivadores para abandono da atividade por parte dos agricultores e/ou da juventude rural. Por outro lado, novos movimentos políticos surgiram para fortalecimento da agricultura na região, como o Sindicato dos Agricultores Familiares de Nova Friburgo e a Associação dos Agricultores Familiares de São Pedro da Serra – AFASPS. A Casa de Saberes surge como uma experiência que busca fomentar a conciliação dos conflitos através da valorização da multifuncionalidade da agricultura, entendendo sua contribuição para a produção agrícola, mas também para a conservação dos recursos naturais e a permanência das famílias rurais no campo. Este diálogo é feito a partir projetos socioambientais, cursos, oficinas, rodas de conversas e vivências que estimulem práticas sustentáveis para o fomento da educação, cultura, agroecologia, bioconstrução e a economia solidária.

A partir de outra perspectiva, onde se dissolvem as dicotomias como mulher, homem/natureza, produção/conservação, é necessário que as UCs parem de priorizar a fiscalização e punição como forma de intervenção na realidade, e passem a se ver como parceiras, catalisadoras de projetos de desenvolvimento socioeconômico, cultural, e orientadora e educadora acerca das normas legais estabelecidas para proteção ambiental, bem como revisora e proponente de ajustes para as particularidades do território.

No município de Bom Jardim, na comunidade Santo Antônio, o Sobrado Cultural Rural é um equipamento cultural que conta com estruturas e atividades voltadas para fomento da leitura e acesso ao livro, através de atividades que estimulem a criatividade e produção

cultural, buscando preservar e valorizar o patrimônio cultural imaterial e material presente nos territórios rurais. Suas bandeiras são a Cultura e Educação do Campo. Uma das estratégias de articulação e fortalecimento dessa e de outras iniciativas foi a implantação da Rede Nacional de Pontos de Cultura e Memória Rurais, que buscam pautar políticas de cultura a fim de valorizar e reconhecer a realidade no campo, uma vez que as escolas na zona rural guardam sua singularidade e importância na construção e reprodução deste espaço.

REGIÃO NORTE

A decadência da agroindústria canavieira do estado do Rio de Janeiro, que se agravou nos anos 90, permitiu o aumento das famílias assentadas na região de Campos dos Goytacazes. Terra dos bravios índios Goitacás, e de outros povos como os Temiminós, os Puris, os Coropós, os Guanhães. A topografia da região se dá a partir de três divisões principais: a cordilheira, o tabuleiro e a planície, sendo formada pela influência direta dos ciclos de inundação do rio Paraíba do Sul. Muitos dos povos e comunidades originários dessa região teceram seus aprendizados junto à natureza, tanto sobre a agricultura, quanto sobre a pesca artesanal.

Na região da Tapera, na serra do Imbé, os trabalhadores da Usina Novo Horizonte conquistaram o primeiro latifúndio para que se sucedesse o processo da reforma agrária, na década de 80. Alguns dos assentamentos existentes na região são Che Guevara, Zumbi dos Palmares, Dandara e conta com algumas experiências de agroecossistemas construídos com base na agroecologia. Na Barra do Açu, cometeu-se um dos maiores crimes ambientais cometido pela lógica do PAC do governo federal, onde a construção do Porto do Açu destruiu plantações, vidas, salinizou solos, com a pretensão de fortalecer-se no mercado mundial de minérios, que agora está em crise. A Associação dos Geógrafos do Brasil - AGB, seção Rio-Niterói, tem, junto às comunidades, auxiliado a dar continuidade à essa denúncia, ainda que sob críticas das empresas, as quais são apoiadas pela força do Estado.

Um dos desafios enfrentados pela região é a questão do latifúndio e da monocultura. Uma das experiências que tratam dessa questão é a “Escolinha de Agroecologia”, onde os agentes da CPT reconstróem o conhecimento de forma participativa, fortalecendo a reforma agrária e os agricultores familiares da região. Os participantes da escolinha, contanto, são agricultores que seguem na lógica do sistema convencional de produção, com mecanização, agrotóxicos e fertilizantes sintéticos, e só não intensificam mais por conta do custo alto que a

produção alcançaria. Um dos valores das escolinhas é auxiliar o trabalhador rural o apoiando com o início do processo autônomo de tomada de decisão.

REGIÃO SERRAMAR

A região Serramar tem como caracterização uma “desnaturalização” devido à retificação do rio São João e Macaé, obras de drenagem para destinação de área para plantio e pastagem, reduzindo os brejos e pantanais; das salinas de Saquarema a Cabo Frio. A região se caracteriza a partir, também, da construção da ponte Rio-Niterói, gerando o aumento da especulação imobiliária, já que este caminho encurtou a distância para “a segunda morada”. Houve uma parcial retomada da terra a partir de Projetos de Assentamentos de Reforma Agrária, para citar alguns, Aldeia Velha, Imbuuro, Cambucaes, Sebastião Lan, Visconde.

O trabalho inicial da articulação de agroecologia Serramar, em 2004, foi feito basicamente com essas famílias assentadas, somadas a outros agricultores familiares, através da troca de experiências na formação teoria e prática sobre o manejo agroflorestal, uma vez que estas famílias estavam próximas a remanescentes da Mata Atlântica. Por meio de uma metodologia autêntica, participativa, interinstitucional, enfocou-se a possibilidade de convivência entre o social e o ambiental, numa integração de agricultores e técnicos.

A atuação da articulação Serramar começou a abranger toda região chamada “Baixada Litorânea, na busca de identificação de novas experiências de resistência cultural ao processo de ocupação do espaço embasado na degradação ambiental, resultantes de megaprojetos de interesse do grande capital.

Algumas das experiências são as sementes crioulas de Tapinoã, a emancipação do Assentamento de Aldeia Velha, a Casa de Sementes Livres provinda da Escola da Mata Atlântica, incorporação dos mecanismos de Pagamento por Serviços Ambientais por iniciativas como Fundo Socioambiental de Boas Práticas em Microbacias – FUNBOAS.

Além da questão fundiária e de convivências com Unidades de Conservação, a questão da influência da gestão política municipal na caracterização de um espaço são notadas no caso de Casimiro de Abreu. Durante três mandatos, a cidade teve a experiência de uma gestão “pró-agroecologia”. Isso se desdobrou em ações concretas de extensão e comunicação de base agroecológica como “Jovem agricultor orgânico”, o “Jovem paisagista rural”, o “Sítio agrícola” com suas áreas agroecológicas, ligadas a uma Escola Rural, com disponibilidade de técnicos de ATER para atuar exclusivamente neste trabalho.

Após esse período, a gestão conseguinte, pró-agronegócio, além de realizar um desmonte de todas as ações para descaracterizar e não dar sequência ao governo anterior fomentou a lógica da produção convencional. Neste cenário, Casimiro de Abreu se destacou no noticiário nacional pelo crescimento acentuado de intoxicações agudas e morte causada por agrotóxicos.

Entendidas algumas peculiaridades, caracterizações, ocupação do espaço, resistências, experiências, desafios, de algumas das regiões de atuação da AARJ no território fluminense, a partir da leitura de seus documentos “Caminhos Agroecológicos do Rio” e “Caderno do Participante da Caravana do RJ”, entenderemos agora qual foi a configuração adotada das Caravanas no projeto Comboio Agroecológico Sudeste, para então verificarmos como se deu a experiência da utilização dessa metodologia nos territórios descritos acima, com enfoque na região Serramar, mais específico, Casimiro de Abreu.

4.6 Análise do conteúdo e discussão

A seguir, trabalho com algumas categorias de análise de conteúdo. Após a análise das entrevistas, descrição densa, relatórios de reunião, observações do coletivo, pude perceber que essas categorias aparecem nas temporalidades antes, durante e depois da caravana. As categorias são quatro, a saber, i) Organização e participação; ii) Diversidade de prioridades e diversidade de agendas; iii) Poder, conhecimento e organicidade; iv) Diálogo de saberes e aproximações.

4.6.1. Organização e participação

ANTES - CONSTRUÇÃO DO EDITAL E DO PROJETO COMBOIO E AMBIENTES

Raewyn Connell (2012) nos dá algumas pistas de possibilidades para as ciências sociais pensadas e desenvolvidas a partir do sul, que estendo para agroecologia enquanto ciência, para cumprir outro papel, que não o atual que é servir ao neoliberalismo como pesquisa de mercado ou para descobrir como gerenciar as falhas do mercado (os marginalizados por ele). Para ela, essa nova possibilidade se baseia em:

Dar voz aos marginalizados, criticar estruturas de poder e circular ideias sobre novas possibilidades sociais, como fazem, por exemplo os sociólogos da sociologia da educação, pesquisa socialmente engajada. “Se uma democracia ativa e participativa deve ser desenvolvida, o conhecimento

científico-social é necessário, e é mesmo um componente chave para o autoconhecimento da sociedade” (CONNELL, 2012, p.16).

A caravana cumpre e não cumpre, ao mesmo tempo, várias dessas possibilidades em diferentes temporalidades e escalas. O edital que foi acessado pelos núcleos e pelas redes de núcleos foi construído em um espaço de participação social junto ao governo federal e por entidades das mais variadas que participam das redes de agroecologia. O edital trouxe não só a possibilidade, como em uma das linhas, a necessidade de construção da inovação tecnológica de base agroecológica (CNPq, 2013). A Caravana agroecológica e cultural, no caso do RNEA “Comboio”, foi apresentada como inovação metodológica.

A construção coletiva do edital, a partir da CNAPO, é um resultado interessante, feito a partir do esforço de muitas mãos. Por exemplo, o entendimento que o público beneficiário fosse diversificado, mostra que desde o Edital os construtores se preocuparam em garantir o diálogo de saberes, e a ideia de formação continuada, principalmente de professores e pesquisadores, que geralmente são os que oferecem formação, e não os que participam dela de forma horizontal.

Para os construtores do edital, o entendimento de público beneficiário foi i) estudantes do ensino técnico, tecnológico e superior; ii) agricultores familiares, nos termos da Lei de Agricultura Familiar (Lei no 11.326, de 24 de julho de 2006); iii) pescadores e aquicultores, nos termos da Lei da Pesca (Lei no 11.959, de 29 de junho de 2009); iv) agricultores e produtores em transição agroecológica ou envolvidos com a produção orgânica ou de base agroecológica; v) professores, pesquisadores e agentes de assistência técnica e extensão rural (ATER) (CNPq, 2013).

Após lançado o Edital pelo CNPq, algumas pessoas no Rio de Janeiro começaram a se articular e construir o que se tornaria o projeto “Ambientes de Interação Agroecológica: Ensino, Pesquisa e Expressões da Agroecologia no Rio de Janeiro”. Sobre a construção do projeto, uma das entrevistadas apontou a importância de refletir sobre esse processo, sobre as lacunas a partir de seu ponto de vista.

“Foi uma loucura, dividimos mal o tempo, não contou com a agenda do projeto, e as agendas dos projetos das instituições, do RJ, e da região metropolitana, AS-PTA, eram dois grandes projetos, que mobilizaram muito os grupos de agricultores, fora as agendas políticas. Então se escreveu, não se levou em consideração as agendas das instituições, e eram os mesmos grupos de agricultores. Houve pouco reforço nas agendas institucionais, e as instituições pouco reforçaram financeiramente (se a gente já sabe de projeto que vão se sobrepor, porque era a mesma pessoa que estava construindo os

projetos simultaneamente), o que acontece? Na hora de executar – cada instituição pública, privada, ONG foca nas suas agendas. Num determinado momento o compromisso acontece de convergir as atividades, mas na prática não acontece, inclusive de protagonismo da atividade. 1) excesso de agenda, 2) construção dos projetos com as mesmas instituições em diálogo, não levam em consideração a agenda de cada separadamente; 3) na prática interação com um custo menor do que deveria (Comboio bastante burocrático; ONG tem flexibilidade –com rigidez e seriedade – maior, em relação a compra de alimentos, por exemplo) 4) era um projeto construído pela AARJ, mas, ainda que tivessem os bolsistas, eles estavam muito ligados à AS-PTA ou a rural/EMBRAPA. Eles não eram bolsistas da AARJ, ainda que fossem. Ainda que muitas ações alimentassem a AARJ na prática. Na hora de executar as atividades tem os protagonistas, a proposta como teia, rede. Nas atividades específicas o protagonismo era especialmente da instituição, isso aconteceu muito, os bolsistas ficavam muito na rural, ficavam muito na AS-PTA fazendo diversas atividades; essa representação de uma teia ficou a desejar.” (Entrevistada 03, extensionista da AS-PTA, 08/04/17).

Não só a atuação como a escolha dos bolsistas apareceu como uma questão importante de ser problematizada. Houve, pelo projeto Ambientes de Interação Agroecológica (NIA-UFRRJ/AARJ), um bolsista graduado para cada região para articular no nível regional, nos territórios da AARJ: Serramar, Metropolitana, Norte e Costa Verde. “Se o projeto era estadual, ele devia ter envolvido o pessoal que estava tocando aqui na AASM. O pessoal já estava chateado, esse pessoal nem participou da caravana.” (Entrevistado7, extensionista Centro Tiê de Agroecologia, 20/03/15).

Parte do coletivo não reconhece na executiva atual da AARJ uma afinidade entre o trabalho executivo e o diálogo com os territórios, como será visto no tópico “3.4.3. Poder, conhecimento e organicidade”. A escolha dos bolsistas que mobilizariam e conduziriam o projeto foi feita pelo grupo executivo que não necessariamente dialogou com todos os territórios, em sua pluralidade de entendimentos e atuações e dinamicidade de processos. Por exemplo, a minha escolha como articuladora estadual do Rio de Janeiro, como bolsista do projeto Comboio Agroecológico Sudeste. Tinha acabado de sair de Maringá no Paraná (3 meses), não tinha noção de agroecologia, de Rio de Janeiro, de AARJ, de processos coletivos, e recebi a incumbência de articular o estado com o Sudeste, os territórios com as coordenações executivas, entre outras. Por um lado foi uma escolha deslocada do contexto da agroecologia no Rio de Janeiro, por outro, como as coisas são vivas, estou aqui dissertando sobre o processo todo.

ANTES - CONSTRUÇÃO DA CARAVANA

Reuniões:

A construção da caravana agroecológica e cultural do Rio de Janeiro foi feita em diversos espaços, reuniões executivas, reuniões ampliadas, por diversas pessoas, instituições. A primeira vez que o estado se reuniu para tratar desse tema, entre outros assuntos, foi no Curso de Planejamento e Formação de Rede, realizado em Seropédica (RJ), de 24 a 26 de abril de 2014. Primeiramente foram socializadas as agendas em execução e experiências dos coletivos presentes, que era o Centro Vocacional Tecnológico em Agroecologia e Produção Orgânica do Estado do Rio de Janeiro (CVT), Núcleo Interdisciplinar em Agroecologia UFRRJ (NEA), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Mutirão de Agricultura Ecológica (MÃE/UFF) e Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ), por meio dos bolsistas selecionados e professores participantes do Comboio Agroecológico Sudeste. A partir de então, as sugestões de rotas começaram a surgir, por exemplo, aproveitar a Caravana para articular regiões que não estão inseridas na Articulação de Agroecologia do RJ, a exemplo do médio paraíba, e da região serrana (RELATÓRIO DO CURSO, 2014).

Em outubro de 2014 (28) houve a reunião estadual do comboio, para dialogar e continuar encaminhando coletivamente as atividades previstas nos projetos do NIA-UFRRJ em articulação com o Comboio Agroecológico Sudeste. Sobre as caravanas, foi tirada a época e o local de culminância, que seria primeira quinzena de setembro na metropolitana, mais especificamente em Itaboraí, nas instalações dos parceiros do MÃE/UFF. Além disso, o processo de definir as rotas continuou, elas regiões da Metropolitana, Serrana e Serramar. O ato público seria na região serrana para denunciar o uso indiscriminado de agrotóxicos na região.

A conjuntura mudou: alguns parceiros que estavam construindo se afastaram por diversos motivos, como questões de saúde e diversidade de prioridades de agenda, não podendo mais permanecer a configuração que foi decidida em plenária, e outros projetos se somaram ao processo. As opções estavam novamente em aberto. Em 24 de fevereiro de 2015, ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, no Mendanha, a oficina sobre as Caravanas previstas por três projetos distintos, com diferentes enfoques.

Haviam as seguintes atividades previstas, a Caravana Agroecológica e Cultural i) do “*Comboio Agroecológico Sudeste*”, da articulação RNEA-UFV, NIA-UFRRJ e AARJ, que tinha como objetivo evidenciar os anúncios e denúncias para a agroecologia dos territórios dos estados do Sudeste; ii) do “*Promovendo Agroecologia em Rede*” da ANA, que tinha como objetivo o enfoque territorial na metropolitana e a experiência da Agricultura Urbana,

seguindo o arranjo metodológico Oficinas territoriais + Caravanas Agroecológicas e Cultural + Sistematização + Seminários Regionais; iii) e do “*Plano Nacional de Inovação*” da Embrapa Agrobiologia, que tinham três rotas previstas para o Rio de Janeiro, recurso acessado por uma das integrantes da coordenação pedagógica do projeto “*Ambientes de Interação Agroecológica*”(RELATÓRIO DA OFICINA, 2015). A primeira data tirada para o acontecimento da Caravana do Rio de Janeiro do projeto Comboio foi de 11 a 15 de setembro de 2015, sem ter clareza de como confluir essas iniciativas.

Essas três caravanas que surgiram simultaneamente como oportunidade para o estado do Rio de Janeiro realizar têm relação com a diversidade de instituições que estão em diálogo com a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro, ainda que alguns técnicos que circulam nesses espaços de negociação, buscando projetos ou atividades previstas em projetos aprovados, sejam os mesmos.

Para dar prosseguimento à tentativa de unir as agendas e à preparação dos territórios para execução da(s) caravana(s), foi realizada outra oficina de caravana agroecológica e cultural em Tapinoã (RJ). O coletivo ali presente entendeu que, apesar de ser uma oportunidade de somar esforços e integrar recursos, as caravanas tinham propostas e enfoques distintos, portanto era melhor realizá-las em separado. Para que isso pudesse acontecer, a Caravana Agroecológica e Cultural do “*Comboio Agroecológico Sudeste*” precisou ser antecipada para 19 a 23 de agosto de 2015, com a culminância na região Serramar (RELATÓRIO OFICINA, 2015).

Para todas as reuniões ampliadas, eram convidados os atores de todas as regionais da AARJ, para que estas antenas já pudessem ir animando o processo de construção da caravana no seu território, como definição de experiências, logística e infraestrutura para receber a rota, indicação de nomes para compor a delegação, entre outros.

Em agosto, no dia 1º, a coordenação do projeto “Comboio” junto com “Ambientes” apostou em adiar a construção da Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro, para garantir maior tempo para preparação e mobilização. O mês proposto foi novembro, tendo em vista que entre o final de setembro e o início de outubro aconteceria o IX Congresso Brasileiro de Agroecologia em Belém, e no final de outubro aconteceria o Encontro Nacional de Agricultura Urbana na região metropolitana do Rio de Janeiro (MENSAGEM ELETRÔNICA, 2015).

Após essa redefinição, as reuniões de organização da Caravana ocorreram quinzenalmente entre agosto e outubro, e todas as semanas em novembro, na Serramar

(CABRAL, 2016). As demais regionais seguiram suas próprias dinâmicas, ora aproveitando a agenda já existente dos coletivos locais para tratar da caravana como um ponto de pauta, ora realizando um encontro específico para tratar desta atividade. As reuniões que acompanhamos foram as realizadas na culminância, na região Serramar, em Casimiro de Abreu.

As convocações das reuniões e oficinas eram realizadas com dinâmicas diferentes. Inicialmente eram convocados os parceiros do projeto “Ambientes de Interação Agroecológica”, pelo entendimento da coordenação executiva e pedagógica. Conforme o território onde as atividades seriam realizadas alterava, os critérios das convocações descentralizavam, para que o local pudesse estar representado nas atividades que sediava.

Após algumas reuniões serem realizadas na Associação Mico Leão Dourado, Escola Estadual de Casimiro de Abreu, outras aconteceram na casa da agricultora Dona Leia, localizada no assentamento Visconde, com o café da tarde produzido em sua cozinha agroecológica, aproveitando o momento da reunião para valorizar a produção da agricultora, que se engajou na construção da Caravana, como sua vizinha descreveu:

“Fiquei sabendo da Caravana pela Léia. A Caravana tinha o caminho certo de almoçar na casa dela, era o ponto importante, mesmo sendo humilde, é por causa do carinho. Ela ia a pé na casa das pessoas para falar das coisas, não tinha vergonha de pedir. [...] Falta de condução, era ruim para chegar na reunião” (ENTREVISTADA 10, Agricultora, 21/03).

A realização das reuniões ser itinerante favorece a participação dos agricultores por conta de facilitar o acesso. Quando a reunião acontece dentro do seu próprio assentamento, fica mais fácil de chegar.

Nesta categoria, temos uma série de questões apresentadas pelo coletivo que são importantes de serem trazidas. Uma delas é a questão das angústias da Serramar na primeira reunião ampliada realizada após o adiamento da caravana.

“Não adianta fazer o ato para pessoas de fora daqui só – o grande desafio é juntar com o pessoal da região, de quem atua aqui. Caravana – os caravaneiros – para dentro fortalece agora, daqui pra fora o movimento aqui tá fraco, a gente precisa atuar mais localmente, mais firmemente tem as experiências de agroecologia mas esta desarticulado. Não faz sentido fazer algo estadual/nacional se está desarticulado o local. Antes tinha o apoio, estava articulado. A semente que a caravana vai plantar – é o maior desafio – pra além das questões da infra da atividade” (Extensionista da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Reunião de Construção na Associação Mico Leão do dia 10/09/15)

“A escolinha era um momento onde se encontrava, partilhava. A caravana, ela traz esse ânimo, serve para fortalecer. A região está assumindo isso ou não? A região para com o coletivo? Chegar junto com a região, o que a região está demandando?” (Bolsista do Ambientes da região Norte, Reunião de Construção na Associação Mico Leão do dia 10/09/15).

“Os processos são coletivos, é para renovar, tem gente de Viçosa, a Caravana é de todos, não só da culminância. Reconhecer que as debilidades não são privilégios da Serramar” (Bolsista do Ambientes da região Serramar, Reunião de Construção na Associação Mico Leão do dia 10/09/15)

“As angústias a gente coloca no local, só de colocar isso na conversa já é um efeito da caravana. É um momento da gente. O que angustia são as coisas estruturais. Leva como encaminhamento: como vocês aqui no espaço ajudam na articulação do local?” (Bolsista do Comboio de Viçosa, Reunião de Construção na Associação Mico Leão do dia 10/09/15)

Na hora de operacionalizar as decisões tomadas coletivamente, houve duas percepções sobre a noção e a clareza do processo, dos objetivos, enfim, da realização da Caravana.

“Em um processo coletivo, cada ator desempenha uma função específica e clara para o conjunto da organização, assim pode-se dizer que a organização da Caravana RJ foi um processo que contribuiu para a construção do conhecimento, pois ela estimulou a horizontalidade das tarefas e da forma de participação dos diferentes sujeitos.” (CABRAL, 2016, p.20).

“O esforço coletivo e a dificuldade é causada pelo mesmo motivo de antes – as pessoas conhecem aqui, mas o projeto não veio daqui. Por isso temos que explicar toda as reuniões o que é a caravana, por mais boas intenções que existam.” (Extensionista do Centro Tiê, Reunião de construção no Assentamento Visconde do dia 14/10/15).

Além dessas falas ressaltadas, feitas a partir de diferentes olhares de pessoas distintas, precisamos trazer outros elementos para complementar a discussão. Percebemos que durante as primeiras reuniões, após a remarcação realizada (transferida a caravana de agosto para novembro), o entendimento sobre em qual estágio a organização da caravana estava era muito diverso. Isso é bem claro e lógico para quem tivesse acabado de chegar no processo, mas mesmo algumas pessoas que estavam desde as primeiras reuniões, em 2014, tinham essa percepção divergente. Em suma, parecia que a questão da percepção da necessidade das atividades de mobilização serem concretizadas nas regionais, e quais eram essas atividades, eram bem distintas para as pessoas. Para uns, em agosto, a caravana já estava sendo construída, o caderno do participante estava sendo formulado, alguns agricultores reformando sua casa para receber a rota, para outros, a noção da temporalidade estava no processo de tentar entender como articulava a região para realizar a caravana, gerando angústias. Um dos

motivadores deste cenário talvez seja o processo descrito em seguida por um dos entrevistados.

“Importante resgatar a reunião na AS-PTA– na FASE – 2014 quando o dois membros do grupo executivo trouxeram a informação que foram contratados dois projetos – Ambientes de Interação Agroecológica/NIA e outro projeto da agroecologia para trabalhar com as sistematizações de experiências. Isso a AARJ estava um tempo sem se reunir, início de ano, chegando essas informações sobre as quais eu tinha muitas dúvidas ainda. Nesse contexto minha leitura foi que um grupo destacado do rio construiu um projeto aprovou o recurso, mas rolou uma distância da base, do movimento pela AARJ, e isso chegou como de cima pra baixo e a gente teve dificuldade de compreender as dinâmicas das articulações regionais com a oportunidade dos projetos que foram conquistados, rolou um tempo, um “dalay”, uma distância entre compreender entre um certo grupo da AARJ, olhando pro interesse da AARJ, esse grupo se destacou, juntou com o Sudeste, até da ANA, mas quando retornou – momento de fraqueza que as articulações regionais estavam vivendo. Já tinham ocorrido alguns conflitos com relação ao ECOFORTE com a Serramar, já tinham dado desgastes, e aí chega mais essa oportunidade do projeto nesse momento. Isso pesou um pouco pra dificultar quem estava apresentando o projeto pra executar a ação porque teve reação, e ao mesmo tempo outros atores estavam sendo mobilizados pra dar conta dessa execução. Quando é que o NIA passa a ter um papel de carro chefe, nem sempre foi assim – quando a gente fez 2006 o IENA, e aprova o projeto pela UFF com a professora de lá, ali era os atores da UFF, professor de geografia agrária, Caminhos do Rio, a gente tinha um conjunto de atores andando, construindo, dialogando, levantando as informações, desdobrando as articulações regionais, com as dinâmicas próprias, com seus protagonistas, CPT – homeopatia de viçosa... Aqueles atores que foram importante na onda anterior não compreenderam o que colava com a anterior, teve uma reação até de tentar compreender que antes estava tão bacana e agora tá parado” (Entrevistado 2, Extensionista CEDRO, 05/04/17)

Com esses diversos entendimentos acerca do mesmo processo, podemos verificar que as coisas são complexas, dinâmicas, paradoxais, contraditórias e podem ou não ser transformadas e ressignificadas. Qual é o limite operativo do diálogo? Construir projetos e atividades e depois informar a um território que tem uma ou mais atividades previstas para este executar? Demandar recursos e oportunidades e, quando são construídas ou conquistadas em escalas diferentes das locais, não reconhecer o esforço ou a legitimidade dos articuladores? Houve várias percepções acerca deste processo: algumas pessoas fizeram a leitura que sim, parte dos formuladores de projetos tinha a legitimidade de falar pelo território, uma vez que alguns deles atuaram na região por algum tempo na sua trajetória profissional. Já outras fizeram a leitura de que não, não tinham a legitimidade de delegar essa tarefa sem construí-la com a região previamente. Destas últimas, algumas, participaram

ativamente na construção da caravana, outras apenas participaram de longe, com alguns auxílios pontuais, ou não se envolveram.

Qual construção do diálogo que o coletivo precisa buscar para que haja menor ruído possível, para que não se gaste tanta energia entendendo um processo, uma atividade, uma meta que foi pensada por um grupo “articulador” para um grupo “administrativo” ajudar a executar, ou executar “sozinho”. Por outro lado, qual abertura para o novo e para o outro que precisamos desenvolver para não rejeitar as coisas que vem “de fora”, sem analisar empaticamente a proposta, olhando a proposta com as cristalizações acerca das instituições e pessoas.

Sobre a sobrecarga de agendas como um cenário concreto em 2015, algumas coisas foram pontuadas para auxiliar na questão operativa desse assunto.

“Existe uma agenda intensa de atividades na linha de fortalecer as Articulações de Agroecologia; tanto os choques de agenda, quanto as incompatibilidades de data, têm de ser administradas nessas dinâmicas coletivas.” (Entrevistado 2, Extensionista CEDRO, 05/04/17).

Estamos um momento histórico que não dá pra ficar com reunião – estamos todos lascados de agenda, temos que aprender a trabalhar com grupo de trabalhos (Conversa informal do dia 10/09/15)

Como tentativa de solucionar essa questão, sete grupos de trabalho foram construídos: comissão de estrutura; comissão de metodologia; comissão de finanças; comissão de comunicação; comissão de secretária; comissão de cultura e animação; e, comissão de ato público.³A interação dos grupos de trabalho se davam tanto nas reuniões, onde pelo menos um representante estava presente, quanto por outros meios de comunicação, uma vez que algumas tarefas de um grupo de trabalho poderiam estar atreladas diretamente à de outro (CABRAL, 2016).

Em relação aos participantes que vinham de outros estados para participar da Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro, foi feita uma aposta pelo coletivo que estava construindo para fomentar a participação e sentimento de pertencimento do processo. A participação ampla, compromissada autogestionada é desejada por muitas pessoas que constroem a agroecologia. E por meio de distribuição de tarefas durante as rotas e as culminâncias, buscou-se construir essa descentralização e engajamento. Esse esforço era feito

³ Para aprofundar na descrição das comissões e seus objetivos, ver Cabral (2016).

por quem construiu as caravanas para pessoas que compunham as delegações e rotas, que porventura não tenham participado como construtor das caravanas e atividades.

Nesse esforço de instigar a participação ativa e não de turista que passeia pelos territórios, ou coadjuvante, eram propostas tarefas como i) relatoria por escrita, fotográfica/audiovisual, gráfica, compartilhamento de informações nas redes sociais da internet com *hashtags*; ii) harmonizar o espaço (limpeza, organização); iii) chamada para ajudar a cuidar dos horários do grupo como alvoreada, almoço, janta. Na culminância, foram acrescentadas à essas tarefas as de iv) ciranda para ajudar no cuidado com as crianças; v) cozinha para auxiliar no preparo e reposição de alimentos; vi) horta para trabalhar nas hortas do colégio. A tarefa foi delegada por cores, que foram distribuídas na culminância em forma de fitinhas de colocar no braço, aleatoriamente, para também estimular a troca de experiências entre rotas e atores.

Outra preocupação das pessoas que estavam organizando a caravana era a questão de escolher um local “neutro” para acolher os participantes das rotas, durante a culminância em Casimiro de Abreu, onde se realizar as instalações artísticas e pedagógicas e o seminário estadual. No início foi pensada a escola agrícola, só que como era mais afastada ia passar despercebido pelos consumidores. Então houve a oportunidade de ser na Escola Estadual de Casimiro de Abreu, onde o diretor comprou a ideia da Caravana, implicando na mudança de rotina da escola, sendo necessária autorização em nível de estado. “O problema maior era a quantidade professores que não queriam nem saber o que estava acontecendo lá dentro, saiu da rotina lá dentro não queria nem saber, estava preocupado em saber se seria dia de folga ou não.” (Entrevistado 7, Extensionista Centro Tiê, 20/03/17). Apenas um professor viu uma oportunidade de diálogo com sua disciplina, e trabalhou assuntos tangentes à agroecologia durante suas aulas de geografia, antes do acontecimento da caravana.

DURANTE – ACONTECIMENTO DA CARAVANA

As rotas definidas foram: i) Costa Verde – rota 01 – que recebeu São Paulo, tendo como eixo temático Unidades de Conservação e Comunidades Tradicionais, passando por Ubatuba (SP), Paraty, Angra dos Reis e Casimiro de Abreu; ii) Norte Fluminense – rota 02 – que acolheu as pessoas vindas do Espírito Santo, passando por São João da Barra, Campos dos Goytacazes, Rio das Ostras e Casimiro de Abreu, onde o tema principal era a disputa pelas terras, o impacto dos grandes projetos de desenvolvimento, e experiências agroecológicas desenvolvidas por mulheres; iii) Região Serrana do Rio – rotas 03 e 04 – que

recepcionou os caravaneiros de Minas Gerais, que passaram por Teresópolis, São Pedro da Serra e Lumiar (rota 03), e Bom Jardim, Silva Jardim (rota 04). Ambas convergiram em Lumiar, Nova Friburgo.⁴

No dia da convergência na Serramar, a rota 01 (Costa Verde) foi direto para Casimiro devido ao tempo de deslocamento, a rota 02 (Norte) visitou o Assentamento Cantagalo na Enseada das Gaivotas em Rio das Ostras e a experiência da feira orgânica na mesma cidade, a rota 03 (Serrana) foi para Aldeia Velha conhecer a experiência da Escola da Mata Atlântica, e a rota 04 (Serrana) foi para Casimiro de Abreu, conhecer duas experiências no Assentamento Visconde. Segundo Cabral (2016), as experiências foram escolhidas por representarem as pluralidade e polissemias da agroecologia no estado, além dos diversos conflitos existentes que a envolve.

Para Cabral (2016, p. 29),

“As atividades realizadas em cada rota buscaram identificar a realidade do território a partir das vozes dos próprios sujeitos sociais neles inseridos. Lançando mão de rodas de conversas, de debates e de atividades práticas foi possível promover a troca entre os saberes e fortalecimento das redes, mostrando que a agroecologia no Rio de Janeiro, existe, resiste e alimenta.”

Depois de percorrer os demais territórios, visitar as experiências na região Serramar, as rotas se encontraram no Colégio Estadual de Casimiro de Abreu, na culminância da Caravana do Rio de Janeiro.

A caravana precisa de uma socialização final – e qual é a metodologia pra socializar e sintetizar? A culminância não é só socialização, mas é momento de síntese, mesmo se tivesse uma única rota precisaria de síntese. E como vai fazer isso usando uma ferramenta verticalizada? A gente precisa de ferramentas que dê conta do diálogo de saberes mais horizontalizado, por exemplo, os atos são ferramentas, pode ser caminhada, mas pode ser almoço que é síntese e socialização, e continuar a construção do conhecimento agroecológico. (Entrevistada 14, professora e coordenadora do comboio, 12/04/17).

As rotas da Caravana Agroecológica se encontraram em Casimiro de Abreu, Região Serra Mar do estado, para a culminância das experiência e troca de saberes. O município foi escolhido como ponto de encontro das rotas por estar situado em uma região de grandes projetos e intensificação do uso de agrotóxicos. Ao mesmo tempo, trata-se de uma região com ricas experiências agroecológicas de resistência, de valorização da biodiversidade e de resgate da cultura popular (CABRAL, 2016, p.29)

⁴ Para aprofundamento sobre as experiências visitadas, suas características, anúncios e denúncias, ver Cabral (2016).

Seguindo as partes que compõe uma caravana, no dia seguinte da chegada das rotas, o dia se inicia com a montagem das instalações artísticas e pedagógicas e carrossel. Depois das instalações, carrossel, tivemos o seminário estadual. A caravana se propôs a ser um instrumento de pesquisa pois questionou em seu mote e convidou aos participantes a responderem juntos através de suas observações se “existe agricultura no Rio de Janeiro?”

O seminário estadual foi organizado para responder de forma coletiva à pergunta “existe agricultura no Rio de Janeiro?”, e a síntese é que ela “existe, resiste e alimenta”, fazendo menção as noções de existência, resistência e r-existência trabalhadas por Porto-Gonçalves (2006). A noção de resistência significa reação a uma ação anterior, um reflexo. A r-existência é uma forma de existência numa matriz de racionalidade que age, e reage (como a resistência), em dadas circunstancias a partir de seu lugar próprio, seja geográfico ou epistêmico (PORTO-GONÇALVES, 2006).

Cada uma dessas respostas-sínteses foi o eixo que organizou o seminário estadual. Para cada eixo (existe, resiste e alimenta) foram convidados pesquisadores, agricultores, técnicos e gestores para falar sobre o assunto e, concomitantemente, os demais participantes da caravana que estavam dispostos em círculo, respondiam a questões geradoras como “existe onde?”, “resiste como?”, “alimenta de quê?” através de tarjetas com respostas sintéticas, afixadas em seguida num mural para que todos pudessem ver e analisar.

Para o diretor, o funcionamento do grupo era impressionante. “Ninguém manda, ninguém obedece e tudo funciona”. Houve um acontecimento que ele não liberou a entrada dos alunos do seu colégio para não “atrapalhar” o coletivo do comboio agroecológico Sudeste na caravana, pois entendeu que deixar os estudantes entrar iria tumultuar, iria deixar com muita gente.

Já na percepção do professor da escola, era indispensável para os alunos poder participar, já que a caravana foi trabalhada em aula durante algumas semanas, assuntos como reforma agrária, agrotóxicos, entre outros. E esses alunos continuariam o aprendizado participando do espaço. Para que os alunos possam ter autonomia, pró atividade, é necessário que eles estejam empoderados, que creiam na capacidade deles de transformar o cotidiano. Depois da negociação eles puderam entrar, participaram das instalações artísticas e pedagógicas, fizeram uma roda só de jovens para conversar sobre a agroecologia e juventude, interagindo com os caravaneiros.

Sobre a aposta no engajamento das tarefas divididas entre os participantes, conforme descrito no item “antes”. O coletivo avaliou que distribuir tarefas tanto desde as rotas, quanto na culminância não foi satisfatório, em muitos casos, para promover o engajamento, por inúmeros fatores que não tenho condições de avaliar profundamente, citando alguns: falta de sentimento de pertencimento da construção, priorização de outros espaços e momentos, foco em outros processos que não o combinado inicialmente, que não permitiram que as pessoas fizessem o que foi acordado no início da rota, seja a entrega da relatoria escrita no final da caravana para um dos antenas, seja auxílio para limpar os banheiros, ou auxílio na cozinha.

Este aprendizado já foi incorporado na caravana seguinte do projeto comboio, a de São Paulo, onde na culminância, ao invés de fazer a divisão de tarefas por cores, misturando as rotas, foi feita por rotas, para que o antena ou bolsista de cada rota pudesse animar e facilitar o processo na hora de realizar as tarefas, pela facilidade de identificar as pessoas.

Quem vê de fora, que não está acostumado com processos coletivos, se vislumbra. Quem vê de dentro, alerta que muito ainda tem a se avançar. Contudo, é importante ressaltar um contraponto, que é a dificuldade de celebrar que o coletivo já se encontra num grau de engajamento e auto-organização diferenciado, ainda que o centro de gravidade da quantidade de tarefas flutue e pese sobre um ou outro grupo mais operacional, dependendo do momento.

A gente não participou de quase nada por conta da organização, quando entrei na instalação pedagógica estavam falando da questão de Casimiro. Não sofremos com isso, pra fazer acontecer tinha que ter um sacrifício. Pensando na caravana daqui, tentamos com que pelo menos os da feira pudessem ir pra lá [colégio estadual] para a parte da tarde no seminário, a gente pediu se eles pudessem almoçar lá dentro. Mas não teve agricultor no seminário, teve o depoimento a Graça, Marineide, mas foi pouco. O que realmente mexeu com eles foi o almoço como o fornecimento dos produtos. O ganho financeiro, o prazer deles de estar ali e vender. (Entrevistado 7, Extensionista Centro Tiê, 20/03/17)

DEPOIS – DESDOBRAMENTOS E AVALIAÇÕES

Apenas complementando o que já pode ser abordado e evidenciado acima, dialogando as entrevistas coletadas no “depois” com o “antes” e o “durante”, é importante ressaltar como que as relações de confiança que são construídas auxiliam na ressignificação dos processos.

Os dois extensionistas do Tiê vestiram a camisa, usando o argumento que a caravana podia ser catalisador da rearticulação da Serramar. A caravana foi um marco para a gente se organizar de fato, foi muito cansativo pra esses dois extensionistas, eles carregaram todas as caixas, centralizaram porque

não tinha ninguém pra dividir, a desarticulação sobrecarregou eles (Entrevistado 2, Extensionista CEDRO, 05/04/17).

As pessoas que “vestiram a camisa” da Caravana enquanto ferramenta importante para oxigenação do território Serramar, além do motivo de rearticulação e de denúncia da questão dos agrotóxicos da região, o fizeram porque quem estava mediando tinha uma relação de confiança estabelecido a partir de projetos em conjunto executados, pela noção de trabalhar com, de maneira solidária e horizontal, e não “soltar a bomba e depois virar as costas”.

“Estávamos mais propenso a rejeitar por conta de se algo que não participamos da construção, ao passo que o técnico da CEDRO nos incentivou a participar. Eu sabia que eu podia contar com ele por conta de trabalho que já fizemos no diretório de agronomia (1991). Eu sabia que não ia ser uma coisa que ele ia jogar uma bomba e depois ia virar as costas. Ele já fazia a conexão com o desmonte de agricultura com os casos de contaminação de agrotóxicos (Entrevistado 7, Extensionista Centro Tiê, 20/03/17).”

Uma das pistas sobre participação, horizontalidade, engajamento nos processos, reside na solidariedade e confiança construída pelos indivíduos em seus lugares, entendendo que as coisas são vivas e podem ser reconfiguradas. Ou seja, em relações não solidárias e não horizontais, desde que se priorize essa questão, podemos dizer que é algo passível de construção, uma vez que a tecelagem de redes é um *continuum*, algo vivo que sofre transformações a partir de determinados contextos de avaliação e ruptura ou transição (agroecológica). Além disso, não há um indivíduo 100% solidário ou outro 100% não solidário, como sabemos, as coisas são cheias de contradições e paradoxos. Em momentos podemos gravitar pela solidariedade, em outros podemos gravitar por processos não tão solidários, consciente ou inconscientemente.

4.6.2 Diversidade de prioridades e diversidade de agendas

ANTES – CONSTRUÇÃO DA CARAVANA

Importante ressaltar que há uma ideia coletiva, uma avaliação, de maneira geral, que a região metropolitana não participou da construção da construção da caravana. A maioria dos grupos não participou, pelo processo de construção do Encontro Nacional de Agricultura Urbana, mencionado acima, contudo o grupo de agroecologia da UFF esteve o tempo todo presente, auxiliando desde as tarefas mais operacionais, até ajudar a pensar o todo. Pode ser

que se generalize a noção de região metropolitana por ser maioria das instituições que de fato não participaram, pode ser também porque existem várias noções de quem compõe de fato a região metropolitana.

Essa descontinuidade da participação de boa parte das instituições da metropolitana na construção da caravana, nos momentos mais próximos à realização, foi iniciada conforme já trazido anteriormente, pela sobreposição de atividades previstas para serem executadas no mesmo semestre: caravana do comboio, caravana do plano de inovação e caravana da articulação nacional de agroecologia (ANA). A Caravana do Comboio teve a dinâmica descrita, com várias datas tiradas, vários desenhos de rotas até a definição final. A caravana da ANA seguiu o arranjo metodológico previsto e culminou no I Encontro Nacional de Agricultura Urbana (I ENAU), realizado entre 21 e 24 de outubro de 2015 na cidade do Rio de Janeiro.

Em sendo possível mostrar alguma experiência da região metropolitana de agricultura urbana. Para mostrar a temática cidade x rural, conflitos socioambientais, especulação imobiliária. Como cada rota vai receber é autonomia da região, respeitando a organicidade da região/ estado (Pesquisadora da Embrapa Agrobiologia, coordenadora pedagógica do Ambientes, Reunião de Construção na Associação Mico Leão do dia 10/09/15).

“Teve uma questão da não adesão da rede CAU e a gente não tinha fôlego para participar. Um membro da rede estava sempre representando nas reuniões da caravana. Teve uma questão da não passagem em nenhuma experiência da rede CAU, mas não foi desafeto, foi porque não tinha perna, não foi opção política, foi uma opção de sobrevivência. Entendendo que a caravana não passa só, ela é uma construção coletiva que vai desde os caravaneiros, a escolha das experiências que vão compor a delegação, como as experiências que recebem nos territórios. [...] Foi uma conversa menos coletiva, ela se deu entre a EMBRAPA e a AS-PTA, porque nas reuniões de construção não ficou claro que tinha que visitar as experiências do Rio de Janeiro. [...] Na comissão local a gente não tinha tirado isso como prioridade, do nada foi essa pressão e teve que pontuar mais fortemente “não vai passar e ponto final”. Num determinado momento a coordenação do Comboio pressionou para que a caravana passasse no Rio de Janeiro [...] Nessa ausência a gente perdeu o fio da meada, não pontuando quando deveria pontuar, a partir do momento que a gente não tinha entendido que era uma necessidade. A ordem, a gente encarou como uma ordem, que a rede carioca de agricultura urbana tinha que ser visitada, foi bem ruim, teve um momento que eu tive que me expor um pouco mais, um membro estava adoentada, no meio de uma construção do ENAU, eu tive que fazer essa interlocução com o Comboio e foi bem ruim, até que reverberou no ENAU, a gente recebeu menos apoio para a construção do ENAU do que a gente gostaria (institucional), foi um pouco resultado dessa decisão de não receber a caravana” (Entrevistada 3, extensionista AS-PTA, 08/04/17).

Há uma diversidade de entendimentos acerca do que aconteceu para que a metropolitana não participasse da Caravana Agroecológica e Cultural. Algumas coisas precisam ser resgatadas para seguir na compreensão da diversidade de olhares sobre o mesmo ocorrido. Entrevistando as pessoas sobre a ruptura momentânea, fruto de uma tensão, analisando os relatórios dos espaços coletivos, pudemos entender essa pluralidade de saberes sobre essa questão.

O esforço de marcar uma data para a Caravana foi descrito no tópico da categoria i) organização e participação, apontando as diversas reuniões realizadas no território para delinear como seria essa atividade no Rio de Janeiro. A data tirada para a realização, de setembro passou para agosto e depois para novembro de 2015. O ENAU também estava sendo construído, sendo que maio já tinha um indicativo que aconteceria na última semana de outubro (RELATÓRIO REUNIÃO CAMPOS, 2015).

Houve um momento que uma entrevistada alegou, se referindo a região metropolitana e as experiências da agricultura urbana, “num determinado momento a coordenação em Viçosa [do Comboio] pressionou para passar em alguma experiência no RJ” (Entrevistada 3, extensionista AS-PTA, 08/04/17). Contudo, em todos os espaços com a coordenação da Rede de Núcleos (projeto Comboio), desde o projeto submetido, passando pelas reuniões diversas, até algumas conversas informais, o que estava estabelecido é que cada estado decidiria suas experiências a participar da caravana com total autonomia. Procurando entender melhor essa questão, entrevistei o coordenador do projeto Ambientes, que não quis registrar sua perspectiva sobre o assunto.

Os critérios utilizados para escolher as experiências foram diferentes para cada região, com entendimentos distintos para as pessoas. Na região norte, para o entrevistado 1, foi importante dar visibilidade para novas pessoas, ir a outros lugares, tirou a rota do assentamento que sempre era visitado, o Zumbi dos Palmares, e levou para o assentamento Dandara.

“A gente precisa ir lá conhecer essa realidade, estão produzindo mas tem dificuldade de acesso, era pra trazer esses elementos, a gente queria trazer isso, não é pra falar – o pessoal quer mostrar desgraça – é pra mostrar resistência, pro pessoal não ficar na agroecologia ficar com essa ideia bucólica, saudosa. A galera do campo tá ralando muito, pra trazer esses elementos, traz a questão da mulher ela é protagonista do lote, ela tem o marido, foi unanimidade, por ser mulher, assentamento com o nome de uma mulher Dandara e aí resistência e dificuldade que eles enfrentam lá, transporte público, ônibus da escola pra poder ir ao centro da cidade, a estrada é sem asfalto, não é pavimentada, eles tem dificuldade de acesso. E

tá lá na resistência, esse grupo quando a gente tem um olhar pra começar a pensar as estratégias de melhorias nas áreas rurais esse grupo tem que ter visibilidade, por conta disso.” (Entrevistado 1, Bolsista Ambientes, região Norte, 10/04)

Outro entrevistado (2) apontou que o critério para escolher as experiências era “o que tá mais forte – no norte não tinha dúvida da agressão do porto do açu e a resistência da dona Noêmia contra tudo e todos não vendendo o sítio que é o cantinho dela. Precisava ser visitado tanto pra fortalecê-la quanto para as pessoas pegarem essa força dela.”

Você ter as pessoas que estão atuando e reconhecendo o que tá mais vivo, o que tá mais disposto a interagir também, isso eu acho que é um determinante. Em Casimiro, a escola da mata atlântica por conta de ser um espaço vivo de expressão de quem quer fazer uma realidade diferente, até entrando em choque com a comunidade local porque quer que os agricultores dominem uma prática (Entrevistado 2, bolsista Ambientes, região Norte, Serramar e Metropolitana, 05/04/17)

A escolha em São Pedro da Serra está conectada também com uma sequência de estudos de diagnóstico da agricultura de SPS, onde estava a produção, as pessoas no sistema mais alternativo de produção. Na outra parte da rota serrana, onde se teceu várias conversas com os atores, fazendo um primeiro mapeamento a partir da atuação da ATER serrana,

“Preocupação inicial – espaços que o pessoal veja esse processo acontecendo, que seria fundamental para valorização e promoção das experiências, naquele momento que tinha que fazer opção por duas experiências, valorizar o processo na AAT, e três picos, era mais estratégico, [...] além disso tinha a questão da rota, do caminho, seria mais fácil chegar direto em Terê” (Entrevistado 5, extensionista CEDRO, 04/04/17)

Na Serramar, por exemplo, um dos critérios foi utilizar o potencial da caravana para reanimar pessoas que estava afastadas e desmobilizadas no momento. Além disso, mostrar as dificuldades vivenciadas na roça, assim como a região norte evidenciou. “Teve a enchente e não tinha muito o que mostrar, e foi bom passar isso de que tem que se virar na roça quando acontece algo” (Entrevistada 9, agricultora, 21/03/17).

DURANTE A CARAVANA

As experiências que foram visitadas no estado do Rio de Janeiro estavam em sua maioria se não dentro de unidades de conservação, próximas. No dia do seminário estadual, ouvimos um estudante afirmando que o Rio de Janeiro era a Indonésia brasileira, no sentido de ter muitos remanescentes de mata atlântica, e muitos dos participantes concordaram. Logo

em seguida, o pesquisador afirmou que estava falando no seminário apontou que 3 de cada 4 hectares do Rio de Janeiro são pastos degradados. É uma pista e uma contradição ao mesmo tempo. Demonstra que, para a agroecologia prosperar, precisou agir não somente em nível de agroecossistema, no sentido técnico produtivo, mas em nível de bacia hidrográfica, em nível de paisagem, reformulação da legislação ambiental, revisão de sua base epistemológica, em nível de política pública, já que para co-produzir com a natureza é necessário que haja uma diversidade mínima, para que a transição possa avançar da etapa da substituição de insumo. E mostra também que, por mais que haja inúmeras experiências de agroecologia em áreas mais degradadas e adversas, não foram essas as mostradas para três das quatro rotas da Caravana Agroecológica e Cultural do RJ. A rota que passou pela região norte pode perceber essa realidade latifundiária e degradada, mas as demais, como visitaram experiências junto à Unidades de Conservação dos diversos tipos, caso não tenha prestado atenção no percurso (mudança de paisagem), não puderam averiguar essa realidade fluminense, inclusive pelo deslocamento feito na parte da noite a fim de otimizar o tempo.

Ao entrevistar um grupo de agricultores que estavam vindo pela rota serrana, um deles alegou que “estamos gostando, mas não teve nenhuma atividade ainda... só teve turismo! Porque íamos visitar uns 3 sítios pra ver como eles produzem hortaliças e ficamos só vendo mudas de árvores. Pensamos que íamos ver produção de comida natural, mas não vimos ainda” (Entrevista informal dia 26/11/15). Isso se deu devido ao tempo do dia, que estava chuvoso, não sendo possível os ônibus chegarem à experiência. Um dos professores que acompanhavam a rota, contudo, pontua que “as pessoas apresentaram insatisfação de não encontrar o que esperava... se for assim, ver tudo só de um jeito em todos os lugares, fica em casa... pra isso a Caravana serve! Pra mostrar essas coisas diferentes em cada lugar”.

Algumas coisas podemos comentar dessa situação. Por um lado, a noção de agricultura, produção e comida não ter conexão com a produção de mudas de árvores nativas, entendimento que permeia a muitos grupos de pessoas, agricultores, acadêmicos, técnicos, etc. Por outro lado, expectativa dos agricultores de poder ver algo que será aplicável no seu dia a dia, de acordo com suas características individuais e aptidões produtivas. Como é feito esse convite para participação, como é trabalhado o conteúdo e os temas que serão vistos nas rotas com os convidados, como é observada a expectativa e o interesse temático dos agricultores na hora de indicá-los para compor a delegação de cada rota, de cada caravana. São coisas que variam conforme o organizador, o território, o antena, o articulador, são práticas múltiplas, que reverberam na qualidade de aproveitamento na hora da realização da

atividade, mas ao mesmo tempo auxiliam no processo de quebra de preconceitos e ampliação de significados. Foi o caso de uma professora, que quebrou os preconceitos com os viveiristas, quando conheceu as experiências “eu desconstruí preconceito com viveiro, fui apresentada para o viveirista, vi que conhecia os parceiros dele” (fala de uma professora na Roda de conversa e socialização em Lumiar, 26/11/17).

Na instalação artística e pedagógica que acompanhamos (a da Serramar), tiveram várias coisas interessantes de serem registradas. Uma das agricultoras que estavam auxiliando na construção da caravana não sabia que era para levar elementos da sua produção para ser representada. Mesmo assim, conseguiu se organizar de última hora, e com a ajuda de uma carona, trouxe sua produção da cozinha agroecológica para representar a Serramar na instalação. Outra questão foi que, no início, o âncora da instalação não tinha participado de nenhuma experiência com Instalação antes, então, na primeira rodada ele falou bastante sobre a região, realizando um processo parecido com “slide 3D” como diria uma participante do Comboio. Mesmo com todos os elementos dispostos ali para suscitar outras linguagens e comunicação horizontal, retomamos ao hábito de apresentação oral centralizada, racional.

A partir da segunda rodada, foi feito um esclarecimento ao técnico, que deveria deixar as pessoas circularem e depois fomentar as percepções com perguntas, contextualizando rapidamente o território por último, caso faltasse algo a ser comentado. “Nossa cultura de sistematização é muito no textual. Os outros recursos de filmagens, fotografias, a cartografia, há como sistematizar com o uso de outras linguagens” (pesquisador da ABG, reunião de construção Campos dos Goytacazes, 30/05/15). A instalação artística e pedagógica vem nesse sentido de tentar aprofundar a sistematização, síntese, diálogo através de ferramentas horizontais de comunicação, mas há que se entender o que é o “passo-a-passo”, o motivo de cada coisa, testar na sua proposta integral, para então adaptar, mantendo os propósitos de fundo de cada “dica” a ser executada nesse espaço. Senão correremos o risco, por hábito racionalista, de retornarmos à comunicação centralizada em forma de palestra, sem muita interação dos participantes que contribuiriam com suas percepções.

DEPOIS – DESDOBRAMENTOS E AVALIAÇÕES

Sobre a composição das delegações ser majoritariamente por estudantes, a não participação dos agricultores é algo que precisa ser entendido, para que possa ser aprimorado.

“Centralmente a participação dos agricultores é o que eu melhora para uma próxima caravana. A metodologia de pensar as trocas e foco nas trocas de

experiências, que são super ricas, a questão é que, que não é crítica, o público central que conseguimos mobilizar são os estudantes, o que é rico, pensando na formação do pessoal; mas sinaliza essa nossa grande fragilidade em mobilizar e articular os agricultores, temos que refletir muito sobre como fazer/pensar possibilidades de avançar nesse processo” (Entrevistado 5, extensionista CEDRO, 04/04/17).

Algumas pistas foram dadas pelos processos e pelas entrevistas. A questão da maternidade e da juventude rural, de termos espaços para cuidar das crianças para que as mães possam participar, ou que engajem os jovens. “Nunca participei da caravana por causa das crianças” (Entrevistada 10, agricultora, 21/03/17). A dinâmica das reuniões, sua periodicidade, quantidade de lugares que nos envolvemos, diferentes GTs, coletivos, projetos, também aparece como uma angústia para uma das entrevistadas. “Os encontros, as caravanas, são uma contradição em si, são muito importantes, pra conhecer outras experiências. Mas também é tão difícil que a gente tem que estar na terra, reunião pra caramba, eu sinto uma agonia.” (Entrevistada 11, agricultora, 06/04).

Há lares de pessoas que trabalham com a agroecologia que ganham desde 30mil por mês até lares que ganham por volta de 1mil; geralmente esses que ganham menos são geralmente o que tem deixar seu ganha-pão para ir até reuniões, tirando do próprio bolso, muitas das vezes, a locomoção, a alimentação. Os que ganham mais, às vezes é parte de suas metas de trabalho estar ali, está com seu salário garantido no final do mês, e ainda consegue subsídio pra estar ali (diárias de locomoção, alimentação e estadia).

Em alguns espaços, contudo, não existem tantas discrepâncias de classe social. Mesmo assim, Elias argumenta que com o avanço da diferenciação das funções sociais e psíquicas, se não carecemos das coisas mais elementares (comida, água, abrigo), damos continuidade ao processo de monopolização para satisfação do ego em termos mais sutis, simbólicos e diferenciados, é aí que nasce uma outra forma de tensão social (ELIAS, 1994).

É um fato, não salientado para condenar o fato de as pessoas ganharem um montante ou outro, apenas esse fato precisa ser lembrado como uma questão importante que pode ou não, dependendo do contexto e das disposições de cada um naquele espaço, influenciar as relações de poder e reprodução de opressões. O que influencia, certamente, é o local desde onde se fala de agroecologia. Não são os mesmos lugares desde onde se fala de agroecologia, não são as mesmas urgências e prioridades, com um cenário de salário garantido pelo emprego público, ou pelo edital de 2 anos. São distintas as possibilidades de participação com um cenário de tirar o sustento de algo diário, como as agricultoras e agricultores, onde um dia não trabalhado na roça, ou uma semana em eventos (como as caravanas), sem mão-de-obra

familiar disponível, pode significar em menor rentabilidade no final do mês, dependendo do tipo de cultivo. Contudo, as caravanas podem servir para os agricultores, segundo alguns exemplos, como oportunidades de viagens, férias, descanso, para ver o mar pela primeira vez e se emocionar, e todas as outras possibilidades já exploradas por este documento.

O número de dias de duração de uma caravana variou conforme o estado. No Rio de Janeiro, foram cinco dias, de 24 a 28 de novembro de 2015. Pelo menos 15 reuniões ampliadas foram realizadas, além das regionais, e reuniões com grupos de trabalho para construção da atividade. Outro grupo que não conseguiu participar, aderir a participação das caravanas, foram os professores.

“Mas com o que era a intenção original, que era estimular ponto de contato de redes entre universidades, isso não foi exitoso, a maior parte dos grupos não estreitaram relações, a caravana não trouxe grandes ganhos nesse sentido de formar rede de professores pesquisadores da região Sudeste. Pensando que os NEAs são universitários, houve uma baixa adesão de professores nas caravanas, foram poucos professores que se envolveram, os poucos que sempre se envolvem. E foi exitosa em relação à estudantes. [...] Na parte dos núcleos dentro das universidades quem vai dar continuidade à essa história são os professores, eles não se envolveram nisso, as razões são diversas, a demanda do esforço físico, dá um trabalho e não tem rendimento acadêmico que os caras querem. (Entrevistado 4, professor e coordenador do Ambientes, 18/04/17)

São muitas as reflexões, os questionamentos que vêm a partir dessas entrevistas. Entendemos que existem inúmeros entendimentos de agroecologia enquanto ciência, para que algum dos professores e pesquisadores possam antagonizar o “rendimento acadêmico” ao engajamento em construções de atividades de ensino, pesquisa e extensão em sua indissociabilidade, como as caravanas, ou na simples participação da atividade. Temos que dialogar sobre a noção de cientificidade dos processos que participamos, de como aproveitamos os momentos de construção coletiva para traduzir em trabalhos que o mundo atual da ciência considere válido, ao passo que auxiliamos na transformação dessa noção de “cientificidade”. Ao mesmo tempo, em trabalhos que integre teorias, métodos válidos, mas que os recriem também, arrisque em produzir teorias desde abaixo, em conjunto com todos os saberes, e não só importá-las da metrópole conforme aponta Connell (2012).

4.6.3 Poder, conhecimento e organicidade

ANTES – CONSTRUÇÃO DA CARAVANA

As regiões que participaram da construção e realização da caravana, que fazem parte da organicidade da AARJ, foram a Norte, Serrana, Serramar, Metropolitana e Costa Verde. Vale do Paraíba e Noroeste não participaram, enquanto coletivo, da caravana. “Preocupação com a organicidade da AARJ, preocupação com a organização da Caravana. O cenário é desafiador e desanimador” (fala do bolsista do Ambientes, Reunião de construção Associação Mico Leão no dia 10/09/15). Outra participante pontua que, contudo “A caravana não vai resolver problema de organicidade da AARJ, ela pode oxigenar, estimular, etc. Ela vai alimentar uma caminhada construtiva, ajudar a virar páginas” (fala da bolsista do Ambientes, Reunião de construção Associação Mico Leão no dia 10/09/15).

“A articulação é muito institucional e não tem tanto agricultor – vamos pensar no público. Como vamos conseguir que a nossa mensagem chegue na praça (consumidor)? Temos que usar as táticas e artimanhas, como atrai? Eu acompanho a articulação há anos. Precisamos juntar os produtores com os consumidores de uma vez para todas, pelo amor de Deus. Casimiro tem pessoas mais instruídas, com maior poder aquisitivo, vamos fazer uma mesa com o agricultor. Para de traduzir o que o agricultor fala. Vamos promover um encontro físico: produtor e consumidor. Ver uma questão de promover, tirar um pouco essas instituições e colocar no diálogo.” (Fala do extensionista do Centro Tiê, reunião de construção assentamento visconde 14/10/15).

Uma questão importante de ser ressaltada e debatida que apareceu em uma reunião de preparação da Caravana. Esse ponto de vista foi complementado por uma pergunta feita por um entrevistado quase dois anos depois, conforme abaixo.

“O que digo é que quando o MDA passa recursos através de cooperativas, de prefeituras, esses recursos não chegam diretamente aos produtores. Precisaria ter uma abordagem mais direta com o produtor. [...] Sobre o atravessador é esse o exemplo, gostaria que o MDA repassasse recursos diretamente aos produtores e não por intermediários” (fala de uma agricultora na reunião de construção na Casa de Oração Campos dos Goytacazes, 29 e 30/05/15)

“Projeto de 1.000.000,00 afinal o que foi pro bolso do agricultor? Uma semente de não sei o que lá. Algumas coisas pro almoço agroecológico funcionar – procedência dos produtos – que venha da agricultura familiar, renda foi 100% dos agricultores. Foi explicado tudo que foi gasto e pago para os agricultores – para promover não podemos querer levar vantagem em

cima disso. A gente faz isso de forma voluntária, para poder dar as festas/almoços” (entrevistado 11, extensionista centro Tiê, 20/03/17).

Precisamos refletir sobre essa angústia. Precisamos buscar o equilíbrio entre sistematizar informações, conhecimentos, trocar sabedorias que, acumuladas e organizadas, geram subsídio para construir políticas públicas, além de mais projetos buscando a construção da sua permanência enquanto processo. Estes projetos-processos promovem, entre outras coisas, a formação dos gestores públicos, técnicos, estudantes, professores, agricultores. Mas também, por outro lado, precisam gerar mudanças mais diretas no quesito monetário, sem que se configure num assistencialismo sem fundamento. Uma das dicas foi dada pela Caravana do Rio de Janeiro, realizar um almoço subsidiado pelo projeto, onde tanto os produtos comprados eram provenientes dos produtores da região e proximidades, quanto o recurso gerado pela venda do vale-refeição foi dado aos agricultores que preparam o almoço. Um processo que, além de gerar ganhos monetários concretos, gerou ganhos não monetários, como a divulgação e valorização da agricultura familiar, dos produtos da região, despertando a vontade do consumidor de se organizar para apoiar a produção local de alimentos entre outros descritos na categoria iv) diálogo de saberes e (re)aproximações.

Segundo o caderno do participante, a Caravana Agroecológica e Cultural foi construída por uma série de instituições e coletivos. Além do “Comboio Agroecológico Sudeste” - UFV, NIA-UFRRJ, ABA- Associação Brasileira de Agroecologia, ANA, EMBRAPA AGROBIOLOGIA, AARJ, participaram a AMA, APA, ACA, o CTUR -Colégio Técnico da Universidade Rural, CPT - Comissão Pastoral da Terra, EMATER Campos dos Goytacazes, PJR - Pastoral da Juventude Rural, Projovem Campo Saberes da Terra Goitacá, Coletivo de Mulheres Regina Pinho, CEDRO - Cooperativa de Consultoria, Projetos e Serviços em Desenvolvimento Sustentável, Centro Tiê de Agroecologia, Prefeitura Municipal de Casimiro de Abreu, Colégio Estadual de Casimiro de Abreu, o Grupo de Trabalho Saúde do Trabalhador de Casimiro de Abreu, a Associação dos Produtores Agroecológicos da SerraMar (APASMAR), a Escola da Mata Atlântica, a Associação Mico Leão Dourado (AMLD), a Associação Agroecológica de Teresópolis (AAT), a Feira Agroecológica de Teresópolis, Orgânicos Serramar, a APA Estadual Macaé de Cima, a Casa dos Saberes, Sítio e Viveiro Terra Romã, o Sobrado Cultural, a Feirinha Agroecológica da Enseada das Gaiotas, os Grupos de Agroecologia MAE-UFF, GAE-UFRRJ e Agrocrioulo - UENF, a Fundação Oswaldo Cruz – pelo Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina, Fórum de Comunidades Tradicionais, e as comunidades rurais as quais as rotas

visitaram, os agricultores e agricultoras que participaram do almoço agroecológico e os outros momentos da Caravana.

“Se vocês pegarem o caderno do participante do Rio de Janeiro, vai ver um monte de instituição, que eu nem sei quem são as pessoas referências da instituição, no logo que eu não sei quem é, não construíram, só colocaram o nome” (Entrevistada 31, estudante, membro NIA-UFRRJ, RJ, 30/03/17). A questão do que é ou não participar ainda é muito amplo e diverso, há muitas controvérsias sobre essa questão. É importante evidenciar quais são essas percepções para aprofundarmos na construção dos processos horizontais e solidários.

DURANTE A CARAVANA

Foi observada a preponderância na composição das delegações de estudantes. Mesmo buscando a equidade, a quantidade de agricultores participando da Caravana ainda deixou a desejar. Muitas das pessoas que atuam na agroecologia do Rio de Janeiro tem formação pela Escola do Grupo de Agricultura Ecológica da UFRRJ. Por isso é importante também a presença dos estudantes, professores e pesquisadores, uma vez que a academia também está em transição agroecológica, mas é necessário negociar o equilíbrio dessa proporção. “De fato essa articulação com os agricultores foi uma dificuldade que a gente sempre teve. Os estudantes sempre ali na organização e tal, e como a gente cortava eles de ver outros lugares, não conseguia fazer esse jogo bem feito.” (Entrevistado 23, estudante, membro Comboio, MG).

Mesmo com poucas agricultoras e agricultores na composição das delegações das rotas, observou-se nos grupos de diálogos a interação de agricultoras/es com jovens estudantes, jovens agricultores com professores, técnicos com estudantes, agricultores e professores, seja na van, nas experiências, ou na culminância, em todos os espaços possíveis de troca. Além disso, observou-se muita troca entre agricultoras e agricultores, intercambiando experiências, aprendizados, desafios, em suma, anúncios e denúncias desde seus locais de atuação.

Alguns dos anúncios da agroecologia no Rio de Janeiro, e no Sudeste brasileiro, têm relação com as políticas públicas construídas e/ou aprofundadas pelas organizações que trabalham com agroecologia, durante o governo PT, nos espaços de participação social. Anúncios como a própria Caravana Agroecológica e Cultural, manejo sustentável da palmeira Juçara, políticas como as Chamadas de ATER Agroecologia, Programa Nacional de Aquisição de Alimentos, Programa Nacional de Alimentação Escolar, Política Nacional de

Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, entre outros. Mas é necessário destacar que muitas das denúncias também têm ligação com as negociações feitas no mesmo governo, mas com setores antagônicos à rede agroecológica e outras redes que fazem interface do desenvolvimento sustentável. Só para citar alguns exemplos, a tragédia-crime da Bacia do Rio Doce sem punição até a atualidade, Complexo Portuário-Industrial de Açú, popularmente conhecido como Porto do Açú fomentado pelo Estado através do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), entre outros fomentos federais e estaduais.

“No momento de encontro diálogo e convergências, depois do segundo ENA, as organizações do movimento estavam vivendo um período muito difícil de mobilização, por conta do diálogo que estava sendo feito em torno das políticas públicas com o governo federal, e nesse momento a gente verificou a importância de ampliar a articulação para a sociedade civil naquele momento, envolvendo outras redes e movimentos que já dialogavam com a agroecologia na base, nos territórios; fórum brasileiro de segurança nutricional, economia solidária, ABRASCO, rede justiça ambiental, marcha mundial de mulheres, movimento de mulheres do nordeste, no sul, a gente queria fazer um encontro que pudesse dialogar mais com essas redes, que na prática a gente tinha contato com a mesma base que se relacionava com essas redes, e com temáticas que tinham a ver, os conflitos impactavam ação com as diversas redes.” (Entrevistado 13, professor, membro da ANA, 19/04/17)

Por outro lado, essa desmobilização parcial que os movimentos estavam vivenciando propiciou a aproximação com outras redes que também dialogavam com a base que a agroecologia se relaciona, a fim de dialogar e convergir agendas, avançando no sentido da interdisciplinaridade que a Agroecologia se embasa.

Portanto, há que se ponderar algumas questões, cada um em seus territórios e locais de atuação, problematizando com suas redes mais próximas, tanto nas escalas locais até internacionais: i) se esta medida atual de priorização de diálogos com “Brasília” está boa, conforme os objetivos curto, médio e longo prazo em constante construção no território; ii) se é necessário fazer o balanço amplo, para entender o saldo entre o esforço do diálogo com “Brasília” e a não priorização das bases, e/ou, do esforço do diálogo com a base e a não vinculação aos espaços em “Brasília”; iii) se precisa ser problematizado esse balanço junto às pessoas da base, as quais são formalmente representadas por outras pessoas nesses espaços de participação social; iv) entender como estão sendo feitas esses diálogos, como está sendo esse fluxo contínuo ou descontínuo de informação, conhecimento e sabedoria desde um agroecossistema até esferas internacionais do sistema agroalimentar, e o caminho de volta para o agroecossistema.

DEPOIS – DESDOBRAMENTOS E AVALIAÇÕES

A caravana, através da sua construção, fomentou a reflexão de um entrevistado em perceber que a articulação não pode ser um fim em si mesma, ela deve existir conectada às experiências de agroecologia das regiões. Outro depoimento sobre a questão da organicidade da AARJ apareceu a partir de um e-mail estimulado por um membro da coordenação executiva, onde ele avaliava o ano de 2015.

“Foi uma conjuntura doida - no Rio de Janeiro a AS-PTA estava finalizando o projeto da PETROBRAS, os técnicos saindo fora, afalta de recurso prejudicou os trabalhos locais. A AARJ virou uma coisa maior que as experiências. A gente não pode ter a pretensão de que seja uma coisa maior que nossa história, sem o local. Eu fico muito desconfortável de mobilizar agricultor pra uma coisa geral se eu não estou lá na roça visitando a família. No dia a dia está jogado às traças.” (Entrevistado 6, Extensionista, Secretaria de Meio Ambiente de Casimiro de Abreu, 23/03/17).

“Digo isto porque estamos passando por fase ruim aqui na serra mar, algumas pessoas boas se afastaram e nitidamente o ânimo do grupo despençou. Atribuo isto a exemplo do que aconteceu com a caravana, não temos afinidade com o grupo executivo da AARJ, era pra ter, pra conversar mais, pra decidir juntos muitas coisas pertinentes a nossa região. Mas nunca é tarde para consertar algo que talvez passe despercebido para alguns, mas para outros não! Enfim, esta é a minha reflexão ou desabafo se assim entenderem, mas muito diferente do agronegócio onde as pessoas se devoram, na agroecologia as pessoas se entendem e 2016 devemos iniciar com pé direito e discutir este ponto crítico com o grupo executivo.” (Extensionista Serramar, MENSAGEM ELETRÔNICA, 7/12/2015).

Outro desafio posto para nós que desejamos construir uma rede de solidariedade e confiança é o entendimento teórico-prático do significado de coordenação, de como dialogar com os diferentes entendimentos acerca de uma mesma situação, num ambiente paradoxal, contraditório, rico de saberes e complexidades.

Eu não me considero tendo papel relevante na coordenação, fiquei pra baixo de adjunto na coordenação, talvez na excursão eu tenha tido um papel mais relevante em termos de coordenação, na caravana não, apesar que teve alguns momentos que teve que entrar e falar de fazer. Essa a dificuldade de uma coordenação num ambiente complexo, vários atores com seus protagonismos, negociar, acertar, fazer andar, o que é importante pra um não é pra outro. (Entrevistado 4, professor e coordenador do Ambientes, 18/04/17)

Sobre a relação dos recursos e autonomia do coletivo, é uma angustia antiga. Como podemos pensar projetos que sejam processos, e que não finalizem as atividades com o final

da vigência formal, provocando descontinuidades, desconfortos, ausências, expectativas. Como pensar em incluir metas que não sejam apenas para atender aos requisitos do Edital, mas que atendam aos requisitos do coletivo, que busque fomentar autonomia e continuidade. Uma experiência que pode nos ajudar a pensar como resolver parte dessa questão, foi sugerido por uma entrevistada, “por exemplo, pedi bolsa pros guardiões de sementes, 200,00 reais por mês, é simbólico mas é um começo – pra valorar o tempo investido nessa tarefa de guardião, porque eles são pesquisadores também” (Entrevistada 11, agricultora, 06/04/17). Outras sugestões dadas por outras pessoas e pelo coletivo foi o almoço agroecológico, e também incluir o deslocamento de agricultores no orçamento dos projetos, já que a maioria das pessoas tem reembolso garantidos de suas instituições, além que, ao deixar a lavoura para participar de uma reunião ou caravana, o agricultor está abrindo mão de trabalhar na sua fonte de renda primordial.

Outra questão interessante surgiu, que pode ser uma pista para gerenciamento, avaliação e aprendizado coletivo acerca de como gerenciar recursos da melhor forma, na tentativa de implantar algo como o portal da transparência agroecológico.

“Eu sempre sinto falta – sempre querendo saber de onde veio o recurso, quais foram as pessoas que receberam, isso dentro das próprias regionais, não é porque eu não confio, porque no fim percebemos que mais fazemos trabalho voluntário do que remunerado. Mas para entender mesmo como que é utilizado o dinheiro que é acessado pelos projetos” (Entrevistada 11, agricultora, 06/04/17).

4.6.4 Diálogo de saberes e (re)aproximações.

ANTES – CONSTRUÇÃO DAS CARAVANAS

Três das quatro caravanas agroecológicas fizeram para o ato público passeatas com panfletagem, cartazes e falação de pessoas em microfone, sempre no intuito de dialogar com os que passavam pelo local. Na Caravana do Rio de Janeiro foi realizado um almoço agroecológico com produção do território e de todo estado, preparado pelas agricultoras e agricultores da região de Casimiro de Abreu e servido à sociedade civil. Intervenções culturais (capoeira, teatro, mística etc) e falações políticas também foram realizadas. A ideia do ato público foi construída durante as reuniões e problematizações acerca do papel do ato público como um ato político que tem o intuito de se comunicar com a sociedade, dando continuidade da pergunta central do III Encontro Nacional de Agroecologia: “porque que interessa à sociedade apoiar a agroecologia?”.

Durante o processo preparatório do almoço agroecológico, a solidariedade foi relatada em diversos momentos. Agricultores que doaram sua produção, ou que passaram a intencionalidade de o fazer “se eu pudesse eu doava”. Pessoas que nem se conheciam, a partir da “contação” de histórias, de dialogar sobre a ideia da agroecologia, da caravana, do almoço, desse diálogo emergir a solidariedade traduzida na doação “no final ele não quis nos cobrar no arroz, só uma gorjeta pros funcionários”. São coisas que a métrica da ciência não mede, são coisas simbólicas e que tem um valor na formação de redes na perspectiva das dádivas.

Na promoção do diálogo de saberes entre os diversos participantes durante a construção (temporalidade “antes”), ao mesmo tempo, foi e não foi promovido. Foi promovido quando se tem um relato importante de (re)aproximação, alegando que houve “ganhos indiretos: estava na reunião pessoas que não se falavam e houve interação” (Conversa informal na Reunião do dia 10/09).

Contudo, muitas vezes, dentro de uma mesma “categoria” de atores, como por exemplo, a “academia”, não havia o diálogo de saberes que era necessário para que a construção da caravana fosse feita de maneira participativa, horizontal. Ainda que a autonomia da juventude na construção das atividades dentro do Comboio foi ressaltada no Seminário de Avaliação do projeto, essa questão é bem plural, específica para cada estado, cada NEA, cada relação coordenador-bolsista graduado-bolsista graduando.

“O que foi muito difícil é conseguir fazer com as pessoas se comprometam com a organização, divisão de tarefas, assumam compromissos, fica sempre tudo concentrado na mão de poucas pessoas, às vezes que tem que recorrer a pessoas de outros estados para assumir algumas coisas que a gente podia resolver por aqui. Beira uma hierarquia – um monte de gente pra mandar, dar ordem e dizer o que tem que fazer, e pouquíssimas, quase nenhuma, pessoas que topam, pegam e fazem, e quando fazem, fazem como obrigação, como o processo é tão vertical, a gente estava cumprindo como se fosse uma tarefa, perde o prazer daquilo que você está organizando.” (Entrevistada 31, Estudante, membro NIA-UFRRJ, RJ, 30/03/17).

A partir de todas as pluralidades de entendimentos, prioridades, contradições, complexidades, questões paradoxais que apareceram na construção da caravana agroecológica e cultural, chegou o dia de sua realização, e ali puderam ser observadas uma série de outras coisas, que complementam as questões já trabalhadas acima, novas ou não, que contribuem para o entendimento desse coletivo e dessa ferramenta metodológica.

DURANTE A CARAVANA

Houve interações “de última hora”, conforme relatou um entrevistado da serrana que “poderia levar a história de Lumiar para a culminância da Caravana do Rio de Janeiro, e um primo que está plantando também poderia ser acionado” (Entrevistado 27, historiador, RJ 26/11/15). O historiador alegou que também poderia levar coisas sobre Casimiro de Abreu, o poeta. Isso é importante relatar para que possamos ampliar cada vez mais os convites e as comunicações para “fora”. Os convites às vezes são feitos com muitas restrições, muitas pré-condições, acaba sobrando espaço e este acaba sendo preenchido de última hora, sem a qualidade devida. É importante pensarmos nisso de como, por um lado, garantimos que a rede sempre cresça, não se reproduzindo como um gueto, e, por outro, tenhamos a participação da diversidade de pessoas que estão há mais tempo na formação e construção da rede.

No dia seguinte, 27 de novembro de 2015, fomos visitar a experiência de uma família de mulheres que estavam inaugurando seu *buffet* agroecológico com nossa passagem por lá. Algumas coisas interessantes da diversidade das pessoas que compunham a delegação rota serrana foram ressaltadas. Enquanto a agricultora jovem explicava sua horta no Sistema PAIS, um técnico local ficava explicando a experiência por ela, centralizando a fala por muito tempo. Alguns participantes mais cientes tanto do machismo⁵, quanto da relação técnico e agricultor, ambos dizendo respeito sobre protagonismo, pediram alguma vez para ela retomar a explicação, até que uma das participantes fez uma pergunta direto para a agricultora, para ela conseguir retomar sua fala.

Outra situação de machismo foi evidenciada, numa cena cômica. Um participante homem, agricultor, enalteceu o outro, falando que este “manjava de máquina”. Encorajado por esse comentário, o agricultor foi tirar o “tobato” do galpão e quase matou as galinhas, pois estava engatado. Sem graça, depois, falou que estava a máquina “embuchada” e não ia funcionar se não limpasse. Vendo a cena, a agricultora proprietária da máquina deu uma aula de tobato, depois guardou no devido lugar. Os homens ficaram surpresos, pois se trata de um maquinário grande, que requer força e jeito para ser manejado.

No seminário estadual, conforme já descrito no item 4.6.1, tiveram agricultoras que falaram sobre os eixos existe, resiste a alimenta. Uma delas ficou tímida diante de mais de 200 pessoas e não conseguia falar, alegando que só sabia cantar em público, gerando um constrangimento. Percebendo a situação, uma professora que visitou a propriedade desta agricultora puxou algumas perguntas sobre o sítio e sobre as árvores que ela cultivava em seu

⁵ Um tipo de machismo, quando um homem interrompe constantemente uma mulher, de maneira desnecessária, não permitindo que ela consiga concluir sua frase.

viveiro, e dessa forma a agricultora se sentiu mais à vontade para falar e até cantou o hino da harpa ao final.

Houve algumas controvérsias sobre o ato público – o custo da atividade, algumas sátiras ao evento, comparando com os almoços beneficentes de clubes de “serviço humanitário”, que tem outro viés conceitual. Por um lado, teve um custo maior que as outras caravanas, mas o projeto tinha recurso sobrando depois de finalizado no prazo formal. Por outro, cumpriu o objetivo de comunicar com a sociedade de Casimiro. Todas as refeições foram vendidas, o dinheiro foi todo para as agricultoras e agricultores que produziram os alimentos e prepararam as refeições. Outro reflexo do almoço foi que muitas pessoas se interessaram pelos alimentos vindos dos agricultores familiares da região, mostrando interesse para iniciar apoiando sua produção através da compra coletiva. Contudo, ainda não houve desdobramento concreto nesse ponto, já que é necessário que a sociedade civil se organize para tal.

A comunicação da Caravana Agroecológica e Cultural “para fora” foi feita de diversas maneiras, em diferentes frentes e com distintas ferramentas. O almoço agroecológico, outdoor da caravana na estrada Serramar (RJ 142) com o design da prefeitura, spot com carro e bicicleta de comunicação, folders de comunicação (ponto de culminância, almoço agroecológico e convite à cultural), “evento Almoço Agroecológico” criado através do *Facebook*, pequena matéria nos sites do Ministério do Desenvolvimento Agrário, Brasil de Fato, Movimento dos Pequenos Agricultores, entrevista concedida na estação 104, rádio da região dos lagos fluminense.

Ao entrevistar cinco pessoas que estavam nos arredores do almoço, três souberam do almoço pelo carro de som e duas pelo evento do da mídia social, ao questionar o porquê eles quiseram vir, falaram pela questão dos agrotóxicos. Na rodoviária, numa conversa puxada por uma das organizadoras com o taxista sobre o almoço, uma terceira pessoa chegou falando que estava sabendo do almoço e que só iria porque vai ter galinha caipira.

DEPOIS – DESDOBRAMENTOS E AVALIAÇÕES

“A construção coletiva visando a realização da Caravana RJ foi importante para o fortalecimento das parcerias bem como no estímulo à processos que podem ter desdobramentos futuros, uma vez que as ideias propostas foram sistematizadas e compartilhadas com outros parceiros e podem contribuir com novas iniciativas. Assim, a metodologia de construção da Caravana RJ foi um processo pedagógico e acumulativo para a agroecologia no estado” (CABRAL, 2016, p.21)

Uma aproximação, uma conquista de parceria foi envolvendo a Escola Estadual de Casimiro de Abreu, onde “o diretor acolheu a ideia, recebeu a caravana, e a parceria ficou até hoje. O grupo de agroecologia de Casimiro pode sempre acessar o espaço da escola para reuniões e afins.” (Extensionista, Secretaria de Saúde de Casimiro de Abreu, 20/03/17)

Estado de crente, o estereótipo é muito observado. Quando o pessoal da caravana chegou – a impressão que passou, que foi relatado pelo diretor do colégio, ele assumiu a coisa, confiou na gente, ele ficou lá. Aquilo foi uma demonstração que essa coisa do estereótipo, do harebol, como isso é um preconceito, que ele como diretor de escola de jovens até 2º grau, ele vê uma enorme desmotivação do jovem em qualquer assunto, e se pergunta como aqueles jovens estavam lá tão interessados com assunto de saúde, meio ambiente, eles não conseguem ter o mínimo de interesse desses jovens por um tema desses. Sem contar que a escola foi extremamente bem cuidada, que foi entregue mais limpa do que quando ele entregou (Entrevistado 7, Extensionista Centro Tiê, 20/03/17)

O ato público da caravana agroecológica saiu como informe/anúncio no seminário nacional da articulação nacional de agroecologia. No espaço “desafios da ANA na comunicação”:

“Na culminância da Caravana do Rio, do projeto do Comboio Agroecológico, foi organizado um almoço agroecológico na praça por R\$5,00! É uma baita estratégia de comunicação com a sociedade. Ideais que inspiram! Quatro grupos de agricultores organizaram suas cozinhas com cardápios com alimentos de suas produções e também usuais de suas festas, para facilitar a produção. Teve algum gasto com infraestrutura, como de aluguel de barraca. Foi feita compra de material, prato de plástico e talheres que ficaram pra eles depois, e copos. E dá pra se pensar alternativas para não ter esse gasto. Foi feito um bom investimento em divulgação: carro de som, faixa, banner. Programaram 600 refeições e serviram 700. Boa parte dos produtos foi doado pelos agricultores da região para o ato da caravana. As pessoas de fora ficaram maravilhadas com a diversidade de sabores e produtos da região. O grande saldo foi conectar pessoas, sentimentos e emoções para afirmar que existe agricultura no Rio de Janeiro!”

A ideia da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce nasceu em Casimiro de Abreu-RJ, no momento da culminância da Caravana Agroecológica do Rio de Janeiro, realizada logo após o rompimento da barragem de rejeitos de minério em Mariana (MG). O grupo reunido entendeu que era preciso “fortalecer as lutas da população atingida ao longo de toda a bacia hidrográfica do rio Doce e produzir uma leitura popular sobre a tragédia-crime” para evidenciar a violação de direitos e crimes remetidos à população, além dos “anúncios de

experiências de agroecologia e outras economias possíveis para recuperar a região” (PORTO, 2016).

Para a entrevistada 13, que está com sua obra de restaurante quase pronta, a caravana foi bom para trocar sabedoria, ficou com expectativa de vir outra para mostrar como melhoraram desde lá “eu queria que eles todos voltassem para ver como foi bom a Caravana” (Entrevistada 9, agricultora, 21/03/17).

“Quando chegou a caravana ele [o técnico da região] logo pensou na gente para reanimar, porque estávamos afastadas. Pra gente foi muito bom, a Caravana veio, estávamos sentindo sozinha, sem ânimo, pessoas que se encontram com a gente. [...] É muito bom quando a gente reúne e é todos falando a mesma língua, correndo atrás da mesma coisa. Quando a gente se reúne fortalece, mesmo distante, a gente luta para qualidade de vida melhorar. [...] Aquele casal de professor se emocionaram, me emocionaram, falaram para eu não desistir. Se você encontrar com eles fala que eu mandei um abraço e que é para eles virem aqui ver como ficou a obra.” (Entrevistada 9, agricultora, 21/03/17).

Os desdobramentos diretos para um agricultor entrevistado foram registrados conforme sua fala a seguir. Além de vislumbrar a possibilidade de integrar a conservação da natureza com a produção de arroz, que é tradição de sua família, ele pode divulgar seu trabalho e acessar mercados a partir do almoço agroecológico.

“Eu sempre fui ligado a defender a natureza, me interessa encaixar agora que estou na agricultura familiar. Aí comecei a mexer com arroz de novo, mostrar para o INCRA que é viável. O bom é vender arroz beneficiado para ganhar em cima, um arroz orgânico, embalado a vácuo, pesado. [...] O bom da caravana é que divulga o lugar e o povo do local começa ter outros olhos, quanta gente foi naquele almoço. Conheci gente daqui e de fora, teve troca de semente, de experiência, muito bacana! O arroz foi divulgado, o pessoal de rede entrou em contato comigo, começou a aparecer comprador” (Entrevistado 12, agricultor, 21/03/17).

Para outra entrevistada, a experiência de ser visitada pela caravana foi “boa”. Na sua fala, apareceram questões como diálogo de saberes, redes, troca de experiências, que pela sua vivência, a caravana foi diferenciada de outros espaços que já participou.

“Foi bom, a gente conheceu muita gente, saiu do dia a dia, se não fosse aquela caravana você não estava nem aqui. [...] O estudo e a aprendizagem não pode ficar parado, tem que sentir outras terras, a dificuldade de outras pessoas, se vale a pena ter a agricultura – foi bom pra mim e pra eles. Tinha gente que nunca pisou fora da cidade. [...] já participei de viagens na Rural com o professor que fala as palavra difícil que a gente mais ouvia que falava,

tinha vergonha de perguntar o significado. Nessa não, tinha mais liberdade de perguntar, conversar. Tinha aquela professora gente boa, de cabeça branca” (Entrevistada 10, agricultora, 21/03/17)

É importante entender a caravana como mais uma ferramenta interessante. Ela não gera por si só a transição agroecológica, assim como qualquer metodologia. É na interação viva com os indivíduos, com o contexto social e histórico que se pode avaliar uma metodologia. Conforme traz um entrevistado, “Uma questão bacana de pensar, seus resultados tem que ser pensados em interação com outros processos que já vem ocorrendo, a caravana é mais um movimento que é super importante, que vem solidificar coisas que já vem acontecendo” (Entrevistado 5, extensionista CEDRO, 04/04/17).

“Tu não faz por fazer, ela é um processo, está dentro do contexto, onde as pessoas se visitando elas se fortalecem. Hoje estamos muito abatidos com a história do golpe, perda de direitos e tudo isso. Na Serramar, por exemplo a protagonista dos viveiros, numa das reuniões ela não tinha a dimensão do que era o golpe político, e os reflexos que isso ia trazer. A gente é meio um grupo de gueto, não consegue dialogar com nossa base, às vezes o cara tá fazendo um trabalho bacana, na articulação mesmo, não consegue fazer a conexão da prática, alinhamento de discurso, no cotidiano das pessoas. O desafio que tá colocado, além de levar a ideia da agroecologia para as pessoas que hoje não estão pactuando com a agroecologia, é esse grupo que está aproximado do debate da agroecologia, é de fazer uma reflexão mais profunda da política. A parte dela [da caravana] que ela tem efeito de onda, vai passando, botando as pessoas em contato, é pensar como essa ferramenta, que tem essa qualidade de deslocar no espaço, como isso depois pode desdobrar num aprofundamento do porquê estamos fazendo ou aquilo. É um desafio pensar isso, porque assim como ciclos, não faz sentido fazer todo ano uma caravana, mas ver qual o ciclo é melhor, quais os outros fenômenos que vão acontecer antes, que precisam acontecer pra que as pessoas possam internalizar. Nos outros dias do ano tem que ter uma continuidade de pensar no sistêmico, no todo, no processo.” (Entrevistado 2, bolsista Ambientales, região Norte, Serramar e Metropolitana, 05/04/17).

4.7 Excursão Científica no Rio de Janeiro

Foi pensada a partir da primeira reunião do encontro da Rede de Núcleos em Seropédica, em abril de 2014, e a partir daí, foi abordada novamente na Reunião Estadual do Comboio, e seguiu uma dinâmica paralela à organização da Caravana. No primeiro momento, ela passaria pelos sistemas produtivos da região serrana, nas áreas de atuação da Embrapa Agrobiologia, e no segundo momento, juntamente com o grupo executivo da AARJ, foi decidido que a melhor região para realizar a excursão seria a Costa Verde, mais especificamente na cidade de Paraty.

A atividade foi realizada entre os dias 24 a 27 de maio de 2015, onde os participantes visitaram a Fazendinha Agroecológica km 47 (UFRRJ – EMBRAPA AGROBIOLOGIA – PESAGRO RIO) e três Sistemas Agroflorestais de comunidades tradicionais e agricultores familiares em Paraty.

Se por um lado houve um esforço para que a Caravana Agroecológica e Cultural do Rio de Janeiro fosse construída por muitas mãos, a partir de diversos atores e lugares de atuação, a excursão científica apresentou um outro formato de organização e composição. Para a coordenação do projeto “*Ambientes de Interação Agroecológica*”, quem deveria pensar a Excursão Científica eram os professores e os pesquisadores, já que os participantes prioritários da atividade seriam os estudantes de pós graduação. O objetivo da atividade era o incentivo da postura investigativa, intercâmbio entre estudantes de graduação, pós graduação e técnicos de ATER.

Houve algumas reuniões de organização feitas somente entre professores e pesquisadores para decidir a metodologia da Excursão Científica, a abordagem temática, conceitual, teórica, enfim, para pensar o todo. Depois, foi repassado as tarefas decididas por este grupo aos estudantes e bolsistas, para que pudesse dar prosseguimento à organização operacional da atividade. Foi construído um caderno do participante com a contextualização da Fazendinha Agroecológica km 47 e as experiências agroflorestais a serem visitadas na Costa Verde. Além disso, o caderno continha um pequeno texto introdutório para questões geradoras a partir de temáticas como política pública e redes sociotécnicas, sistemas agroflorestais, aspectos socioeconômicos, etc.

Conforme na concepção do projeto, a excursão científica seria uma ótima oportunidade para os estudantes de pós-graduação, graduação, técnicos de ATER e das demais instituições participantes do projeto se aprofundarem numa experiência agroecológica. Contudo, dependendo da organização dos núcleos de cada estado, a Excursão Científica foi encarada e executada de diferentes maneiras.

Constatamos aí um hábito de parte dos professores e pesquisadores de não considerar que necessitam também da oportunidade de se aprofundar numa experiência agroecológica, pois se fala a partir locais diferentes de atuação. Além disso, necessitam de sempre olhar para agroecologia enquanto ciência como algo em construção, revisitar suas metodologias, suas premissas, seus pressupostos, enfim, revisitar a epistemologia a qual embasa suas pesquisas cotidianas, sua própria “postura investigativa”. Por mais participativo que seja o trabalho de pesquisa de alguns professores e pesquisadores, há sempre o que aprofundar num local que

não é o seu. Sem contar que a agroecologia, a agricultura familiar, a agricultura orgânica, estão em constante evolução e transformação também no sentido produtivo, e a partir disso, essas noções há sempre que ser revisitadas.

Acrescentamos que boa parte dos professores pesquisadores não tem o hábito metodológico de estar no campo com os agricultores familiares que já constroem a agroecologia ou querem construí-la, por diversos motivos, que passam pelo entendimento acerca da burocracia e métrica de produtividade da ciência brasileira como obstáculo intransponível. Isso gera uma insatisfação que pode ser captada na entrevista abaixo:

“Antes era mais próximo o pessoal chegava junto, nós fomos pra rural. Agora está fraco, tem mais trabalho de pesquisa. O pessoal vem, coleta, tipo objeto de pesquisa, e vai embora. Depois não dá retorno nenhum, não sabe que virou. Não gosto desse jeito porque parece que sou rato de laboratório” (Quilombola do Quilombo do Campinho entrevistado durante a Excursão Científica, 26/05/2015)

Outro exemplo pode ser citado, quando uma pequena abertura e mudança de protocolo de centralidade na fala permite que a riqueza do grupo de estudantes seja expressa, que poderia ser a riqueza de qualquer “grupo”, mas foi de estudantes porque esse era o público da atividade. Quando uma das pesquisadoras que estava apresentando a Fazendinha Agroecológica km 47 propôs na hora uma inversão de metodologia, onde, ao invés dela falar sobre a experiência de homeopatia animal, ela sugeriu ouvir dos participantes quem tinha essa experiência, o resultado foi surpreendente para alguns dos pesquisadores ali presentes, já que surgiram 5 depoimentos. “A estudante é tão quietinha, não fazia ideia que ela tinha todo esse conhecimento e histórico com homeopatia” (fala de um professor durante a roda de conversa). Um pesquisador alegou “Nunca ouvi depoimento parecido” se referindo à mesma participante. A pesquisadora que propôs a dinâmica também afirmou que foi impressionante quantas pessoas já tinham contato com homeopatia.

Portanto, reitera-se a necessidade de construir conceitualmente e moralmente (racional e sentimental) o processo de enraizamento da noção de que os professores pesquisadores não são detentores do saber absoluto (ou o melhor saber), para que isso possa se expressar tanto teoricamente nos projetos e publicações, quanto em suas práticas e (auto)reflexões. Ainda que a teoria agroecológica conte com essa premissa, não é o que se vê sempre na prática, pois nem sempre as noções teóricas produzidas conscientemente, são as mesmas reproduzidas pela prática conscientes e inconscientes.

Foi publicado um boletim e um relatório como um dos objetivos das excursões científicas do projeto Comboio Agroecológico Sudeste, através da metodologia da sistematização de experiências, com o objetivo de divulgar as experiências e os aprendizados da excursão científica.

Não foi possível aprofundar na temporalidade do “depois” para continuarmos o processo de entendimento sobre a Excursão Científica no caso do Rio de Janeiro, uma vez que não foi possível realizar uma entrevista com o técnico e agricultor da região via telefone, por motivos de agenda destes.

4.8 Se e como colaborou para a transição agroecológica: aprendizados e desafios

Ao entender que somos indivíduos híbridos, complexos, portadores de inúmeros dispositivos, por muitas vezes contraditórios, ora acessados, ora não, entender que circulamos por espaços, contextos diversos, plurais, polissêmicos, podemos passar a entender que existem muitas “Embrapas Agrobiologias”, muitas “Agroecologias”, muitas “AARJ”. As coisas não são dadas, estão em eterna construção. Por isso a necessidade de se colocar neste movimento de eterno entendimento acerca da eterna construção dos indivíduos, coletivos, instituições, sociedade, e do contexto histórico. Um processo longo, solitário, paciente, mas tão somente solidário e coletivo.

Podemos entender que a rede “é o conjunto de pessoas com quem o ato de manter relações de pessoa a pessoa, de amizade ou de camaradagem, permite conservar e esperar confiança e fidelidade.” E, também, “é importante reconhecer que essas redes, tradicionais ou modernas, são alianças generalizadas criadas na aposta na dádiva e na confiança.” (Caillé, 2002, p. 65 apud MARTINS, 2004). A união dos indivíduos numa rede é dada pelo interesse nesta aliança, se caracterizando num caráter político que complementa o caráter moral da rede de dádiva e confiança.

É importante ressaltar que a reflexão, crítica e desabafo que os coletivos fizeram são também um fruto da Caravana. A organização, realização e avaliação dela ajudou a evidenciar essas contradições, trazê-las à tona, como uma possibilidade de entendimento das complexidades, descontinuidades, processos paradoxais, contraditórios, plurais, e assim, como uma possibilidade de aprendizado coletivo acerca das dinâmicas da agroecologia no Rio de Janeiro, no esforço de aprimorar as tentativas de diálogo de saberes, convergências de agendas e construção da transição de agroecologia nos territórios em sintonia com as demais escalas.

Parece que a questão da comunicação é uma das chaves de entendimento do processo, aprender a se comunicar no sentido da frequência, da forma, do conteúdo, dos pressupostos epistemológicos vinculados à esses sentidos concretos e simbólicos. Não é só a caravana, a instalação pedagógica, a facilitação gráfica, o círculo de cultura (metodologias) que irão garantir o diálogo de saberes, não é só a epistemologia emergente, ou só os indivíduos, mas a interação dessas e outras dimensões, no esforço de construir o que se entender por diálogo de saberes na teoria e na prática.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O mal está de tal modo solto, que não pode ser combatido com violência, mas sim com música e poesia” Nise da Silveira.

A caravana agroecológica e cultural do Rio de Janeiro, que se propôs a ser um método de promoção da transição agroecológica e do diálogo de saberes, trouxe algumas dimensões, categorias e questões importantes para refletirmos coletivamente.

A questão de horizontalizar as relações trata-se de um processo. Não é possível que uma metodologia, por si só, garanta a relação horizontal, sem relações desiguais de poder, sem opressões e boicotes, sem conflitos e disputas. Aliás, “extinguir” o poder, os conflitos, o ego, a sombra, não parece uma solução ou uma meta viável. É necessário aprender a ressignificar e conviver com estas dimensões da realidade da psique e da estrutura social.

Uma metodologia diz ao racional, o que garante seu conceito ser aplicada de fato ou não é se seus princípios se fundamentarem no coração, no sentimento. Ou seja, para que faça sentido, para que não “precise de agenda para lembrar” (ALVES, 1992), é preciso sentir os princípios de horizontalidade e equidade, de maneira interna e externa. É no campo interno de diálogo de cada um que mora o espelho e a projeção, em diferentes momentos, medidas e configurações, de cada possibilidade de superar padrões e hábitos sociais e individuais de dominação, e/ou de reproduzi-las em outros momentos.

A caravana agroecológica e cultural traz em seu coração um potencial enorme, que no caso deste estudo, foi acessado e concretizado várias vezes, mas outras várias vezes não. Portanto, dispondo da metodologia, é a interação entre o contexto histórico, social e psicológico que dialogando entre si irão conduzir os processos através dessa metodologia de uma maneira e/ou de outra, mais dialógico, mais autoritário, mais horizontal, mais hierárquico, mais convencional, mais agroecológico.

Como processo paradoxal, dependendo dos indivíduos, dos contextos sociais, da história do local, de momentos, a construção da caravana agroecológica e cultural do Rio de Janeiro contribuiu e não contribuiu para transitar da ciência cartesiana para uma ciência sistêmica, complexa, agroecológica, pós-normal, pós-moderna, e/ou descolonial, promoveu e não promoveu o diálogo de saberes na construção do conhecimento agroecológico e contribuiu e não contribuiu para transitar de um estado de inconsciência automática, que reproduz padrões, que não assume compromissos, para um estado de individuação, um “Ser Maior” compromissado com si mesmo e com os coletivos. No construir, realizar e avaliar da

Caravana Agroecológica do Rio de Janeiro foi possível, portanto, polir as lentes de ver, sentir, pensar, intuir, ser e estar no mundo.

As metodologias são construídas em cima de uma base epistemológica e são aplicadas por pessoas em seus espaços. Ambas (a base epistemológica e as pessoas) estão inseridas num contexto histórico, social, econômico, ambiental e cultural. Além disso, os indivíduos guardam suas peculiaridades psicológicas, que não são construídas desconectadas de seu território e contexto, mas que ao mesmo tempo lhe são próprias e características. Para dar conta de palavras como afetividade, cuidado, solidariedade, é necessário que se reveja as bases epistemológicas do ponto de vista moral e ético, pois trazer esses valores e entendê-los como dados ou entendidos por todos não parece ser um caminho suficiente. É necessário procurar entender o que é solidário, o que é diálogo, o que é afetividade, o que é cuidado, o que é amor, para que possamos afirmar que estamos construindo uma rede com essas características ou com essas demandas.

Algumas pistas já puderam ser apreendidas nos espaços circulados durante execução do projeto dessa pesquisa. Mas se faz necessário aprofundar muito mais nessa apreensão, nesse embasamento teórico e prático acerca desses valores que estão sendo demandados como componentes das redes em eterna formação, entendendo como, se e quando se dialoga o valor moral com a prática cotidiana (coerência), entendendo o paradoxo, a incoerência, a contradição de nossas ações como um fato comum, mas que podem ser ressignificadas e reformuladas a partir de uma série de ferramentas e vontades.

Para reconhecer as ambivalências da ciência moderna é necessário reconhecer as ambivalências existentes dentro de nós mesmos e nos círculos que fazemos parte. “A individuação é o tornar-se um consigo mesmo, e ao, mesmo tempo, com a humanidade toda, em que também nos incluímos” (Jung, 1987, p. 103). As caravanas, como os indivíduos e coletivos que a compuseram, trouxeram momentos de luzes e momentos de sombras, pois é um processo vivo, que respira, pulsa, traz capilaridade, oxigena, e que por isso mesmo também traz contradições, conflitos, rupturas, possibilidades de reflexão para ressignificar alguns convencionalismos. A sombra que emerge ou que é percebida (e muitas vezes ignorada) não desqualifica, tampouco diminui ou ofusca a luz que os indivíduos, coletividades ou processos trazem. Da mesma forma, a luz irradiada nesses espaços não impede que haja a sombra. O que ofusca a luz, talvez, seja o hábito de ignorar, esconder ou negar a dualidade dos processos, indivíduos e instituições, negar o princípio do paradoxo.

As contradições, se assumidas, nos dão boas pistas de quais são os desafios, e por consequência, possibilidades que elas oferecem. As contradições e conflitos são nada menos que oportunidades de observar os convencionalismos dos indivíduos e dos coletivos e ressignificá-los, se assim for o desejado no momento. Por isso oferecem ao mesmo tempo desafios, entraves, mas se assumidas, observadas, dialogadas e ressignificadas, ofertam possibilidades.

A agroecologia, como toda teoria, tem que fazer sentido. Para que faça sentido, tem que atingir o universo do sentir, senão seria fazer “pensido” e não fazer sentido. Para que nasça no coração, permitamo-nos experimentar ferramentas de auto avaliação e autoconhecimento individual e coletivo, com a mesma urgência e intensidade que queremos avaliar e conhecer o mundo de fora. Permitamo-nos utilizar as ferramentas artísticas e místicas que acessam e desenvolvem nosso sentir e intuir, potencializando práticas importantes como alteridade, solidariedade, paciência e cuidado.

Caravana “substantivo feminino. Grupo de peregrinos, de mercadores ou de viajantes que, por medida de segurança, se juntam para viajar pelo deserto. ETIM ár. qairauãn 'caravana', do persa karwan 'fila de camelos, grupo de viajantes’”. Troquemos camelos por automóveis movidos a combustível fóssil. A palavra Caravana traz consigo seus significados que podem ser, de maneira análoga, ainda verificada no dia de hoje. Atravessamos desertos verdes, monocultivos de eucalipto e pasto degradado, atravessamos um deserto de lama, atravessamos um deserto de egoísmo externo e interno. Juntos, por medida de segurança. Seguros de um mundo mais agroecológico que está, passo a passo, sendo (re)construído por todas e todos que assim desejam. Passando por oásis que garantem que a sede de justiça seja saciada e que a centelha de esperança não se apague.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AARJ. **Caminhos agroecológicos do Rio de Janeiro: caderno de experiências agroecológicas**. 1.ed. Rio de Janeiro, 2014. 249 p
- ADAM, J.C. **Liturgia como prática dos pés**. Estudos Teológicos, 42 (3):52-69, 2002
- ADICHIE, C.N. **Para educar crianças feministas**. Tradução: Denise Bottmann. Companhia das Letras. 2017. 96 p.
- ALENTEJANO, P.R. **A evolução do espaço agrário fluminense**. GEOgraphia. v. 7, n. 13, 2005.
- ALENTEJANO, P. **Um breve balanço da agricultura e da política agrária no estado do Rio de Janeiro nas últimas décadas**. II Caderno de Textos do Grupo de Trabalho em Assuntos Agrários. Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seções Rio de Janeiro e Niterói. 2012
- ALMEIDA, A.A. **A mística na luta pela terra**. Revista NERA Presidente Prudente Ano 8, n. 7 pp. 22-34 Jul./Dez. 2005
- ALTIERI, M. A. et al. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.
- ALVES, L. C. F.; BARBOSA, W. A.; CARDOSO, I. M.; MANCIO, A. B.; JUCKSCH, I.; COELHO, E. P.; SANTOS, M. L. (Orgs.). **Troca de saberes: flores das sombras da agroecologia**. Viçosa, PEC/UFV, 2011.
- ALVES, R. A. **O retorno e terno**. Papyrus Editora, 1992.
- ALVIM, M.H. **Instalações Pedagógicas: Experimentos de um conceito em construção**. Viçosa – MG, 2013
- ANA. **O legado das caravanas agroecológicas rumo ao III Encontro Nacional de Agroecologia**. 2014. Disponível em <<http://www.agroecologia.org.br/2014/03/18/o-legado-das-caravanas-agroecologicas-rumo-ao-iii-encontro-nacional-de-agroecologia/>>
- ARAUJO, J.P. **Impasses, Desafios e Brotos: O Papel da Assessoria na Transição Agroecológica em Assentamentos Rurais**. UFRN, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/13712/1/JoaquimPA.pdf>>
- AS-PTA. **Análise Econômica-Ecológica dos Agroecossistemas**. 2015. Disponível em: <<http://AS-PTA.org.br/2015/05/metodo/>>.
- BARRERA-BASSOLS, N. et al. **Symbolism, knowledge and management of soil and land resources in indigenous communities: Ethnopedology at global, regional and local scales**. Catena 65, 2006. p. 118 – 137
- BARREIRA, I. A. F. **Ritual e símbolo na política**. Cadernos Ceru, v. 7, n. 1, p. 9-35, 1996.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. Tradução de Marco Estevão. 3ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

BECKER, H.S. **Segredos e truques da pesquisa**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BRANDÃO, C.R. **Pesquisar-participar**. In: BRANDÃO, C.R. (Org.) Pesquisa Participante. São Paulo. Ed Brasiliense, 1999. p. 9-16

BRANDÃO, C.R. **Festas de trabalho**. In: PESSOA, J. M. et al. Aprender e ensinar nas festas populares. Rio de Janeiro: Salto para o Futuro/TV Escola/SEED/MEC, Boletim 02, 2007.

BRASIL. **Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica**. Câmara Interministerial de Agroecologia e Produção Orgânica. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www.agroecologia.org.br/files/importedmedia/planapo-nacional-de-agroecologia-e-producao-organica-planapo.pdf>>

BONI, V., QUARESMA, S. J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Em Tese, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>

BUTTEL, F.F. **Environmentalization: origins, processes, and implications for rural social change**. Rural Sociology, v.57, n.1, p. 1-27, 1992.

CAPORAL, F.R; COSTABEBER, J.A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. 24 p. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004

CARDOSO, I.M., FERRARI, E. A. **Construindo o conhecimento agroecológico: trajetória de interação entre ONG, universidade e organizações de agricultores**. Agriculturas - v. 3 - no 4 – dez. 2006

CARTA POLÍTICA DA CARAVANA TERRITORIAL DA BACIA DO RIO DOCE, 2016. Disponível em <<http://www.agroecologia.org.br/2016/04/26/carta-politica-da-caravana-territorial-do-rio-doce/>>

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISA. **CHAMADA MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq Nº 81/2013**. Disponível em: http://cnpq.br/chamadas-publicas?p_p_id=resultadosportlet_WAR_resultadoscnpqportlet_INSTANCE_0ZaM&id=503-1-2096&detalha=chamadaDetalhada&filtro=abertas

COMBOIO AGROECOLÓGICO SUDESTE. **Projeto submetido ao Conselho Nacional de Pesquisa**. 2014.

CONNELL, R. **A iminente revolução na teoria social**. Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol. 27 Nº 80 outubro/2012

DE LIMA E SOUZA, A.M.F. O viés androcêntrico em biologia. In: COSTA, A. A. A.; SARDENBERG, C. M. B. (Org) **Feminismo, ciência e tecnologia**. Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR), Núcleo de

Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2002.

DA SILVEIRA, N. **Jung, vida e obra**. J. Alvaro, 1974.

DE FIGUEIREDO, C. D. **Da utopia à distopia: política e liberdade**. Eutomia-ISSN: 1982-6850, v. 1, n. 03, 2015.

DE SOUZA, E. R.; CICCARONE, C. **Trânsito das Almas: romarias camponesas e sacralização dos mártires da terra**. Habitus, v. 10, n. 1, p. 21-38, 2012.

DRAGO, I. et al. **Metodologias que estimulam o compartilhamento de conhecimento: a experiência do Global Forum América Latina - GFAL**. AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 38-49, jun. 2011. ISSN 2237-826X. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/41282/25204>>. Acesso em: 30 ago. 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/atoz.v1i1.41282>

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Zahar, 1994.201 p. Paginação referente ao E-book.

EMBRAPA. **Marco referencial em agroecologia**. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Brasília, .2006. 70 p.

FALS BORDA, O. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C.R. (Org.) **Pesquisa Participante**. São Paulo. Ed Brasiliense, 1999. p. 42-62.

FAO, IFAD & WFP. **The State of Food Insecurity in the World 2014. Strengthening the enabling environment for food security and nutrition**. Rome. 2014.

FLORIANI & FLORIANI. **Saber Ambiental Complexo: aportes cognitivos ao pensamento agroecológico** Rev. Bras. de Agroecologia, Porto Alegre, 4 5(1): 3-23 (2010).

FRANCIS C., et al. **Agroecology: The ecology of food systems**. J. Sustain. Agr. 22, 99–118. 2003.

FREIRE, P. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, C.R. (Org.) **Pesquisa Participante**. São Paulo. Ed Brasiliense, 1999. p. 35-41.

_____. **Extensão ou comunicação?** Editora Paz e Terra, 2014.

FUNTOWICZ, S.; RAVETZ, J. **La ciencia de la era post normal**. Traducción del artículo “Science for the postnormal age” publicado en por Futures em septiembre de 1993.

GALEANO, E. **Sangue Latino**. Canal Brasil. Direção: Felipe Nepomuceno. Urca Filmes. 2010. Disponível em: <<https://vimeo.com/channels/sanguelatino/18746949>>. Acesso em: novembro, 2016.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1ª ed., Rio de Janeiro. LTC, 2008.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. PLAGEDER, 2009. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>

GLIESSMAN, S. R. **Agroecology: researchingtheecologicalbasis for sustainableagriculture**. In: Agroecology. Springer New York, 1990. p. 3-10.

_____. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Ed. da Univ. Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2001.

_____. **Agroecology: the ecology of sustainable food systems**. CRC Press, Taylor & Francis, New York, USA, 2007. 384 p.

_____. **A Voice for Sustainability from Latin America**. Editorial. Journal of Sustainable Agriculture, 36: 1-2. 2012.

_____. **Agroecology: a global movement for food security and sovereignty**. In: Agroecology for Food Security and Nutrition: Proceedings of the FAO International Symposium. Biodiversity & Ecosystem Services in Agricultural Production Systems, FAO, 2015.

GOMES, J.C.C. **As Bases Epistemológicas da AE**. In: MDA/DATER. 1993.

GOULART, F.F., CARVALHO-RIBEIRO, S. AND SOARES-FILHO, B. **Farming-Biodiversity Segregation or Integration? Revisiting Land Sparing versus Land Sharing Debate**. Journal of Environmental Protection, 7, 1016-1032. 2016. <http://dx.doi.org/10.4236/jep.2016.77090>

GUZMÁN, E.S. **A perspectiva sociológica em Agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas**. Agroecol.eDesenv.Rur.Sustent., Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002

HETCH, S.B. **A evolução do pensamento agroecológico**. Agroecologia e desenvolvimento. Ano 1. N.1. Agosto, 1993. Pg. 4-20.

INSTITUTO LULA. História. **Caravanas da Cidadania**. Disponível em: <<http://www.institutolula.org/historia>>. Acessado em 2017.

JUNG, C.G. **O Eu e o Inconsciente**. Petrópolis, Vozes. 2008.

_____. **Tipos psicológicos**. Petrópolis, Vozes. 2011.

_____. **A prática da psicoterapia**. In Obras completas de C. G. Jung (Vol. 16). Petrópolis, Vozes. 1987.

_____. **O homem e seus símbolos**. Editora Nova Fronteira, 1964.

KRIPPENDORFF, K. **Metodologia de análisis de contenido: teoria e práctica**. Barcelona, Ediciones Paidós, 1990.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: editora Cortez, 2001.

_____. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder**. Editora Vozes, Petrópolis, 2001.

LIMA, E.; DELGADO N.; MOREIRA, R. (Orgs.) **Mundo rural IV: configurações rural urbanas, poderes e políticas**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2007

LOUREIRO, C.F.B.; FRANCO, J.B. **Aspectos teóricos e metodológicos do círculo de cultura: uma possibilidade pedagógica e dialógica em educação ambiental**. AMBIENTE & EDUCAÇÃO. vol. 17(1), 2012.

MACHADO, A. **Proverbios y cantares**. El País, 2003.

MACHADO, P. H. et al. **Uso da Facilitação Gráfica na Construção do Conhecimento Agroecológico: Ênfase na Formação de ATER para Atuação Participativa na Perspectiva Agroecológica**. Cadernos de Agroecologia. Vol 10, Nº 3, 2015. Disponível em: <<http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/17987/11373>>

MACHÍN-SOSA, B. et al. **Revolución agroecológica: el movimiento de campesino a campesino de la ANAP en Cuba**. Via Capesina. 2010. Disponível em: <<https://viacampesina.org/downloads/pdf/sp/2010-04-14-rev-agro.pdf>>

MAKARENKO A. S. **Poema pedagógico**. Ed. 34. SP. 2005

MARQUES, F. C. **Velhos conhecimentos, novos desenvolvimentos: transições no regime sociotécnico da agricultura: a produção de novidades entre agricultores produtores de plantas medicinais no Sul do Brasil**. Porto Alegre, 2009.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MOONY, P.R. **O Século 21: Erosão, Transformação Tecnológica e Concentração do Poder Empresarial**. São Paulo: Expressão Popular, 2002. 224 p

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Ed. revista e modificada pelo autor - 8ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 350p.

MARTINS, H. H. T. S. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, ago. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 26 out. 2016.

_____. **As redes sociais, o sistema da dádiva e o paradoxo sociológico**. Redes Sociais e Saúde. UFPE. Recife, 2008.

MEDEIROS. P.L.G. **Aspectos do poder e do cotidiano em Norbert Elias**. Em Tese, Vol. 3 n. 2 (2), jan-jul. 2007. p. 168-181

MINAYO, MC de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes. 2007

MIGNOLO, W. D. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: Literatura, língua e identidade, n.34, p.287-324, 2008.

NASSER, Y. B. A. N. **A identidade corpo-psique na psicologia analítica**. Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 325-338, ago. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812010000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 18 março 2017.

NORDER, L.A. et al. **Agroecologia: polissemia, pluralismo e controvérsias**. Redes de agroecologias: experiências no Brasil e na França, p. 248 p., 2015.

PORTO, M. F. S.; ROCHA, D. F; FINAMORE, R. **Saúde coletiva, território e conflitos ambientais: bases para um enfoque socioambiental crítico**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 19, n. 10, p. 4071-4080, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org/article_plus.php?pid=S1413-81232014001004071&lng=pt&lng=en>. Acesso em 05 de maio de 2017.

PORTO, M F. S. **A tragédia da mineração e a experiência da caravana territorial da bacia do rio Doce: encontro de saberes e práticas para a transformação**. Cienc. Cult., São Paulo, v. 68, n. 3, Set. 2016. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000300014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Outubro de 2016.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A Reinvenção dos Territórios: a experiência latino-americana e caribenha**. Los desafíos de las emancipaciones en un contexto militarizado, p. 151-197, 2006.

RELATÓRIO DA OFICINA DE CARAVANA AGROECOLÓGICA, 2015.

RELATÓRIO DO CURSO DE PLANEJAMENTO E FORMAÇÃO EM REDE, 2014.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

ROSSET, P.M.; SOSA, B. M.; JAIME, A, M. R.; LOZANO, D.R.A. **The Campesino-to-Campesino agroecology movement of ANAP in Cuba: social process methodology in the construction of sustainable peasant agriculture and food sovereignty**. The Journal of PeasantStudies, 38:1, 161-191, 2011.

SANTANA, B.S., CONDE, L.C.D., GODOI, S. A., TAVARES, P. D., CATHARINO, U., BALTAR, M.D. **O processo de estruturação do Núcleo Interdisciplinar em Agroecologia da UFRRJ**. In: XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária, 2012, Uberlândia. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária. Uberlândia: UFU/LAGEA, 2012. J. Acesso em 23/04/2017. Disponível em: <http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1054_1.pdf>

SANTOS, Boaventura S. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.** Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 79, p. 71-94, Nov. 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004&lng=en&nrm=iso>. Access on 15 July 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>.

_____. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências.** *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, Outubro 2002: 237-280

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4 ed. 7. Reimpr. – São Paulo: Editora da USP, 2012, 1996.

SARDENBERG, C. M. B. **Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista?** In: COSTA, A. A. A.; SARDENBERG, C. M. B. (Org) *Feminismo, ciência e tecnologia.* Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR), Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2002.

SCHMITT, Cláudia J. **Transição agroecológica e desenvolvimento rural: um olhar a partir da experiência brasileira.** In SAUER, S. e BALESTRO, M.V (Org). *Agroecologia e os desafios da transição agroecológica.* São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. **Redes, atores e desenvolvimento rural: perspectivas na construção de uma abordagem relacional.** *Sociologias*, Porto Alegre, ano 13, no 27, mai./ago. 2011, p. 82-112

SILIPRANDI, Emma. **Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais.** *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, v. 1, n. 1, p. 61-71, 2000.

SILVA, J.C.B.V., BRADENBURG, A. **Ecologização do agricultor familiar: transição e ecoformação rumo a sistemas mais sustentáveis.** *Redes de agroecologias: experiências no Brasil e na França*, p. 248 p., 2015.

TOLEDO, Victor M. **Biodiversity and indigenous peoples.** Pages 330-340. In: S. A. Levin, editor. *Encyclopedia of Biodiversity.* Academic Press, San Diego, California, USA, 2001.

_____. **Ecología, espiritualidad y conocimiento.** México: Programa de las Naciones Unidas Para el Medio Ambiente y Universidad Iberoamericana, 2003.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais.** *Expressão Popular/AS-PTA.* Rio de Janeiro, 2015.

TSCHARNTKE, T.; CLOUGH, Y.; WANGER, T.C.; JACKSON, L.; MOTZKE, I.; PERFECTO, I.; VANDERMEER, J.; WHITBREAD, A. **Global food security, biodiversity conservation and the future of agricultural intensification.** *Biological Conservation*, v.151, p.53-59, 2012. DOI: 10.1016/j.biocon.2012.01.068

VANDERLINE, T. **A peregrinação por um novo território.** *GEOgraphia*, América do Norte, 10, abr. 2010. Disponível em:

<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/236/223>. Acesso em: 06 abril 2017.

WEZEL, A. et al. **Agroecology as a science, a movement and a practice. A review.** Agronomy for Sustainable Development, vol. 29, p. 503–515, 2009.

ANEXO

Questionário e observações da Caravana agroecológica e cultural do RJ 25-28/11/15

Mariana Telles Rocha – entendendo a Caravana

Objetivo do questionário: contextualizar o lugar que você vem e sua opinião sobre a caravana

- NOME, LOCALIDADE, OCUPAÇÃO, VÍNCULO INSTITUCIONAL/FAZ PARTE DE ALGUM COLETIVO?

CONTEXTUALIZAR A AGROECOLOGIA NO TERRITÓRIO ANTES DE IR PARA OS ATORES ESPECÍFICOS

- a) Como é a construção da agroecologia no lugar que você trabalha/aqui?
- b) Quais são as pessoas/atores que você se relaciona? Eles têm interações com outras pessoas que não trabalham direto com você?
- c) Quais tarefas/papéis que essas pessoas têm aqui no território? E você?
- d) Qual frequência/periodicidade vocês se articulam/organizam?
- e) Tem algum financiamento desse pessoal que trabalha por aqui/lá?

Perguntas relativas às Caravanas Agroecológicas e Culturais

ATORES DO PONTO DE CULMINÂNCIA

Do território Serramar/Casimiro de Abreu

- a) As ideias das Caravanas (CAC) chegaram como por aqui?
 - a. Se veio de fora, porque vocês acharam interessante?
- b) Quem está envolvido com a Caravana aqui? A participação foi a mesma para todos os atores?
- c) Você está participando? Qual seu papel na construção da CAC?
- d) Como está sendo feita esta construção?
- e) Qual a importância da CAC para o território AASM/Casimiro?
- f) Vê ganhos (desdobramentos) diretos? ... E indiretos? Quais?
- g) O que é CAC para você? E qual o objetivo?
- h) Conhece o Comboio Agroecológico Sudeste? E Núcleo Interdisciplinar em Agroecologia? E Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro? Sabe quem compões esses coletivos?
- i) Como as experiências foram escolhidas?

De outro lugar

- a) As ideia das Caravanas chegaram como por aqui?
 - a. Se veio de fora, porque vocês acharam interessante?
- b) Quem está envolvido com a Caravana aqui? A participação foi a mesma para todos os atores?
- c) Você está participando? Qual seu papel na construção da CAC?
- d) Como está sendo feita esta construção?
- e) Qual a importância da CAC para o território AASM/Casimiro?
- f) Vê ganhos (desdobramentos) diretos? ... E indiretos? Quais?
- g) O que é CAC para você? E qual o objetivo?
- h) Conhece o Comboio Agroecológico Sudeste? E Núcleo Interdisciplinar em Agroecologia? E Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro? Sabe quem compões esses coletivos?
- i) Porque você está ajudando aqui no território?

ATORES QUE VIERAM DAS ROTAS

Anfitriões

- a) Como a história das Caravanas chegou por lá?
 - a. Se veio de fora, porque vocês acharam interessante?
- b) Quem está organizando a Caravana lá de onde você veio? ~~A participação foi a mesma para todos os atores?~~
- c) Você participou? Qual seu papel na construção da CAC?
- d) Como está sendo feita esta construção?
- e) Qual a importância da CAC para o território?
- f) Vê ganhos (desdobramentos) diretos? ... E indiretos? Quais?
- g) O que é CAC para você? E qual o objetivo?
- h) Conhece o Comboio Agroecológico Sudeste? E Núcleo Interdisciplinar em Agroecologia? E Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro? Sabe quem compões esses coletivos?

Que visitaram

- a) Quem está organizando a Caravana lá onde você visitou. E de onde veio?
- b) Como ficou sabendo? Porque quis participar?
- c) Qual seu papel na construção da CAC?
- d) Como foi feita esta construção?
- e) Qual a importância da CAC para o território?
- f) Vê ganhos (desdobramentos) diretos? ... E indiretos? Quais?
- g) O que é CAC para você? E qual o objetivo?
- h) Conhece o Comboio Agroecológico Sudeste? E Núcleo Interdisciplinar em Agroecologia? E Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro? Sabe quem compões esses coletivos?

OBSERVAR OS ATORES PERIFÉRICOS (QUEM TÁ PASSANDO) E VER O QUE ESTÃO ACHANDO. A caravana está comunicando para fora?

- a) E esse movimento/pessoal aí? Você sabe o que é?

QUESTIONÁRIO CÍRCULO DE CULTURA PAULO FREIRE

- 1.1.1. O que são as Caravanas Agroecológicas e Culturais?
- 1.1.2. Qual palavra sintetizaria algo que deveríamos prestar atenção, que não tivemos perna ou não prestamos atenção devida, para uma próxima caravana?